



**ESCOLA DE ENGENHARIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN**

Renata Gastal Porto

**Processo de identificação em comunidades
da agricultura familiar: Da linguagem verbal à visual**

Porto Alegre
2012



**ESCOLA DE ENGENHARIA
FACULDADE DE ARQUITETURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN**

Renata Gastal Porto

**Processo de identificação em comunidades
da agricultura familiar: Da linguagem verbal à visual**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a obtenção do Grau de Mestre em Design.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Carlos de Souza van der Linden.

Porto Alegre
2012

Renata Gastal Porto

**Processo de identificação em comunidades
da agricultura familiar: Da linguagem verbal à visual**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Design, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS.

Porto Alegre, 31 de Novembro de 2012.

Prof. Dr. Fábio Gonçalves Teixeira
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design da UFRGS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Rosa Maria Vieira Medeiros
Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFRGS

Prof. Dr^a. Istefani Caruso de Paula
Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Transportes - UFRGS

Prof. Dr. Eber Pires Marzulo
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional - UFRGS

Prof. Dr^a. Suely Dadalto Fragoso
Programa de Pós-Graduação em Design - UFRGS

Orientador - Prof. Dr. Júlio Carlos de Souza van der Linden
Programa de Pós-Graduação em Design - UFRGS

Agradecimentos

O Desenho é uma paixão que teve início na minha infância. Por isso, agradeço à minha mãe, Maria Clara, quem sempre incitou essa minha propensão ao Desenho. Ao meu pai, Victor Hugo, por ser minha inspiração nas esferas profissional e pessoal. Ao meu irmão, Rafael, essencial para a evolução deste trabalho. Ao meu companheiro, Alex, pelas trocas de experiência diárias sobre como fazer Design. Todos estes foram essenciais no apoio intelectual e emocional ao longo deste últimos dois anos.

Aos professores Eber Marzulo, Rosa Medeiros, Suely Fragoso e Maria do Carmo Curtis, pelo apoio, orientações e conversas acerca desta pesquisa. Ao meu orientador, Julio van der Linden, por ter cedido espaço no seu projeto de pesquisa para o desenvolvimento da minha dissertação.

Às Mulheres da Terra pela motivação, disponibilidade e informações cedidas para o estudo, além de toda a confiança depositada ao relatarem aspectos pessoais de suas vidas. À Naia de Oliveira e à Cristina Araújo que foram especiais devido à sua experiência de vida junto Mulheres da Terra.

Aos bolsistas do projeto que estiveram envolvidos dando suporte em diversos momentos da pesquisa.

Aos colegas do curso de mestrado pelo convívio e trabalhos publicados em parceria.

À CAPES, órgão de financiamento dos meus estudos.

Resumo

Porto, Renata Gastal. **Processo de identificação em comunidades da agricultura familiar: Da linguagem verbal à visual**. 2012. 133f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Design. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Esta pesquisa trata fundamentalmente das possibilidades do Design agir no processo de valorização e fortalecimento de comunidades, em específico no setor da agricultura familiar, por meio da representação gráfico-visual da identidade desses sujeitos. A hipótese é que o modo de distribuição dos agricultores nas terras desapropriadas pelo Incra, associada a problemática da fragmentação das identidades na contemporaneidade, podem ser causas para a falta de coesão entre os sujeitos, refletindo na questão da identidade coletiva. Assim, o objetivo é desenvolver um procedimento para a representação gráfico-visual da identificação das Mulheres da Terra por meio de um mosaico conceitual. Para a coleta de dados são adotadas duas técnicas, as histórias de vida, que têm como tema central a identidade, onde se busca compreender a trajetória biográfica de cada membro; e aplicação de questionário, que aborda questões sobre a individualidade dos sujeitos e as suas relações com o ambiente e o próximo. Na fase de interpretação dos dados se faz a síntese dos termos, conceitos e palavras similares ou sinônimas encontradas no conjunto do material. Aplica-se a técnica de análise linguística denotativa aos conceitos previamente definidos, reunindo-se os elementos necessários para construção o mosaico conceitual. A pesquisa indica que por essas mulheres serem constituídas de diversidades culturais, tradições, linguagens e de suas histórias particulares, as identidades são genuinamente híbridas. Acredita-se que o fato das mulheres serem originárias de diversas regiões, reforça a questão da problemática da fragmentação das identidades na contemporaneidade. Sobre o produto final, o mosaico visual, ainda que tenha se utilizado uma estrutura formal que remeta à composição de mosaico conhecida, a peça gráfica se relaciona com a concepção de quebra cabeça associada a de mosaico científico. Por fim, o Design por meio de práticas conjuntas, pode agir de modo a facilitar essas relações de encontrar os pontos em comum e distintivos que configuram cada uma das pessoas, de modo a mostrar graficamente no que se constitui essas identidades, ainda que estas não sejam finalizadas.

Palavras-chave: Design social, Identificação, Agricultura familiar, Mulheres da Terra

Abstract

Porto, Renata Gastal. **Processo de identificação em comunidades da agricultura familiar: Da linguagem verbal à visual**. 2012. 133f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Design. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

This research deals fundamentally with the possibilities of Design act in the process of recovery and strengthening communities, specifically in family farming sector, through graphic-visual representation of the identity of these individuals. The hypothesis is that the mode of distribution of farmers on the land expropriated by Incra associated to the problematic of fragmentation of identities in contemporaneity, can be causes for the lack of cohesion among the subjects, reflecting on the issue of collective identity. So, the objective is to develop a proceeding for representing graphic-visual identification of farmers group Women's Earth through a conceptual mosaic. For data collection, two techniques are adopted: life stories, whose central theme is identity, where one seeks to understand the life histories of each member; and a questionnaire, which addresses questions about the individuality of the subjects and their relationships with the environment and the next. At the stage of data interpretation becomes the synthesis of terms, concepts and similar words or synonyms found throughout the material. Applies the technique of denoting linguistic analysis to the concepts previously defined, gathering the information necessary to construct the mosaic concept. The research indicates that these women are made of cultural diversity, traditions, languages and their particular histories, soon the identities are genuinely hybrid. It is believed that the fact that women are originating from different regions, reinforces the problematic question of fragmentation of identity in contemporary life. On the final product, the visual mosaic, although it has a formal structure used to refer to the composition mosaic known, the graphic part is related to the conception of a puzzle associated with mosaic scientific. Finally, the Design through joint practices may act to facilitate these relationships to find common points and badges that shape each person in order to show graphically what constitutes these identities, although these do not are finalized.

Keywords: Social design, Identification, Family Farming, Women's Earth.

Lista de figuras

Figura 1	Contexto da Revolução Industrial e o processo de urbanização	21
Figura 2	Modelos de cultivo baseado na agricultura familiar e na monocultura	22
Figura 3	Registro da porcentagem de imóveis rurais no território brasileiro em 2003	23
Figura 4	Porcentagem de beneficiários da reforma agrária do gênero feminino	24
Figura 5	Cooperativas de produtores da agricultura familiar expõe na feira internacional de orgânicos Biofach em Nuremberg	25
Figura 6	Produtoras rurais participantes do grupo Mulheres da Terra	27
Figura 7	Detalhe do Metropolitano Delta do Jacuí: localização e delimitação da área geográfica	28
Figura 8	Metropolitano Delta do Jacuí: Corede de localização das Mulheres da Terra	28
Figura 9	Mapa do Assentamento Rural Filhos de Sepé, RS	29
Figura 10	Conjunto de produção das Mulheres da Terra	30
Figura 11	Estrutura da panificadora das Mulheres da Terra	31
Figura 12	Etapas do processo criativo em Design	34
Figura 13	Etapas de desenvolvimento da pesquisa	35
Figura 14	Produtos desenvolvidos no projeto Ação Design na Aquicultura Familiar, SC	38
Figura 15	Cadeira tubular <i>Vkoutein</i> , de Vladímir Tátlin, 1927	41
Figura 16	<i>Beat the Whites with the Red Wedge</i> , de El Lissitzki, 1919	41
Figura 17	Serviço de chá em porcelana (1929-32) e em vidro (1931), de Ladislav Sutnar	42
Figura 18	Capas da revista Bauhaus	42
Figura 19	Produtos orientados pelo Design Social: Lâmpada repelente contra insetos e Água Potável	46
Figura 20	Fundamentos do conhecimento em Design	48
Figura 21	Modelos de estrutura dos infográficos	52
Figura 22	Projeto Alto Camaquã, exemplo de desenvolvimento territorial endógeno	60
Figura 23	Estrutura do trabalho desenvolvida nas oficinas	69
Figura 24	Questões aplicadas em cada uma das etapas durante as oficinas de histórias de vida	70
Figura 25	Estrutura do questionário	70
Figura 26	Códigos de análise aplicados na leitura das histórias de vida	73

Figura 27	Exemplo de texto transcrito e analisado a partir dos códigos	73
Figura 28	Registro fotográfico da aplicação do questionário	86
Figura 29	Mesorregiões geográficas de origem das Mulheres da Terra	87
Figura 30	Coredes de origem das Mulheres da Terra	87
Figura 31	Lista de imagens estruturadas de acordo com as categorias de análise	92
Figura 32	Estudo das formas para a organização da informação	92
Figura 33	Arranjo das representações gráficas a partir de modelo cíclico	93
Figura 34	Arranjo das representações gráficas a partir de modelo sequencial	94
Figura 35	Arranjo das representações gráficas sobre os fatos, locais, sujeitos e objetos	94
Figura 36	Mosaico <i>Nebula Chroma</i> , de Sonia King, 2009	95
Figura 37	Distinção das representações gráficas por categorias de cores	95
Figura 38	Iconografias, fonografias e legendas para composição das representações gráficas	96

Lista de tabelas

Tabela 1	Exposição comparativa dos modelos de desenvolvimento rural	59
Tabela 2	Registro das participantes na coleta de dados	78
Tabela 3	Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa infância	80
Tabela 4	Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa adolescência	81
Tabela 5	Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa adulta	83
Tabela 6	Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa talentos	85

Lista de siglas e abreviaturas

AR	Assentamento Rural
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Incra	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
PNRA	Plano Nacional de Reforma Agrária
RS	Estado do Rio Grande do Sul
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
UC	Unidade de Conservação
APA	Área de Proteção Ambiental
IBGE	Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FEE	Fundação de Economia e Estatística
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
NGD	Núcleo de Gestão de Design
SC	Estado de Santa Catarina
HfG	<i>Hochschule für Gestaltung</i>
RV	Revolução Verde
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Apêndices

Apêndice A	Modelo de questionário
Apêndice B	Totalidade das histórias de vida
Apêndice C	Listagem de respostas obtidas a partir das histórias de vida
Apêndice D	Listagem de respostas obtidas a partir do questionário
Apêndice E	<i>Storyboard</i> do vídeo
Apêndice F	Mídia interativa: Concepção e Desenvolvimento do mosaico conceitual

Anexos

- Anexo A** Projeto de pesquisa Design e Mulheres da Terra: território, produção, identidade e Sustentabilidade
- Anexo B** Exemplos de infográficos

Sumário

Introdução	14
Capítulo 1	
A prática de Design na esfera social	21
1.1 Delimitação da pesquisa	21
1.2 Problema de pesquisa	31
1.3 Pressupostos da pesquisa	32
1.4 Objetivos	32
1.4.1 Objetivo geral	32
1.4.2 Objetivos específicos	32
1.5 Concepção geral do método	32
1.6 Justificativa	36
Capítulo 2	
Design, identificação e Agricultura familiar	40
2.1 Design social não é novidade	40
2.2 Epistemologia do Design: a pesquisa através da prática	47
2.3 Da linguística à desenhística: projetar pelo Design	49
2.4 Identidade e identificação	54
2.5 Aspectos gerais da agricultura familiar	57
Capítulo 3	
Procedimentos metodológicos	66
3.1 Procedimentos gerais da pesquisa	66
3.2 Coleta de dados com as Mulheres da Terra	68
3.3 Análise de conteúdo e interpretação das histórias	71
3.4 Representação gráfico-visual	74
Capítulo 4	
Exposição dos dados: A identificação das Mulheres da Terra	77
4.1 Caracterização das mulheres pelas histórias de vida	77
4.2 Caracterização das mulheres pelo questionário	86
4.3 Representação gráfico-visual da identidade das Mulheres da Terra	91
Considerações finais	97
Bibliografia	102

Introdução

No processo de pesquisa, é fundamental esclarecermos desde o início os elementos que orientam a coleta dos dados, o tratamento e as interpretações, pois existem diferentes abordagens, que dependem da orientação filosófica de cada pesquisador (SAQUET, 2009, p.211).

O exercício de qualquer profissão na essência é um ato social, pois envolve os indivíduos e em última escala a sociedade, resultando no compromisso social. Se profissionais de Desenho Industrial/Design, por meio de sua prática profissional são formadores de opinião, é necessário sublinhar a importância do impacto de suas ações sobre o ambiente em que agem (FRASCARA, 2008; ESCOREL, 2000), uma vez que a projeção pelo Design envolve diversas responsabilidades.

Para Frascara (2008) há quatro escalas de responsabilidade complementares, a começar pela profissional que corresponde ao compromisso do designer em criar mensagens que sejam detectáveis, discrimináveis, atraentes e convincentes. A segunda escala, a ética, equivale à criação de mensagens que apoiem valores humanos básicos. A terceira, a social, condiz à produção de mensagens que contribuam positivamente para a sociedade, ou pelo menos, que não estejam embutidas de um sentido negativo. E a última, a responsabilidade cultural, diz respeito à criação de artefatos que contribuam para o desenvolvimento cultural além dos objetivos operacionais do projeto. Em relação à atividade projetual, Escorel (2000) aponta os níveis de compromisso, cujo primeiro se dá pelo uso da linguagem gráfica, ou seja, pela expressão estética e o grau de originalidade no manejo dessa linguagem; o segundo nível abarca o universo da prática do ofício e da relação com os seus pares; e no terceiro estão os compromissos relacionados as obrigações sociais do ofício.

A profissão de Desenho Industrial/Design é substancialmente relacionada aos aspectos estéticos dos produtos de consumo (FRASCARA, 2008). Com um discurso desafiador, Escorel atenta para que a atuação dos designers esteja em conformidade

com as reais necessidades da sociedade brasileira, no qual a autora afirma que

não é, portanto, razoável que no Brasil o designer gráfico passe seus dias tomado por folhetos de venda, relatórios de banco e projetos de identidade visual para as empresas do supérfluo, quando o espaço urbano se apresenta de forma caótica, inóspita e irracional em praticamente todas as cidades brasileiras. Não é razoável que continue se ocupando primordialmente com a solução de problemas que beneficiam pequenos grupos, quando cerca da metade da população é analfabeta de fato. Não é razoável que concentre sua atenção em sistemas de sinalização dos shopping centers que têm se multiplicado, quando os hospitais populares não contam com o mínimo de qualidade, na interface com seus pacientes. O que fazer para alterar essa situação é a pergunta que algumas gerações de profissionais vem colocando (...). A resposta, no entanto, ainda está para ser dada. Nem por isso, cada designer deve deixar de fazê-la constantemente, lembrando que para tornar-se um profissional verdadeiramente ético é preciso fidelidade a si mesmo, aos princípios que tentam regular a atividade e um real compromisso de luta contra as carências agudas das camadas menos favorecidas da população de nosso país (SCOREL, 2000, p.91).

A atividade de projetista de produtos dentro das empresas industriais não é a única possibilidade de trabalho (LÖBACH, 2001). A saúde, a alfabetização, a higiene, a educação primária, a agricultura e a segurança são áreas onde há uma necessidade imediata de designers capacitados e onde ao mesmo tempo, é difícil encontrar profissionais. A ausência se deve em parte à concepção limitada que o público em geral e os governos possuem das possibilidades do Desenho Industrial/ Design e em parte, ao próprio modo tradicional de operar dos designers. No entanto, cabe ao designer começar a intervir na realidade com atos projetuais ao “interpretar as necessidades de grupos sociais e elaborar propostas viáveis, emancipatórias, em forma de artefatos instrumentais e artefatos semióticos” (BONSIEPE, 2011, p.21). A ideia de que as condições de existência humana possam ser transformadas através da atividade projetual remontam ao discurso do pesquisador e designer Maldonado (1971, p.29), que defende a “Revolução guiada pela Projetação” como o resultado da imaginação técnica, da coragem social e política.

Se o Desenho Industrial/Design está tradicionalmente ligado à tecnologia e ao processo industrial de produção, pressupõe-se que as transformações da sociedade interfiram nos procedimentos projetuais (NIEMEYER, 1998). É comum entender por tecnologia as tradicionais e de ponta (BARROSO NETO, 1981), entretanto no processo inovativo são envolvidas ambas as dimensões, sociais e tecnológicas, pois a inovação não deriva apenas da ciência mas também do conhecimento gerado em

tarefas rotineiras da atividade econômica (MANZINI, 2008).

Como alternativa às inovações tecnológicas, a inovação social trabalha para atender metas de interesse social com o suporte de ações inovadoras (MULGAN, 2006; MANZINI, 2008) e se diferencia pelos resultados gerados, pelas novas formas de colaboração. O termo refere-se às mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades. Estas inovações são guiadas mais por processos organizacionais de demanda social (*down-up*) do que por mudanças tecnológicas, de mercado ou por pesquisa técnico-científica (*top-down*) (MANZINI, 2008).

Como exemplo, as iniciativas locais interpretam um papel particular enquanto precursoras de novos comportamentos, novas formas de pensar e de debate para o desenvolvimento local, onde se verificam potenciais para a inovação social (MERONI, 2008). Para a identificação de possibilidades de inovações sociais utilizam-se técnicas que revelam bens, capacidades e diferenciais ocultos ou não utilizados, como o mapeamento e identificação das necessidades, a pesquisa etnográfica e a pesquisação (CAULIER-GRICE, MULGAN e MURRAY, 2010).

Neste trabalho não se propõe uma inovação do tipo social como resultado mas se discutem os aspectos sociais a serem considerados na prática de Design que podem levar a estes fins. Pretende-se aqui atentar, em especial as realidades de comunidades periféricas que estão afastadas dos centros econômicos e por consequência têm dificuldade de inserção na economia local. Neste sentido, os projetos onde se abordam assuntos sociais são oportunidades de envolver na resolução do problema aqueles que são afetados por ele; é uma forma de compartilhar e promover visões e mudanças radicais; de combinar e fazer convergir o interesse da comunidade com o do ambiente; de criar o valor para as diferentes partes interessadas e valor para a comunidade social (MERONI, 2008).

Se a criatividade representa a geração de novas ideias, a inovação representa a aplicação prática dessas ideias na criação de novos produtos ou serviços (MORAES, 2005). O resultado do processo de intervenção em comunidades produtivas gera, além do benefício de interação sócio-econômica, a geração de novos produtos, denominados produtos sociais, com raízes na cultura local seguindo conceitos de respeito à natureza e responsabilidade social (BESTETTI COSTA e REBOUÇAS LYRA, 2011). Os locais não devem ser compreendidos apenas como o espaço em que se realizam as práticas diárias, mas como aqueles onde se situam as transformações e as reproduções das relações sociais de longo prazo, bem como a construção física e material da vida em sociedade. Nestes locais se realiza o cotidiano mas também a história, o que é permanente e fixo, que corresponde ao identitário, ao relacional e ao histórico, no âmbito da tríade habitante, identidade e lugar (MELLO, MULLER e PICHLER, 2011).

Nesse contexto, frente à oportunidade de atuação da pesquisadora no projeto de pesquisa “Design e Mulheres da Terra: território, produção, identidade e sustentabilidade” (anexo A), fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), optou-se por trabalhar junto às produtoras rurais denominadas Mulheres da Terra, residentes no assentamento rural (AR) Filhos de Sepé (Viamão/RS).

Outros projetos já realizados neste assentamento apontam para alguns problemas sociais e econômicos, como dificuldades de organização coletiva, de participação igualitária da mulher, de elevação da qualidade de vida e de desenvolvimento da produção agropecuária (OLIVEIRA, 2006). No momento, as Mulheres da Terra dispõem de poucos recursos financeiros, o que as deixa em desvantagem em relação à outros grupos produtores. Sob os efeitos da globalização, as comunidades afastadas dos centros urbanos e que dependem da própria produção como fonte de renda, ficam à margem das relações de competitividade.

Entre os objetivos do projeto de pesquisa está o desenvolvimento da marca, levantamentos das informações para definição da identidade visual do grupo e a construção de um site, através do qual sejam divulgados e vendidos os produtos desenvolvidos pelas produtoras rurais. Como essas mulheres prevêem futuramente inserir seus produtos no contexto econômico local por meio da comercialização, entende-se que num primeiro momento se deva trabalhar na comunicação com o consumidor final, o que configura a identidade do grupo frente ao público consumidor.

Para promover o fortalecimento da identidade das Mulheres da Terra pelo olhar do Desenho Industrial/Design, inicialmente é necessário conhecer o contexto dessas pessoas e para tal se faz um estudo prévio de suas caracterizações individuais e relativas à coletividade, justificando esta como a fase de reunião das informações e a de conceituação visual. Nesta etapa é desenvolvido um *moodboard* ou painel visual que serve de apoio para os esboços gráficos e a escolha de estilo gráfico da identidade. Deve-se mencionar que nesta investigação limita-se até a fase de materialização da conceituação visual. Para se chegar a tal procedimento, pretende-se conhecer as histórias, os conhecimentos, as aspirações e o contexto social das Mulheres da Terra.

Feitas as considerações iniciais acerca desta pesquisa, procede-se à apresentação da sua estrutura. A dissertação está estruturada em quatro capítulos, de forma a dar conta da complexidade do tema abordado. O primeiro capítulo apresenta a empiria do estudo, enquanto o capítulo 2 expõe o quadro teórico-conceitual, o capítulo 3 mostra o método de trabalho desenvolvido especificamente para esta investigação e, o capítulo 4 exhibe as interpretações finais e direciona à materialização gráfica da proposta, que emerge como fruto do estudo junto ao grupo Mulheres da Terra.

O capítulo 1 apresenta o contexto empírico da investigação dando subsídios principalmente acerca da relevância da prática de Desenho Industrial/Design nas áreas rurais e identidades de grupos locais, que emerge como fonte estratégica para o desenvolvimento das comunidades. Igualmente trata-se do objeto de estudo, o grupo Mulheres da Terra e, na continuidade apresenta-se o problema de pesquisa a ser analisado no estudo de caso, a hipótese de pesquisa, os objetivos almejados, o método aplicado e, por último, a justificativa do trabalho.

O capítulo 2 contempla a discussão teórico-conceitual em torno do Design Social e, nessa vertente argumenta-se a favor a partir da reflexão e prática da profissão orientada para os aspectos sociais, apoiada em autores clássicos e contemporâneos. Na sequência ocupa-se dos modos específicos de pesquisar em Desenho Industrial/Design, enfatizando-se a pesquisa através da prática (*research through practice*) e suas técnicas aplicadas, uma vez que esta investigação é distinguida pelo seu fundo prático. Adiante, apresentam-se as relações entre a Linguística, ciência que estuda a linguagem verbal e, a Desenhística, campo de domínio do Design que estuda a linguagem visual, proposta por Medeiros (2004). Esta conexão torna-se evidente para a fundamentação do método de pesquisa, visto que a coleta de dados se dá por narrativas acerca das histórias de vida das agricultoras, que são posteriormente transcritas e traduzidas para a linguagem visual. Ainda, na revisão de literatura são trazidas as questões sobre a identidade na contemporaneidade, ou seja, os principais impactos da globalização sobre as identidades, como a desintegração, a substituição e a produção de novas identidades e, o fortalecimento das identidades locais. Neste contexto, frente aos interesses que surgem pelo o que é local, como sugere Hall (2006) a identificação surge da composição entre a história coletiva de seus habitantes, conhecimentos, recursos naturais e artificiais e, das aspirações coletivas para o futuro. E por último, para efeito de suporte ao objeto de estudo, contextualiza-se de modo genérico o território rural brasileiro, especificamente o segmento social da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul, a partir da compreensão sobre o meio rural brasileiro, o local de vivência da agricultura familiar e as caracterizações sociais e produtivas deste segmento social.

O capítulo 3 centra foco na questão da metodologia que orienta o desenvolvimento do trabalho de campo. Nesta parte do trabalho explicam-se as técnicas adotadas junto aos atores em estudo, primeiramente as histórias de vida seguido da aplicação de questionário. Na parte de coleta de dados, contou-se com o apoio da socióloga Naia da Oliveira, pesquisadora que vêm atuando há 10 anos junto às Mulheres da Terra, assim como a participação de alguns bolsistas durante a transcrição dos discursos registrado em áudio. Por último, é exposta a estrutura de compilação e análise dos dados.

O capítulo 4 reúne as informações obtidas na pesquisa de campo. As considerações finais da investigação elucidam algumas das características identitárias das Mulheres da Terra, como origens, organização, inserção e articulação dos atores no espaço, as atividades de trabalho e lazer, os talentos desenvolvidos, entre outros. Ao final do capítulo, tais características que foram coletadas pelas histórias de vida e questionário, são transcritas da linguagem verbal falada para a escrita e, posteriormente são traduzidas e representadas visualmente por meio de um mosaico conceitual (painel visual que organiza o aspecto conceitual da identidade), constituindo-se como uma peça de Design a servir de apoio para trabalhos futuros que venham a desenvolver a identidade visual das Mulheres da Terra.

A pesquisa é concluída com as considerações finais, realizando dessa forma uma contribuição para o campo de conhecimento do Desenho Industrial/Design no que tange às novas possibilidades de atuação no meio rural e, em específico no fortalecimento de identidades coletivas através de métodos de pesquisa que promovam a busca de elementos colaborativamente com o grupo em estudo, pela ótica do Desenho Industrial/Design.



CAPÍTULO 1

Capítulo 1

A prática de Design na esfera social

1.1. Delimitação da pesquisa

O Desenho Industrial/Design tem origem nas sociedades industriais urbanas, movido por questões de tecnologia e inovação. Fundamentalmente, é uma atividade de concepção projetual, cuja produção do conhecimento é centrada na forma, na estrutura e na função dos artefatos fabricados industrialmente. Desde a Revolução Industrial (fig. 1), o paradigma do Design tem sido o de desenhar para os interesses industriais das grandes corporações, mantendo o conhecimento da área preponderantemente sob o domínio do mercado (MARGOLIN e MARGOLIN, 2004; BARROSO NETO, 1981) e, solucionar problemas emergentes da relação entre usuário e tecnologia nos países de economia central (MAGALHÃES, 1998).



Figura 1: Contexto da Revolução Industrial e o processo de urbanização

Fonte: Doré, 1872

No contexto atual da globalização com o auxílio do Design, têm se promovido a homogeneização das culturas por meio da expansão de corporações multinacionais, da internacionalização da produção e dos recursos tecnológicos (ONO, 2004). No iní-

cio dos anos 1980, Gui Bonsiepe apontava que as tecnologias centrais importadas para os países periféricos, assim como os projetos de Design naquele contexto, beneficiavam quase exclusivamente os grupos urbanos com maior poder aquisitivo sem prever melhorias nas condições de vida da população rural (BONSIEPE, 1983).

As regiões rurais no Brasil são associadas à concepção de regiões com baixa densidade populacional e distantes dos centros urbanos. Historicamente, a agricultura patronal e o agronegócio são priorizados nas políticas públicas brasileiras em relação à agricultura familiar (CANDIOTTO, 2011). Desde os anos 1970, as políticas públicas voltadas para a agricultura são destinadas à modernização tecnológica em grandes extensões de terra favorecendo o monocultivo, onde busca-se “aumentar a produtividade física da terra” e a “produtividade da força do trabalho empregada no cultivo e na criação de animais mediante tecnologias que substituem trabalho humano pelo emprego de máquinas e insumos químicos” (BRASIL, 2005, p.12), o que vai contra a realidade dos agricultores familiares, cujo sistema de produção agropecuário é articulado pela unidade familiar, orientado para o mercado e também para o consumo próprio (fig. 2).



Figura 2: Modelos de cultivo baseado na agricultura familiar e na monocultura

Fonte: Rigon, 2012; Plantec, 2011

O órgão responsável pela formulação e execução da política fundiária nacional, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), tem documentado que até 10 ha encontram-se 31,6% do total de imóveis que correspondem a apenas 1,8% da área total do território brasileiro. Os imóveis com área superior a 2.000 ha correspondem a apenas 0,8% do número total de imóveis, e ocupam 31,6% da área total (BRASIL, 2005) (fig. 3). Nesse sentido, a elevada concentração da estrutura fundiária brasileira dá origem a relações econômicas, sociais, políticas e culturais que inibem o “crescimento econômico, com justiça social e cidadania para a população rural”. Além disso, é no meio rural brasileiro onde se encontram os maiores índices de mortalidade infantil, de incidência de endemias, de insalubridade e de analfabetismo, conforme dados do Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) (BRASIL, 2005, p.12).

Registro da porcentagem de imóveis rurais no território brasileiro		
Estratos área total (ha)	% dos imóveis	% de área
Até 10	31,6%	1,8%
De 10 a 25	26,0%	4,5%
De 25 a 50	16,1%	5,7%
De 50 a 100	11,5%	8,0%
De 100 a 500	11,4%	23,8%
De 500 a 1000	1,8%	12,4%
De 1000 a 2000	0,9%	12,1%
Mais de 2000	0,8%	31,6%
Total	100,0%	100,0%

Figura 3: Registro da porcentagem de imóveis rurais no território brasileiro em 2003

Fonte: Adaptado pela autora (BRASIL, 2005)

Frente à problemática do acesso à terra, a política da reforma agrária age com um “conjunto de medidas que visa promover a melhor distribuição da terra, mediante modificação no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios da justiça social e ao aumento de produtividade” (INCRA, 2012). É por meio da inclusão dos agricultores familiares, da geração de novos cargos, da utilização de terras improdutivas e da ampliação da produção de alimentos que caracteriza-se a dimensão social da reforma agrária (BRASIL, 2005). O Incra ao receber legalmente uma área desapropriada para fins de reforma agrária transfere-a para trabalhadores rurais de diferentes origens, com a finalidade de que estes a cultivem e promovam o desenvolvimento econômico, dando início à formação do AR. Neste processo, os sujeitos que já residem nesta mesma área têm prioridade, como arrendatários, parceiros e colonos, além de estarem previstas famílias de agricultores previamente cadastradas no Incra que atendam aos requisitos legais da seleção (INCRA, 2012).

Os assentamentos oriundos da reforma agrária são “espaços de reconstrução de relações econômicas, sociais e culturais em relação à terra e seu uso, mas também de constituição de novas relações sociais e comunitárias”, onde são reunidos diferentes sujeitos nestes novos espaços de vida e de trabalho (BRASIL, 2005, p.26). Dentre os principais fatores que potencializam e que restringem o desenvolvimento dos assentamentos estão: a origem e a ocupação prévia, se rural, urbana ou ex-proprietários, arrendatários, parceiros ou assalariados; a forma de ocupação; o entorno socioeconômico, representado pela presença de agroindústrias; o quadro natural, como as características do solo, água e relevo; entre outros aspectos (MELLO, 2007).

A transferência de terras aos sujeitos rurais pode ocasionar em alguns casos o processo de desenraizamento ou desterritorialização e a busca de enraizamento ou reterritorialização destes agricultores assentados que

na condição de migrantes, vêem suas múltiplas raízes se partirem ao perderem sua paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, de louvar a Deus [...]. Por outro lado, o enraizamento, considerado como uma das mais difíceis necessidades do ser humano a ser definida, é ao mesmo tempo a mais importante e a mais desconhecida. [...] Mas além disso, os indivíduos encontram também dentro de sua própria cultura, espaços diferenciados aos quais se articulam, controem e reconstroem referências de uma forma permanente, tanto para si como para o outro (MEDEIROS, 2009, p.514).

A identidade desses indivíduos enquanto grupo é formada ao longo do tempo, permanecendo em constante processo de formação. Sabe-se que no contexto dos AR existe uma situação de desigualdade social entre os gêneros, onde as mulheres têm uma participação expressiva nas ocupações não remuneradas do setor agropecuário. Para constatar esta situação de desigualdade social entre os gêneros, apenas 12,6% dos beneficiários do público atendido pela reforma agrária no período de 1996 a 2000 eram mulheres (BRASIL, 2005) (fig. 4).



Figura 4: Porcentagem de beneficiários da reforma agrária do gênero feminino
Fonte: Elaborado pela autora

Conforme documentos do PNRA, a comercialização dos produtos oriundos dos AR estimula o beneficiamento de produtos, a criação de feiras como pontos de venda, a formação de cooperativas e implantação de pequenas agroindústrias, a constituição de marcas para comercialização da produção e um mercado específico para os produtos da agricultura familiar (fig. 5). Tais iniciativas têm refletido na mudança de uma situação inicial de desconfiança e valorização por parte da população urbana local (BRASIL, 2005, p.9).

Para as comunidades locais distantes dos centros urbanos, o desenvolvimento do território possibilita aos atores locais construir iniciativas coletivas e capacitarem-se para suprirem suas necessidades imediatas, descobrirem vocações locais, despertarem potencialidades por meio de suas habilidades e fomentarem as trocas

externas aproveitando-se de suas vantagens locais (MOREIRA, VIDAL e FARIAS, 2011; ABRAMOVAY, 2003). Ademais, conforme os relatórios do programa LEADER *European Observatory*, as atividades envolvidas no conceito de identidade tem tido relevância no fortalecimento dos territórios devido a modificação que esta proporciona nas percepções que os atores têm do próprio espaço. Nesse sentido, a identidade para Beduschi Filho e Abramovay (2003) emerge como fonte estratégica para o desenvolvimento do território rural.



Figura 5: Cooperativas de produtores da agricultura familiar expõe na feira internacional de orgânicos Biofach em Nuremberg
Fonte: MDA, 2012

Sobre a temática da identidade existem diversas perspectivas teóricas que correspondem a diferentes modos de entendê-la, uma vez que esta é expressa através de práticas simbólicas e discursivas (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004). Em parte, a questão da construção identitária está relacionada ao impacto da globalização que provoca um novo interesse pelo local, produzindo “novas identificações globais e novas identificações locais” (HALL, 2006, p.77). Entre as possíveis consequências dos efeitos da globalização estão a desintegração das identidades como resultado do crescimento da homogeneização cultural, a substituição por novas identidades híbridas, a produção de novas identidades e o fortalecimento de identidades locais (HALL, 2006).

Apesar das reformulações que passam devido aos efeitos da modernidade (HALL, 2006), a identidade de um local surge da composição entre a história coletiva de seus habitantes, tradições, conhecimentos, estruturas de produção, herança cultural, recursos naturais e artificiais, e das aspirações coletivas para o futuro. Nesta temática, o suporte por parte dos profissionais de Design apresenta-se por possuírem as habilidades necessárias para “conveys messages, thoughts and feels in a communicable form and a joint significance for the communicator and the recipient” (SCHMITTEL, 1978, p.58), pois entre as suas atribuições estão “reducing cognitive complexity, in producing clarity, in contributing to transparency and understanding”

(BONSIEPE, 2000, p.5), devido a capacidade de “*reducing cognitive complexity and help to present information by designing the interface between the information source, the data and the reader*” (BONSIEPE, 2000, p.6).

As possibilidades de atuação além das fronteiras tradicionais definidas pelas sociedades urbanas e pelo mercado, a preocupação com o desenvolvimento local e o reconhecimento dos valores ocultos de comunidades em regiões periféricas aos centros urbanos apontam para outras abordagens de Design. As regiões onde o processo de modernização é incompleto, como no caso das regiões rurais, emergem como oportunidades para o desenho de novos modelos de desenvolvimento devido a possibilidade de conservação de elementos que possam gerar produtos agrícolas, artesanais e serviços de qualidade diferenciada (BORBA, GOMES e TRUJILLO, 2004). Pelo Design é possível promover ações de valorização dos territórios rurais a partir do fortalecimento das identidades locais, com a finalidade de provocar uma reflexão coletiva sobre os sujeitos locais e não apenas para comunicar e consolidar os sistemas de produção local; do processo de codesign, cujo projeto é centrado na comunidade e não apenas no usuário; da habilitação das capacidades humanas; e, do diálogo estratégico, que é a capacidade de estabelecer o diálogo para captar e interpretar as necessidades coletivas) (LOTTI e BEDESCHI, 2009; MERONI, 2008).

A temática da identidade no campo de conhecimento do Design manifesta-se visualmente por meio de recursos gráficos – tipografia e símbolo – hierarquizados que representam visualmente uma organização (MOZOTA, 2001; STRUNCK, 2001), ou seja, o Design cria signos e símbolos que refletem a identidade da organização. Para esses profissionais, a ação de criar significa um problema projetual a ser identificado e posteriormente resolvido, o qual envolve três fases principais: um estágio analítico de ampliação do campo de observação, um estágio sintético de geração do conceito e um estágio final de seleção da solução adequada (MOZOTA, 2001).

As práticas de Design – inclusive as práticas criativas para identidades visuais – estão voltadas em desenvolver para o mercado do capital. Em projeto de identidade visual para corporações privadas são indicados alguns instrumentos a serem aplicados como, visitas ao local, observação do ambiente, aplicação de questionários, entrevistas pessoais e reuniões grupais (FASCIONI, 2008). Em oposição, os projetos que envolvem comunidades locais, a adoção de uma abordagem interpretativa e holística da cultura é fundamental, considerando-se a diversidade cultural, os contextos sociais, econômicos e ambientais, em defesa da autonomia, da identidade e da sabedoria dos indivíduos (ONO, 2004). No Design são escassos os registros de como proceder em projetos com grupos onde prevalece a sabedoria popular. Nessa investigação, uma das dificuldades está em extrair as informações dos sujeitos em estudo, uma vez que o nível de escolarização é baixo.

A partir da concepção de que se deve agir localmente e partindo do reconhecimento de que as mulheres desempenham um papel relevante no desenvolvimento das zonas rurais dos países em desenvolvimento (HENRIQUES e NARCISO, 2008), da importância das diferenças de gênero neste segmento social e da invisibilidade da sua contribuição econômica, entende-se a relevância em trabalhar com um grupo de produtoras rurais, em específico as Mulheres da Terra (fig. 6), de modo a estimular a sua participação na economia rural e local. No entanto, devido as dificuldades colocadas a seguir, num primeiro momento apresenta-se como iminente trabalhar a questão da identidade do grupo.



Figura 6: Produtoras rurais participantes do grupo Mulheres da Terra

Fonte: Elaborado pela autora

As Mulheres da Terra estão localizadas no AR Filhos de Sepé, situado no município de Viamão (fig. 7), o maior da região metropolitana e o quadragésimo sexto do Estado do Rio Grande do Sul (RS) em extensão territorial, com área correspondente a 1.494,2 km², segundo dados da Prefeitura e Câmara Municipal de Viamão. A área urbana de Viamão corresponde a 192,3 km² e, 1.301,9 km² são de área rural, o que demonstra potencial da região para o ecoturismo. Situado a 25 km de Porto Alegre, na confluência da RS-118 com RS-040, a economia do município é baseada na agropecuária e em serviços.

A Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) é a área mais densa do RS, concentrando 37% da população, em 32 municípios (fig. 8). A densidade demográfica da região é de 394,07 hab/km² integrando municípios como Alvorada, Esteio e Porto Alegre que apresentam as maiores densidades do Estado, além de Eldorado do Sul, Santo Antônio da Patrulha, Glorinha, Viamão, entre outros. No ano de 2000, a população da RMPA esteve contabilizada em 3.736.629 habitantes. Os dados apresentam que 3.565.600 da população está na zona urbana e 171.029 está na zona rural (FEE, 2011). A RMPA constitui-se como pólo de atração no Estado, pelo qual um dos motivos são as facilidades de emprego das áreas de expansão econômica.



Figura 7: Detalhe do Metropolitan Delta do Jacuí: localização e delimitação da área geográfica
Fonte: Adaptado pela autora (IBGE, 2010).

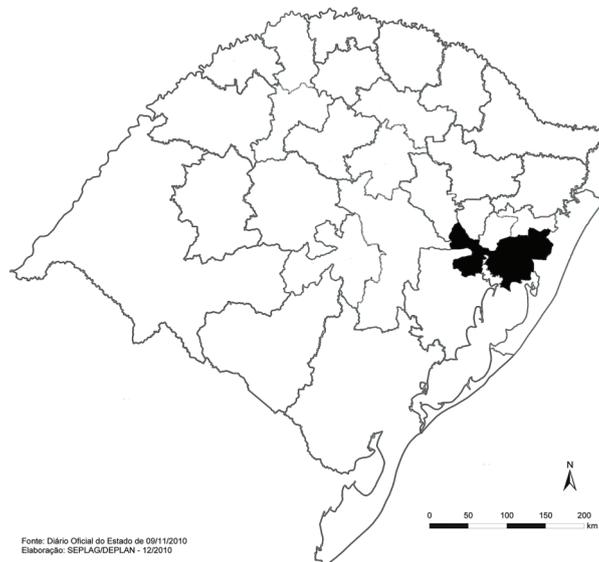


Figura 8: Metropolitan Delta do Jacuí: Corede de localização das Mulheres da Terra
Fonte: Adaptado pela autora (FEE, 2011).

Desde 1950, o RS é referência no que se relaciona à organização de movimentos de defesa do meio ambiente, na institucionalização de políticas públicas e na criação de áreas de proteção e conservação. Atualmente, o Estado contém 104 unidades de conservação (UC).

Em 1998, foi criada a Unidade de Conservação de uso sustentável Área de Proteção Ambiental (APA) do Banhado Grande, com 133.000 hectares, onde se inserem o conjunto de banhados: Banhado do Chico Lomí (Santo Antônio da Patrulha), Banhado dos Pachecos (Viamão) e Banhado Grande (Gravataí e Glorinha). Os principais objetivos da APA são preservar o conjunto de banhados, compatibilizar o desenvolvimento socioeconômico com a proteção dos ecossistemas naturais, conservar o solo e os re-

cursos hídricos, recuperar as áreas degradadas, contribuir para a otimização da vazão do Rio Gravataí e, proteger a flora e a fauna nativas e seus locais de reprodução.

O Banhado dos Pachecos originalmente fazia parte da Fazenda Santa Fé, próximo a rodovia RS-040, fazendo limites com outras propriedades particulares da localidade de Águas Claras, no município de Viamão. Neste Banhado de 2.543 hectares há espécies de flora e fauna nativa ameaçadas por extinção no RS, como o caso do jacaré-de-papo-amarelo, além de indícios de que nessa área viva a última população do cervo-do-pantanal no Estado do RS (OLIVEIRA, 2002). Em dezembro de 1998, o Incra encaminhou o processo de desapropriação do último proprietário da fazenda Santa Fé, implantando o AR Filhos de Sepé. Considerado então o maior assentamento do RS, com área total de 9.406 hectares, no mesmo ano ocorreu a instalação de 376 famílias divididas em quatro setores – A, B, C e D (fig. 9).

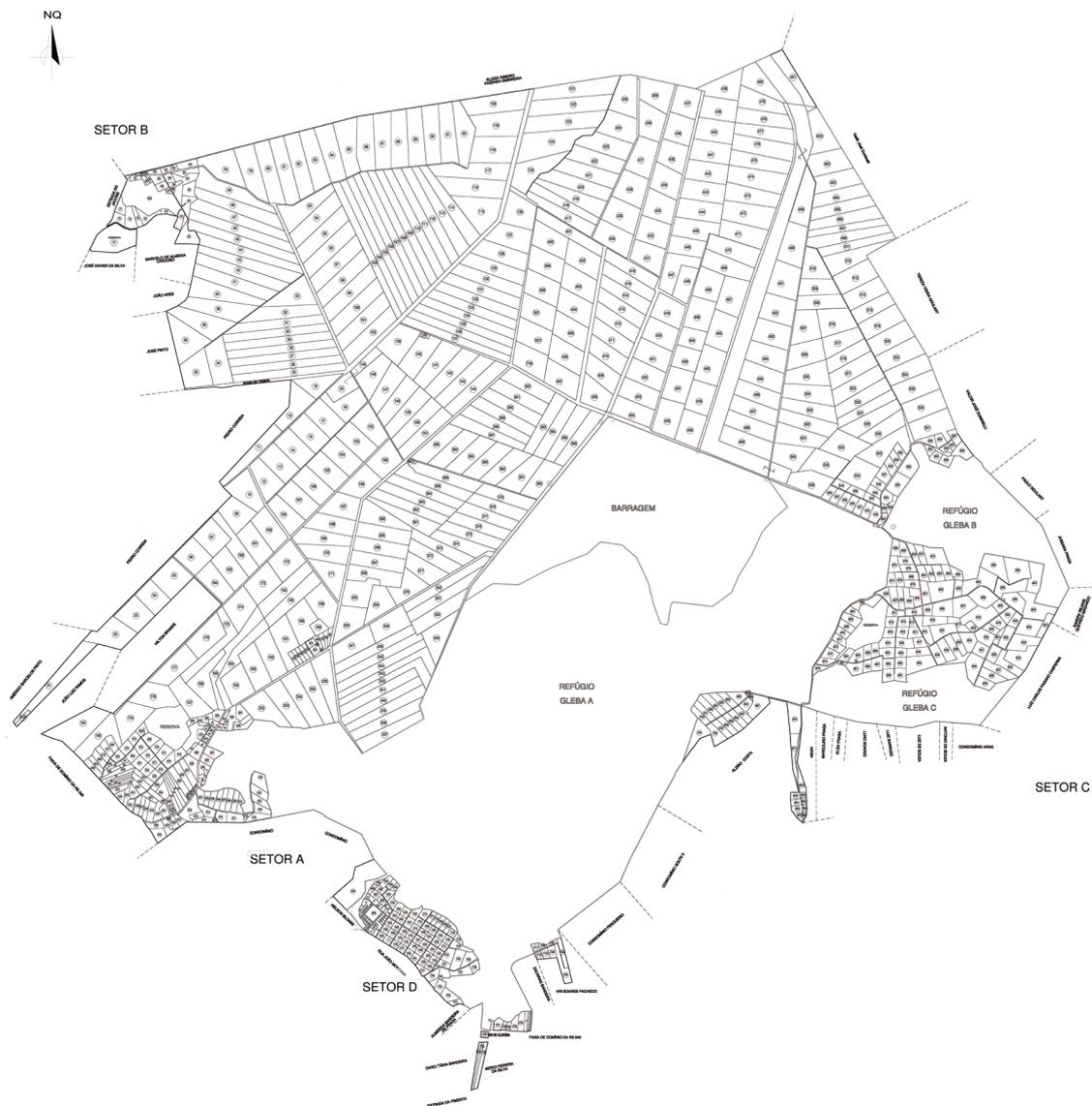


Figura 9: Mapa do Assentamento Rural Filhos de Sepé, RS
Fonte: Material cedido (INCRA, 2009).

Desde a implantação do AR Filhos de Sepé, as produtoras rurais que nele residem buscam se organizar como um grupo. A formação das Mulheres da Terra é o resultado dessa mobilização. As mulheres objetivam mudar suas formas de inserção e desempenharem ações efetivas nas decisões sobre os rumos da comunidade assentada, além de desenvolverem outras formas de atividade econômica visando o aumento da renda familiar, a auto estima e a preservação ambiental local.

A grande dimensão territorial do assentamento faz com que a circulação interna seja realizada com dificuldade pelas mulheres, as quais residem em setores que distam até 30 minutos de caminhada entre si. No relatório de Oliveira (2004) está evidenciado que no início da formação do AR, as condições de vida eram precárias, as famílias enfrentavam problemas referentes ao saneamento básico, desde o abastecimento de água até a destinação de resíduos sólidos e líquidos, registrando casos de leptospirose e hepatite. Entre outras questões, a flutuação na participação de mulheres ao longo dos últimos anos, com a saída de algumas e ingresso de outras, e a formação de grupos externos, refletem no fato de que a identidade coletiva desde então ainda não foi estabelecida.

Enquanto as mulheres são responsáveis pelos lotes domiciliares, os homens trabalham na lavoura de arroz localizada na área baixa do assentamento, o que lhes possibilita dedicarem-se a outras atividades além dos afazeres domésticos. Atualmente as Mulheres da Terra produzem bolsas artesanais, hortaliças para consumo e venda, extratos fitoterápicos, queijos e pães (fig. 10).



Figura 10: Conjunto de produção das Mulheres da Terra

Fonte: Elaborado pela autora

Dos produtos comercializados, sabe-se que os pães e queijos necessitam estar de acordo com a vigilância sanitária, o que não acontece na totalidade (fig. 11). Também se têm conhecimento sobre a precariedade do processo de comercialização, ocorrendo muitas vezes a troca de mercadoria entre as próprias mulheres. Como fonte de renda extra, algumas delas realizam atividades externas ao AR, deixando

muitas vezes de produzir no próprio lote domiciliar. Acrescenta-se a isso a falta de recursos financeiros para investir nas atividades que estas gostariam de desenvolver.



Figura 11: Estrutura da panificadora das Mulheres da Terra

Fonte: Elaborado pela autora

Inicialmente, conforme os relatos de Oliveira (2002), o segmento populacional das agricultoras apresentava uma baixa participação nas reuniões gerais da comunidade, com agravante de que as poucas participantes quase nunca expressavam suas opiniões. Esta ocorrência, segundo a visão da socióloga, reforçou a necessidade de empreender um processo educativo, onde os primeiros passos envolvessem uma abordagem de cunho pessoal para trabalhar o resgate da auto estima e colaborar na construção da identidade. Frente às características gerais apresentadas, detecta-se inicialmente um esforço interno para o fortalecimento da identidade dessas mulheres enquanto coletividade.

1.2. Problema de pesquisa

Sabe-se que as práticas de Design tradicionalmente são direcionadas a solucionar problemas oriundos das corporações privadas, enquanto que são escassos os registros de como proceder em projetos com comunidades locais. Diante do conteúdo exposto referente à oportunidade de se construir pesquisa em Design no espaço rural da agricultura familiar, este estudo procura investigar a seguinte questão: considerando o contexto local dos sujeitos que vivem em assentamentos rurais, qual o procedimento a ser adotado para o desenvolvimento da identificação gráfico-visual desses sujeitos?

1.3. Pressupostos da pesquisa

Frente ao cenário apresentado, emerge nesta pesquisa o seguinte pressuposto: uma das possibilidades do Design agir no processo de valorização e fortalecimento de comunidades, em específico no setor da agricultura familiar, é por meio da representação gráfico-visual da identidade desses sujeitos. Ademais, o fato dos agricultores rurais residentes em assentamentos rurais serem originários de regiões diferentes, pode ser uma das causas para a falta de coesão entre os sujeitos, refletindo na questão da identidade coletiva.

1.4. Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é desenvolver um procedimento para a representação gráfico-visual da identificação das Mulheres da Terra por meio de um mosaico conceitual, tendo em vista o processo de valorização e fortalecimento do grupo em estudo.

1.4.2. Objetivos específicos

Como objetivos específicos entende-se que seja necessário:

- a) Investigar o contexto físico e social das produtoras rurais através das narrativas de suas próprias histórias de vida, considerando as peculiaridades e as diversidades de cada sujeito;
- b) Por meio de recursos iconográficos e fonográficos, transcrever os discursos linguísticos obtidos com as produtoras rurais durante a investigação em representações gráfico-visuais.

1.5. Concepção geral do método

O elo entre Design, identidade e cultura são encontrados nos símbolos visuais gráficos e espaciais (MOZOTA, 2011). A identidade, construída a partir de um caráter contextual, social e histórico, está em constante transformação, logo não permanece em sua essência mas se forma a partir da totalidade de experiências (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004; CARDOSO, 2012). Convém lembrar que na concepção moder-

na as identidades eram determinadas no nascimento e pela classe social do sujeito, mas essa visão é alterada na pós-modernidade, quando as identidades passaram a ser construídas por meio de suas próprias biografias ou histórias de vida (BAUMAN, 2005). Esta última concepção vai ao encontro do entendimento que Cardoso (2012, p.91) tem da experiência e memória estarem intensamente relacionadas, pois a capacidade de lembrar vivências anteriores e relacioná-las com o presente é o “mecanismo de constituição e preservação da identidade de cada um”. Com isso, a memória é um mecanismo primordial para esse fim, uma vez que “a identidade baseia-se na memória: eu sou quem eu sou porque fui o que fui” (CARDOSO, 2012, p.91).

Bauman (2005) relaciona a construção da identidade com uma série de peças e na busca de agrupar e reagrupar para montar a imagem genérica. O importante neste processo são quais os pontos que podem ser alcançados com os recursos que o pesquisador possui, e quais deles merecem os esforços para serem alcançados, ou seja, segue-se a lógica similar de solucionar um quebra-cabeças. Neste processo, “a tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão” (BAUMAN, 2005, p.55).

Neste cenário, a ideia de quebra cabeça de Bauman (2005) associada a de mosaico científico de Becker (1999) torna-se útil no sentido de que cada peça acrescentada no todo contribui para a compreensão do contexto local. Ao final, quando as peças são colocadas no mosaico podemos ver os objetos, as pessoas e suas relações uns com os outros.

É preciso compor a sua identidade pessoal (ou as suas identidades pessoais?) da forma como se compõe uma figura com as peças de um quebra-cabeça, mas só se pode comparar a biografia com um quebra-cabeça incompleto, ao qual falem muitas peças (e jamais se saberá quantas) (BAUMAN, 2005, p.54).

Ainda, se a identidade serve para dar sentido a objetos e pessoas, pressupõe-se que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que remetem a dois processos distintos e complementares.

De um lado, a identificação consiste em sentido lógico transitivo, em designar e nomear qualquer coisa ou qualquer um, e depois em caracterizar sua singularidade. De outro lado, em um sentido intransitivo e por vezes reflexivo, e entendendo a identidade como similaridade, a identificação consiste em se assemelhar a qualquer coisa ou qualquer um e se traduz, principalmente, tanto para o indivíduo como para o grupo, por um sentimento de pertencimento comum, de partilha e de coesão sociais (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004, p.161).

Toda forma de identificação supõe um processo de diferenciação que nos identifica a alguma coisa ou contra qualquer coisa. Pelo pertencimento ou pela exclusão, a identidade aproxima-se tanto daquilo que ela considera como daquilo que desconsidera, sendo necessário nessa composição não apenas os elementos de reconhecimento mútuo mas também os elementos de distinção. Toda forma identitária apresenta-se como um equilíbrio entre as polaridades do ser presente e do vir a ser no futuro. Logo, o argumento identitário pode voltar-se tanto para o passado como projetar-se para o futuro (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004). As descrições do indivíduo são construídas dentro dos próprios limites de sua linguagem, baseados em discursos constituídos socialmente, em ideologias, apoiados em suposições do senso comum (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004).

Genericamente, o processo criativo de Design corresponde a cinco etapas e, cada uma delas tem um objetivo diferente e corresponde à produção de resultados visuais elaborados (MOZOTA, 2001). Nesta pesquisa abordam-se as duas primeiras etapas, de investigação e pesquisa, que irão resultar no conceito visual da identidade das Mulheres da Terra (fig. 12). Desenvolvem-se especificamente as fases de levantamento de dados para a identificação do contexto e a fase de conceitualização da identidade do grupo.

Etapas do processo criativo em Design		
Etapas	Objetivos	Resultado visual
0. investigação	ideia	reunião
1. pesquisa	conceito	conceito visual
2. exploração	escolha de estilo	esboços de ideias esboços de apresentação modelo em escala reduzida
3. desenvolvimento	protótipo detalhamento	desenhos técnicos modelo funcional simulação 3D capacidades de funcionamento
4. realização	teste	documentos de execução protótipo
5. avaliação	produção	ilustração do produto

Figura 12: Etapas do processo criativo em Design

Fonte: Adaptado pela autora (MOZOTA, 2001)

Desse modo, para responder ao problema colocado nesta pesquisa estabelece-se que no primeiro momento deve-se investigar o contexto físico e social das produtoras rurais em estudo, através de coleta de dados com o próprio grupo em questão. Adotam-se os registros das histórias de vida dos sujeitos para a coleta de dados inicial, cujos discursos são orientados a expressarem as suas individualidades, as suas relações com o próximo e com o ambiente. No segundo momento, deve-se analisar e interpretar os dados coletados durante a pesquisa de campo, de modo que

estes forneçam informações para a etapa posterior. Os discursos expressos na linguagem verbal falada e escrita são traduzidos para a linguagem gráfico-visual, campo de domínio do Design. Por último, finaliza-se com a representação gráfico-visual da identidade das Mulheres da Terra, configurando o mosaico visual que representará o conceito da identidade das Mulheres da Terra (fig. 13).

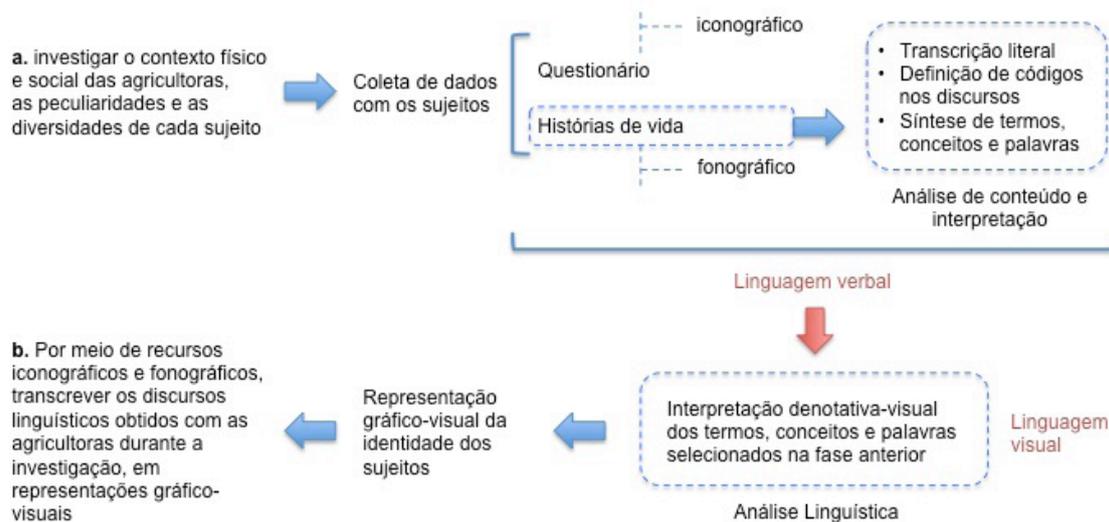


Figura 13: Etapas de desenvolvimento da pesquisa

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira técnica adotada para a coleta de dados, as histórias de vida, é desenvolvida em quatro oficinas que têm como tema central a identidade, onde se busca compreender a trajetória biográfica de cada membro do grupo, abordando desde a infância, passando pela adolescência e chegando na fase adulta.

Devido ao grau de subjetividade dos dados gerados a partir da primeira técnica, a segunda prevê a aplicação de questionário, a fim de abordar questões sobre a individualidade dos sujeitos e as suas relações com o ambiente e o próximo, por meio de questões objetivas e subjetivas. Para completar dados como história do local, características geográficas, área, distâncias e população, recorrem-se a outras fontes como relatórios de projetos anteriores, documentos da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Na fase de interpretação dos dados, após a transcrição literal dos discursos registrados nas oficinas de histórias de vida, faz-se a análise de conteúdo do material, que parte do estabelecimento de duas categorias de análise, os códigos gerais e os códigos específicos. Após a análise de conteúdo se faz a síntese dos termos, conceitos e palavras similares ou sinônimas encontradas no conjunto do material, fruto das histórias de vida e do questionário.

A matéria-prima do Design é a informação manuseada por um conjunto de teorias e técnicas que a transformam em comunicação visual, ordenando o modo pelo qual o entendimento dos dados e imagens devem ser processados pelo receptor (STRUNCK, 2001). As técnicas e métodos próprios do Design conjugam diferentes linguagens, como o desenho, a tipografia, a fotografia e a ilustração (ESCOREL, 2000). Por fim, aplica-se a técnica de análise linguística denotativa de Gomes (1998) aos conceitos definidos na etapa anterior, na qual se buscam por imagens verossímeis aos termos selecionados, reunindo-se os elementos necessários para construção e concretização do mosaico conceitual da identidade das produtoras rurais.

1.6. Justificativa

Outras áreas do conhecimento desenvolvem pesquisas pautadas no desenvolvimento e fortalecimento de comunidades rurais, como a Geografia, a Sociologia e o Desenvolvimento Rural. De modo geral, os projetos posicionados neste tema atendem e fomentam a capacidade produtiva dos atores sociais, onde existe uma tendência a manter os resultados do desenvolvimento na própria economia local, além de considerarem os valores locais durante a implantação de novas tecnologias.

No campo de conhecimento de Design, se realiza pesquisa similar sobre a mesma temática do desenvolvimento de territórios, embora o conceito utilizado, Design Territorial, seja um modelo italiano originário da *Politecnico di Milano*, destinada as micros e pequenas empresas situadas em espaços que compartilham do setor produtivo (LOTTI e BEDESCHI, 2009). No Brasil, essa mesma temática aborda fundamentalmente o espaço urbano, ou seja, a cidade marcada pela diversidade, pela dinamicidade do cotidiano, pelos indivíduos que delimitam seus espaços privados (REYES e FRANZATO, 2008). Nessa linha de estudo o meio rural é compreendido como um sistema de produção e troca, de acordo com as premissas do desenvolvimento exógeno, no qual se tem uma

proposta de articulação subordinada das atividades desenvolvidas no espaço rural pelas desenvolvidas nas economias urbanas. Nessa visão, o aspecto dinâmico da economia (com desenvolvimento de produtos, serviços e pesquisas) ocorreria no espaço urbano. Ao rural caberia o papel de receptáculo de tecnologia e insumos e de fornecedor de matérias-primas e de alimentos para nutrir a máquina produtiva urbana (ALVES e GUIVANT, 2010, p.90).

Quando se pensa o espaço rural sob uma perspectiva oposta, do desenvolvimento endógeno, a geração de produtos e serviços com identidade territorial são fon-

tes para a valorização das potencialidades locais (DENARDIN e SULZBACH, 2010). A identidade neste modelo de desenvolvimento passa a ser um elemento fundamental para a definição de um território, visto ser construída em rede e implicar relações multidimensionais uma vez que “as relações de poder que marcam e demarcam o território, acontecem a partir da articulação de diferentes escalas e sujeitos sociais” (SANTOS, 2011, p.322).

Em projetos onde se tem como objetivo transformar as comunidades com a participação de seus membros, o papel do designer é o de facilitador, ou seja, é aproveitar a sua experiência projetual para desenvolver iniciativas, criar novas disposições e desafiar a imaginação coletiva (JULIER, 2010).

Em regiões desfavorecidas um dos objetivos de práticas de Design têm sido incentivar o crescimento de pequenos negócios nas economias locais e melhorar as condições de vida das populações (WHITNEY e KELKAR, 2004). Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Núcleo de Gestão de Design (NGD) participa de forma ativa no desenvolvimento social e econômico através de manifestações de inovação pelo Design (FIGUEIREDO et. al., 2009). No ano de 2002, o NGD fez um convênio de parceria com o governo do Estado de Santa Catarina (SC) através do Centro de Estudos de Safras e Mercados, vinculado a Secretaria de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural do Estado, para o desenvolvimento de projetos na área de Valorização de Produtos da Agricultura Familiar, denominado Ação Design na Agricultura Familiar. Nos últimos anos foram realizadas ações incorporando o Design no processo de valorização dos produtos, como embalagens, rótulos, informações nutricionais, juntamente com ações no processo de gestão dos produtores. O trabalho gerou reconhecimento por parte dos produtores rurais da importância do Design, novas oportunidade de desenvolvimento e crescimento do local, auxiliou na diminuição do êxodo, melhorou a auto-estima dos sujeitos, atraiu o interesse de órgãos de fomento e apoio e estimulou a participação da comunidade local.

Em continuidade às ações na agricultura familiar, foi iniciado em 2007 um projeto junto ao setor da aquicultura familiar, o Ação Design na Aquicultura Familiar, desenvolvido junto a uma associação de maricultores, localizados no Ribeirão da Ilha de SC (fig. 14). Com o apoio do CNPq e UFSC, estão realizando-se atividades que rendem resultados como a regularização da associação em termos legais, a criação de uma identidade visual, website e outros produtos.

A partir destes exemplos de envolvimento entre Design, pesquisa acadêmica e órgãos governamentais, reitera-se o espaço para o diálogo democrático entre o conhecimento científico e o popular, que além de contribuir para a construção da ciência, proporciona melhores condições de vida às populações locais.



Figura 14: Produtos desenvolvidos no projeto Ação Design na Aquicultura Familiar, SC

Fonte: Merino, 2010

A discussão sobre cultura e identidade de grupos sociais está sendo fundamental para o entendimento do papel do Design na sociedade (ONO, 2004). A diversidade cultural no interior das comunidades constitui-se como uma fonte estratégica para o desenvolvimento de marcas e produtos diferenciados, que podem trazer benefícios à qualidade de vida dos sujeitos locais. Para tanto, é fundamental que designers trabalhem cooperativamente com os atores locais, compreendendo a identificação e interpretação dos requisitos simbólicos, práticos e técnicos do meio, com base em pesquisas contínuas e aprofundadas sobre as características, necessidades e anseios das pessoas, bem como sobre os contextos em que vivem.

Na sua essência, esse trabalho assume uma natureza não-mercantil, de caráter coletivo e com intenção de transformação social.



CAPÍTULO 2

Capítulo 2

Design, Identificação e Agricultura familiar

2.1. Design social não é novidade

O campo de atuação do Desenho Industria/Design é historicamente relacionado com questões mercantis e tecnológicas e, os artefatos gerados são trivialmente relacionados com aspectos da *Gute Form* – a boa forma, na qual a função estética prevalece frente a função do produto. Embora a concepção de Design Social aparente ser um tema da atualidade, essa discussão não é recente. Os parágrafos seguintes descrevem alguns dos postulados que fundamentaram o pensamento em Design sob a perspectiva humanista do denominado Design Social, a começar pela renovação da arte atravessada pela Rússia após a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa durante a segunda década do século XX, período que influenciou a nível internacional o campo de atuação do Design.

Por volta de 1920, em defesa ao movimento comunista russo, os artistas de esquerda organizaram-se a fim de provocar uma dissidência ideológica em relação ao papel do artista no Estado, que até o momento mantinham uma postura conservadora, a exemplo de Maliévitch e Kandinski que rejeitavam os seus papéis sociais e políticos, “acreditando que o objetivo exclusivo da arte era revelar as percepções do mundo mediante a invenção de formas no espaço e no tempo” (MEGGS, 2009, p.374). Os artistas Vladímir Tátlin e Aleksander Ródtchenko entre outros, renunciaram a arte pela arte para dedicarem-se ao design industrial, comunicações visuais e artes aplicadas à serviço da nova sociedade comunista, configurando o movimento artístico construtivista (fig. 15).

Entre os artistas soviéticos de vanguarda, destacaram-se o escultor Tátlin, que desenvolveu o projeto de um fogão onde estava previsto o máximo de calor com um mínimo de combustível; o pintor Ródtchenko, que dedicou-se a criar peças de design gráfico e fotojornalismo; Vladímir Vasilliévitch Lebiediév, que desenhava cartazes de

propaganda para a agência soviética dos telégrafos; e o artista El Lissitzki, cuja obra teve relevância devido ao pioneirismo nas técnicas de produção que determinariam o futuro do design gráfico e o da Bauhaus (fig. 16).

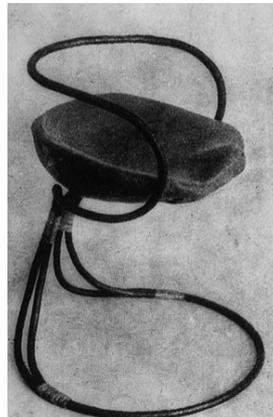


Figura 15: Cadeira tubular *Vkouthein*, de Vladímir Tátlin, 1927
Fonte: Tátlin, 1927



Figura 16: *Beat the Whites with the Red Wedge*, de El Lissitzki, 1919
Fonte: Lissitzki, 1919

O contrutivismo russo atingiu artistas de outros países, como a Hungria, a Tchecoslováquia e a Polônia. O designer polonês Henryk Berlewi, motivado por Lissitzki, acreditava que a arte moderna era repleta de ilusões, logo ele transformou a pintura e o design gráfico em abstração, excluindo a visão de tridimensionalidade e provocando a mecanização da arte que passou a ser compreendida como uma expressão da sociedade industrial. Na Tchecoslováquia, distinguiram-se os artistas Ladislav Sutnar, que aplicava os princípios de Design em artefatos da vida contemporânea criando peças gráficas, brinquedos, móveis, prataria, louças e tecidos (fig. 17); e Karel Teige, que trabalhava com tipografia e fotomontagem e, acreditava que o bom design solucionaria as diferenças entre o capitalismo norte-americano e o comunismo soviético (MEGGS, 2009).



Figura 17: Serviço de chá em porcelana (1929-32) e em vidro (1931), de Ladislav Sutnar
 Fonte: Sutnar, 1929

A proposta do construtivismo possibilitou o surgimento de uma nova concepção sobre a comunicação visual e teve continuidade no movimento da *Staatliches Bauhaus*, escola alemã criada na cidade de Weimer em 1919 a partir da fusão de duas escolas locais, de artes e ofícios e de belas artes. Apesar da base do construtivismo ser evidente, a Bauhaus não se limitou a copiá-lo, evoluiu com projetos que influenciaram o século XX, por meio de projetos de artefatos, móveis, arquitetura funcional, equipamentos urbanos, tipografia e impressos. Na décima segunda edição da revista Bauhaus, publicação que difundia ideias sobre aplicação de teoria da arte à arquitetura e ao design, apresentavam-se propostas de habitação modular para fabricação industrial, “combinando economia, propósito social e funcionalidade estrutural com preocupações estéticas” (MEGGS, 2009, p.410) (fig. 18).



Figura 18: Capas da revista Bauhaus
 Fonte: Gropius et. al., 1925

A Bauhaus em 1926 foi transferida para a cidade de Dessau, e durante a direção de Hannes Meyer, entre 1928 e 1930, contou com a participação dos funcionalistas Hans Wittwer e Ludwig Hilberseimer que pretendiam dar um conteúdo mais social à racionalização industrial (MALDONADO, 1977a). Por questões políticas e pela ligação de Meyer com o Partido Comunista que ia de encontro ao ambiente da Bauhaus (MALDONADO, 1977a; MEGGS, 2009), a sua permanência como diretor foi reduzida, o que acarretou na interrupção de suas concepções no interior da Escola.

A Bauhaus não sobreviveu ao advento do nazismo e fechou as suas portas em 1933. Muitos de seus professores e ex-alunos deixaram a Alemanha levando as suas propostas para outros países, onde sobreviveram e foram desenvolvidas em novos contextos. No pós-guerra, na Alemanha, foi criada a *Hochschule für Gestaltung Ulm* (HfG) ou Escola Superior da Forma de Ulm, que deu continuidade à tradição da Bauhaus no que se refere a crença da função social na atividade projetual (MALDONADO, 1977b). O pensamento central da HfG estava aberto ao desenvolvimento de propostas inovadoras e buscava um ensino alternativo ao da Bauhaus, opondo-se à formação especializada. Estava explícita a necessidade de preencher a lacuna entre inteligência e cultura com o objetivo de assegurar à indústria a criação de produtos úteis para a sociedade, e o compromisso de enriquecer a vida cotidiana (BOZZANO, 1998). Neste contexto, eis o entendimento que prevalecia sobre a atuação do designer:

Es una opinión corriente, al menos en algunos sectores, que el diseñador industrial, el proyectista que trabaja para la producción en serie, sólo tiene una función a cumplir: servir al programa de ventas de la gran industria y estimular el mecanismo de la competencia comercial (MALDONADO, 1977b).

Tomás Maldonado, um dos intelectuais centrais de Ulm, esteve envolvido nas inovações pioneiras do conceito da Escola. Entre os principais temas que pesquisava, estavam o papel social do designer, comunicação, pedagogia do Design, semiótica e realidade virtual (CANTZ, 2003; BOZZANO, 1998). No período em que assumiu a direção da HfG e com as mudanças no contexto sociocultural da época, advertiu sobre a necessidade de renovação dos conteúdos pedagógicos (BOZZANO, 1998). Em seu livro *Vanguardia y Racionalidad* (1977), o autor descreve a percepção que tivera sobre a HfG, que além de ter sido um espaço possível para se oportunizar desafios, era um local preparado para um novo enfoque sobre a atividade projetual, o Design Ambiental. Nesta ideia eram reexaminadas as relações entre Design e pesquisa, onde nascia a convicção de que “o homem não é somente um sujeito mas é também o objeto final de toda tentativa de design”. No futuro, como previsto pelo autor, o designer seria o responsável por solucionar as diferentes necessidades de fabricação e uso,

além de satisfazer material e culturalmente os indivíduos (CANTZ, 2003).

Desde a sua criação, a Escola de Ulm esteve impulsionada por ideais políticos. Entre os seus objetivos estava a proposição de respostas eficazes para as maiorias, não para as elites. A HfG se opunha ao modelo consumista, assumindo deste modo uma consciência crítica frente às leis do mercado (BOZZANO, 1998). Devido ao seu enfoque nas relações entre Design e sociedade, era considerada de vanguarda e progressista, pois valorizava a indústria e a tecnologia como fenômenos culturais. Fixou seus estudos não em objetos individuais mas em sistemas de objetos e em programas de Design; aceitava a ciência como referência para o campo de atuação do Design e pretendia fazer desta uma área autônoma, e rejeitava as tentativas de outras áreas em se apropriarem do Design ou incluí-lo como subcategoria (CANTZ, 2003). Pretendia ainda atingir o mais alto nível de criatividade e definir uma finalidade social, indicando quais os caminhos que deveriam ou não serem criados (MALDONADO, 1977b).

Muitas das ideias desenvolvidas pelos teóricos Max Horkheimer, Theodor Adorno e Herbert Marcuse eram discutidas no interior da HfG em torno da função social do Design, do mesmo modo que o próprio diretor Max Bill acreditava na qualidade do produto como garantia moral e social. Entre os professores permeava o pensamento de que os problemas contemporâneos poderiam ser resolvidos através de bons projetos que incidissem sobre a sociedade. Os artefatos desenvolvidos no interior da escola eram apresentados como alternativa aos produtos do mercado alemão, enquanto na verdade o desejo do grupo de professores era uma causa maior, era transformar o conteúdo e a estrutura do ambiente humano. Conforme Lindinger e Maldonado, a responsabilidade cultural e social do profissional de Design nascia da consciência sobre o meio ambiente, no qual o projeto não é algo independente, pois está conectado a todos os aspectos que interligam o ambiente humano. A consciência da existência de um ambiente representou um conquista para o entendimento que estamos envolvidos e condicionados por um meio físico e sociocultural, denominado ambiente humano (MALDONADO, 1971). O subsistema do ambiente humano, é um dos numerosos subsistemas que compõem o sistema ecológico da natureza e se distingue dos demais por influenciar os outros subsistemas e seus destinos.

A projeção vista como uma atividade orientada para a otimização artificial do ambiente humano através da proliferação artificial dos objetos, por outro lado procura abrir um horizonte coerente, socialmente responsável pelo ambiente humano (MALDONADO, 1971). Em linhas gerais, a HfG difundia que trabalhando para a indústria, o profissional de Design deveria continuar refletindo sobre as suas responsabilidades sociais. O designer imerso na rotina de projetar não percebe a incidência social efetiva de sua atividade, mas as suas obrigações com a indústria não devem prevalecer sobre as obrigações com a sociedade (MALDONADO, 1977a; 1977b). A

ausência de consciência crítica, ecológica ou social, sustenta que

não há comportamento alienado mais típico do que o do projetador que projeta sem crer nem na necessidade, nem na utilidade do seu trabalho, que realiza sem qualquer convicção, apenas para dar uma resposta rotineira às exigências igualmente rotineiras de sua tarefa. Em suma, um projetador desprovido de qualquer motivação ou – o que ainda é pior – desprovido de desejos (MALDONADO, 1971, p.29).

Sintetizando, os valores da HfG foram primordiais para o desenvolvimento dos estudos em Design, inclusive na América Latina principalmente nos países onde a consciência do Design como fator econômico era pulsante e pouco se demonstrava receptividade à importância do Design no processo de industrialização (CANTZ, 2003).

No decorrer da década de 1970, o teórico Papanek (1977) manteve vívido os valores difundidos pela HfG sobre os compromissos do profissional de Design em desenhar para além de estilos e trivialidades para os mercados de sociedades abastadas, apesar das necessidades econômicas, psicológicas, espirituais, tecnológicas e intelectuais serem mais difíceis de satisfazer em relação aos desejos elaborados e manipulados que envolvem moda e novidade.

(...) el diseñador tiene responsabilidad por la forma en que el mercado reciba los productos que diseña. (...) Su buen juicio social y moral tiene que entrar en juego mucho antes de que empiece a diseñar, porque tiene que juzgar, apriorísticamente, además, si los productos que se le pide que diseñe o rediseñe merecen su atención o no. Em otras palabras, si su diseño estará a favor o en contra del bien social (PAPANECK, 1977, p. 57).

Em parte, o designer é responsável pela interação do mundo dos homens, o natural, com o mundo dos objetos, o artificial. No entanto, em sua prática projetual, os profissionais tendem a preocupar-se com os aspectos técnico-construtivos e técnico-produtivos da configuração de produtos, o que os leva à prática projetual intensamente orientada ao produto, denominada Design Técnico (LÖBACH, 2001).

Em oposição ao Design Técnico, é comumente utilizada a terminologia Design Social para denominar as práticas projetuais que consideram fatores além da resolução de problemas técnicos oriundo das indústrias, cujos produtos são desenvolvidos a partir de necessidades locais de base social (fig. 19). Estas ações privilegiam soluções onde o produto não é o objeto central, onde o problema social passa a ser o ponto de partida da pesquisa e o artefato gerado é uma das soluções para o problema

social (LÖBACH, 2001). Fazendo uma comparação, enquanto o Design Técnico tem como meta o desenvolvimento de produtos a partir de exigências do capital, o Design Social é orientado para os problemas sociais e busca a melhoria das condições de vida dos grupos sociais (LÖBACH, 2001).



Figura 19: Produtos orientados pelo Design Social: Lâmpada repelente contra insetos e Água Potável
Fonte: Diehl et. al., 2009

Entretanto, o simples somatório de objetos bem desenhados não configuram um ambiente melhor, pois é prescindível que no projeto do ambiente, os aspectos físicos e sociais dialoguem (BOZZANO, 1998), uma vez que o objeto de Design está conectado ao ambiente humano e ecológico (LLOVET, 1979).

Aicher (1994) em *El mundo como proyecto* reitera que o Design é para todos e requer a otimização de objetos de uso para o maior número possível de usuários. Sabe-se que as dificuldades envolvidas na projeção não são poucas, diante das questões técnicas, produtivas, culturais, éticas, econômicas e ambientais, no entanto a cada projeto deve-se questionar a relevância deste na sociedade e os impactos gerados, da sua produção ao término, ou seja, deve-se refletir a partir de uma visão sistêmica de Design (LÖBACH, 2001).

Entre os discursos mais recentes estão Fuad-Luke (2002) e Manzini (2008) que se direcionam ao novo profissional, conscientizando-os para a realização de projetos que satisfaçam as necessidades reais e não os desejos de modas passageiras ou criadas pelo mercado. Os autores assumem uma postura atenta ao impacto ecológico dos produtos, materiais e serviços, através do uso de materiais e recursos disponíveis localmente e do benefício máximo para os usuários.

Contudo, os discursos de Maldonado (1971; 1977), Papanek (1977), Löbach (2001) continuam sendo referências no que se trata da temática do projeto de Design socialmente orientado. Ao que parece, a reflexão sobre uma prática projetual preocupada com o bem estar dos cidadãos não é um raciocínio derivado de um modismo mas presente no decorrer do amadurecimento da própria sociedade. Convenientemente,

este é um viés da prática projetual que se torna urgente frente a ausência de soluções para problemas de base social, os quais conforme a tradição projetual da área não eram configurados como foco de ação pelos profissionais de Design.

2.2. Epistemologia do Design: a pesquisa através da prática

No campo de pesquisa em Design, desde a última década há uma discussão crescente acerca da apropriação de seus próprios termos e conhecimento para a sua articulação enquanto disciplina. O Design surgiu da intersecção entre o campo científico e o artístico (CROSS, 1999) e vem assumindo uma cultura intelectual distinta, desenvolvendo autonomia no modo de projetar, de saber e de investigar, ou seja, vem adotando uma cultura própria de projetar (ARCHER, 1995).

Archer (1995) esboça algumas das particularidades da área ao corroborar que o Design questiona as possibilidades das coisas em serem, enquanto a ciência está focada em como as coisas são; o Design é construtivo, enquanto a ciência é analítica; os designers procuram dar forma aos componentes de novas estruturas, ao passo que os cientistas tentam identificar componentes de estruturas existentes (CROSS, 1999). A partir de tais considerações, o autor justifica a formação de uma terceira área de conhecimento distinta, onde se desenvolva os modos de investigação próprios do Design.

O trabalho de Cross (1999) dá continuidade à reflexão de Archer no que tange a pesquisa em Design estar articulada em torno das suas formas particulares de comunicação do conhecimento. O campo do Design, segundo Cross, fundamenta-se a partir de três alicerces: a) nas pessoas, pois o Design é uma habilidade humana, logo deve-se investigar como as pessoas projetam; b) nos processos, pois deve-se estudar as táticas e estratégias de projetar, ou seja, os métodos próprios do Design; c) nos produtos, em definir formas, materiais e acabamentos que incorporam os atributos de Design (fig. 20). Em síntese, o conhecimento, as estruturas e os valores do Design são fundamentados no mundo artificial ou o dos artefatos, em como contribuir para a criação e a manutenção deste espaço (CROSS, 1999).

Assim como o campo da linguística evoluiu de modo a tornar-se uma ciência autônoma, autores como Archer e Cross fundamentam teorias para a existência de um campo de conhecimento próprio do Design. Entre as conjecturas em torno da autonomia do Design, Medeiros (2004) propõe pela primeira vez uma expressão que nomeie o estudo sistemático da área do conhecimento do Design e todas as suas especializações, denominada Desenhística, que conforme sugerida pela autora, “designaria ciência, arte e técnica de projetar desenhando” (MEDEIROS, 2004, p.133).

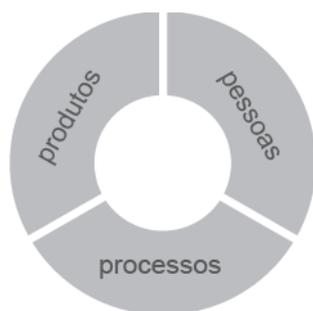


Figura 20: Fundamentos do conhecimento em Design

Fonte: Adaptado pela autora (CROSS, 1999)

Sobre as atividades práticas de Design, que vão ao encontro à natureza deste trabalho, estas podem ser devidamente equiparadas à pesquisa, classificadas em três gêneros por Archer (1995): a pesquisa sobre a prática (*research about practice*), a pesquisa para fins de prática (*research for the purpose of practice*) e a pesquisa através da prática (*research through practice*). Nos parágrafos seguintes são descritos os gêneros que mais se aproximam ao que se propõe nesta investigação: a) a pesquisa sobre a prática; b) a pesquisa através da prática. Em ambos os casos, os métodos convencionalmente adotados são a pesquisação e a pesquisa participante.

Na pesquisação, o pesquisador encarrega-se de uma ação explícita no mundo real a fim de elaborar, testar ou elucidar algo; é quase sempre uma situação específica (ARCHER, 1995), orientada para prescrições de onde os dados emergem junto ao grupo de observação e podem futuramente serem empregados na mesma comunidade local (CAULIER-GRICE, MULGAN e MURRAY, 2010). Já a pesquisa participante tem origem em unidades de ação social que atuam dentro de movimentos sociais populares ou se posiconam à serviço desses movimentos. As abordagens desse tipo de pesquisa pretendem “participar de processos mais amplos e contínuos de construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens do conhecimento popular” (BRANDÃO e BORGES, 2007, p.51).

As pesquisas desenvolvidas no interior de comunidades devem ser realizadas de forma colaborativa, envolvendo os diversos atores locais. Cada comunidade possui problemas peculiares, sendo adequado fazer adaptações para cada contexto e, cabe ao pesquisador compreender as singularidades e prever métodos de trabalho ajustado àquela realidade. A participação dos atores locais é fundamental para se compreender a complexidade das relações entre sujeitos e ambiente e, uma das possibilidades de coleta de informações com os sujeitos é por meio da narrativa em primeira pessoa, ou seja, por entrevistas orientadas por relatos de experiências pessoais.

As narrativas são muito utilizadas para auxiliar grupos a definirem sua postura coletiva e para estruturar a identidade (GIBBS, 2009). As histórias de vida são exemplos de narrativas orais, onde são narradas biografias cronológicas e os sujeitos iden-

tificam eventos e outros personagens de suas histórias com algum destaque em suas vidas. Aspectos importantes de um grupo, como comportamentos, técnicas, valores e ideologias podem ser compreendidos através de sua história (BELLO, 2002). As histórias de vida são adotadas em diversas áreas do conhecimento devido as possibilidades de adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos (SOUSA, 2006).

As histórias de vida consistem em práticas frequentemente utilizadas no campo das ciências sociais e em outras áreas do conhecimento, embora sejam escassos seus registros nos limites do Design. Pelas características apontadas por Archer em relação ao designer ser um questionador de possibilidades, acredita-se que em projetos de Design socialmente orientados, no qual esteja previsto o envolvimento dos atores locais seja possível empregar esta técnica narrativa. Além disso, pelo fato desta técnica ser adaptável como indicado por Bello, a utilização das histórias de vida nesta investigação específica configura-se como contribuição para a elaboração de métodos próprios de Design, concordando deste modo com a proposta de Archer, que visualiza o Design como a terceira área do conhecimento, afora as Ciências e as Humanas.

2.3. Da linguística à desenhística: projetar pelo Design

A linguística enquanto ciência concentra seus estudos na linguagem verbal, tem proporcionado o desenvolvimento de demais áreas, oferecendo subsídios extensivos a estudos relativos à linguagem visual, entre eles para o campo do Design (BORDINI, 2004). A linguística sustenta dois argumentos que a caracteriza frente aos outros sistemas sógnicos, sendo o primeiro fundamentado no empirismo, pois a língua é o mais importante de todos os sistemas sógnicos; e o segundo é histórico, uma vez que é a mais avançada de todas as ciências semiológicas (NOTH, 1996).

A linguagem configura-se como um recurso de interação entre as pessoas (BORDINI, 2004) e tem sido concebida sob três principais concepções: a) o ser humano representa para si o mundo através da linguagem, logo, a função da língua é representar seu pensamento e seu conhecimento de mundo; b) a língua é considerada um código através do qual o emissor comunica mensagens ao receptor, assumindo neste caso a função de transmitir informações; c) a linguagem funciona como atividade, estabelecendo diversas formas de ação ou interação (KOCH, 1992).

Na linguagem verbal percebem-se diferenciações entre a fala e a escrita, sendo que a linguagem falada é caracterizada por ser não-planejada, fragmentária, incompleta, pouco elaborada, com predominância de frases curtas e o pouco uso de passivas. Sobre a linguagem escrita, pode-se dizer que está é planejada, não-fragmentária, completa, elaborada, com predominância de frases complexas, e o

emprego de passivas (KOCH, 1992).

Entre os notáveis fundadores do campo da linguística, Ferdinand de Saussure, compreendia-a como um ramo autônomo da ciência que estuda os signos, a denominada semiologia. No processo de construção de sua teoria, Saussure elaborou seu modelo sígnico com a finalidade de analisar a “natureza do signo linguístico” (NOTH, 1996, p.30) fundamentando em técnicas analíticas ou técnicas saussurianas, expressas nas dicotomias denotativa-conotativa, diacrônica-sincrônica e paradigmática-sintagmática, estabelecidas pelo mesmo autor.

Sistemas do campo da linguística desenvolvidos por Saussure foram transferidas para a área de Design na década de 70 e 80 pelo Gui Bonsiepe, dando início à adaptação das técnicas analíticas saussurianas. Tais técnicas aplicadas à Desenhística servem para a organização de dados e “facilitar a identificação de deficiências e pontos de valor em produtos”, assim como auxiliar na “visualização preliminar, organizada e sistematizada do trabalho projetual” (BORDINI, 2004, p.44).

Das técnicas analíticas saussurianas aplicadas à Desenhística, a denoconotativa diz respeito ao reconhecimento de termos, expressões e conceitos relacionados com o tema projetual. A denotação é o vínculo direto de significação de uma palavra com o projeto em execução, tem como função designar o sentido literal das palavras; enquanto a conotação apresenta os sentidos derivados e figurativos das palavras.

O uso das técnicas denotativas e conotativas proporciona verificar os vocábulos pertencentes a um campo do conhecimento, com os quais se irá conviver ao longo do projeto, pois os produtos são portadores de um conglomerado de significação e agem, segundo Llovet (1979), “como designantes, denotadores e conotadores de posição socioeconômica, ideais estéticos do consumidor, ponto de vista moral do usuário” (BORDINI, 2004, p.49).

A linguagem constitui-se de um conjunto sistemático de códigos, ou seja, um universo amplo de representações onde estão incluídas as representações gráficas (MEDEIROS, 2002). As representações escritas de palavras, as grafias, são elementos que fazem parte da linguagem própria da Desenhística.

Os termos relevantes para a linguagem do desenho são organizados por Gomes (1998), que retoma o termo ideografia, ao qual refere-se a toda e qualquer forma de expressão gráfica proposital. As ideografias no contexto da Desenhística fazem parte do processo de comunicação e, são divididas em iconografias e fonografias. As iconografias são independentes da linguagem oral, pois transmitem imagens visuais diretamente do emissor que desenha ao receptor que vê. As fonografias dependem da linguagem oral e para que as imagens verbais sejam com-

preendidas, ambas necessitam da decodificação das imagens auditivas, tanto pelo emissor quanto para o receptor (MEDEIROS, 2002).

As grafias tornaram-se mais especializadas e reconhecidas como meios de representação visual da palavra, em detrimento da comunicação através da representação de imagens. Sob o ponto de vista da linguagem visual do desenho, o que interessa são as formas gráficas (gramas) utilizadas para comporem o discurso visual, semelhante ao modo que se montam as palavras, as frases e os parágrafos na linguagem verbal, nomenclatura semelhante a da linguagem verbal é utilizada para designar alguns pontos da linguagem visual (BORDINI, 2004, p. 18).

Para a estruturação da linguagem do desenho, Gomes (1998, p. 103) ordena os discursos em gráfico-visual e gráfico-verbal. O discurso gráfico-visual diz respeito aos produtos que definem a cultura material; o discurso gráfico-verbal se apropria de linguagens escritas para tratar de coisas da cultura das ideias e do comportamento humano. Assim, como o objetivo informativo da linguagem verbal influencia no “nível estilístico-sintático do uso da língua”, o objetivo comunicativo-informativo do emissor de uma mensagem gráfica contribui para determinar as escolhas estruturais do desenho.

É fato que o emissor de uma mensagem gráfica está fortemente condicionado, no momento de escolher o código a ser aplicado (MASSIRONI, 1982). Na comunicação gráfico-visual a qualidade do conteúdo a ser transmitido – ilustrativo, operativo ou taxonômico – determina a escolha dos elementos estruturais que constituem a mensagem, desde a escolha da inclinação do plano como no tipo de traçado gráfico. As técnicas de desenho se conformam as diversas exigências de comunicação,

desde a ilustração das funções taxonômicas das ciências da natureza, às descrições expressivas da ilustração artística; da coordenação dos traçados na elaboração de um projecto técnico, à explicação num diagrama do complexo conjunto dos dados interrelacionados entre si (MASSIRONI, 1982, p.17).

Teóricos do campo do desenho como Massironi (1982), Gomes (1998), Medeiros (2002), Lidwell et. al. (2003) e Dondis (2007) desenvolveram modos específicos de organizar visualmente a informação. Entre os autores citados, Lidwell et. al. (2003, p.84) mencionam que a organização da informação “é um dos fatores que mais influenciam o modo como as pessoas aproximadamente pensam e interagem com um produto”.

Quanto ao modo de representação das informações, estas são divididas em: a) iconográfica, quando se dá a caracterização pelo desenho de imagens; b) fonográfica, quando a caracterização é pela escrita da fala; c) iconográfica-fonográfica, quan-

do se é dado ênfase nos dois aspectos (GOMES, 1998).

Os autores Massironi (1982) e Lidwell et. al. (2003) ordenam a informação a partir de taxonomias, embora tenham visões divergentes sobre a representação taxonômica. Para Massironi (1982), a representação taxonômica é aquela utilizada em ilustrações de conteúdos de botânica e anatomia, no qual o desenho deve seguir algumas regras estruturais, como o uso do plano frontal; abolição do fundo, uma vez que é considerado um elemento de perturbação da leitura do desenho; e um único ponto de vista fixo. A concepção de Lidwell et. al. (2003) sobre taxonomia aponta para cinco maneiras de ordenação das informações, sendo elas: 1) a alfabética, quando organiza-se a informação através da sucessão alfabética; 2) a contínua, quando recorre-se a organização das informações por meio da comparação das coisas através de uma medida comum; 3) a temporal, quando segue-se uma sequência cronológica; 4) a locacional, quando a organização se dá através de referência geográfica ou espacial; 5) e categorial, quando organizam-se as informações por grupos de semelhança.

Para ilustrar o conceito específico sobre a taxonomia temporal, os infográficos são peças onde facilmente se encontram os princípios de desenho mencionados. Neles, apesar da variedade de aplicações ao qual se depara (anexo B), naturalmente percebe-se um padrão estrutural, sendo os mais encontrados do tipo sequencial, cíclico, randômico, de proveniência, espiralado e radial (fig. 21).

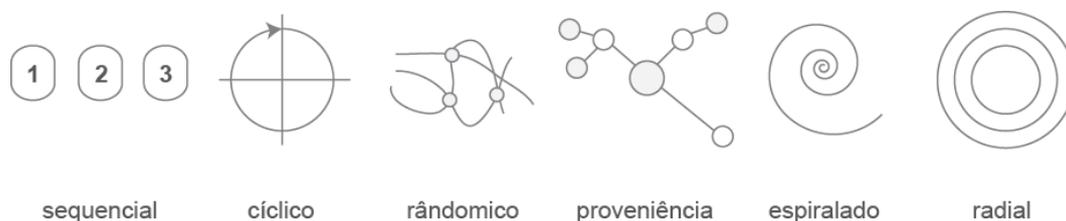


Figura 21: Modelos de estrutura dos infográficos

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação aos aspecto visual, as informações pode ser apresentadas em: quadros, quando os dados são emoldurados; tabelas, que são os quadros compostos de linhas e colunas que contém os dados; e mapas, que são representações de algo descrito ou figurado (MEDEIROS, 2002).

Sobre as as representações gráficas, Medeiros (2002) ordena as informações conforme os graus de conformidade e semelhança em: a) diagramas são os elementos geométricos que representam fatos, fenômenos e interações; b) esquemas priorizam a síntese em benefício da compreensão; c) ilustrações são imagens e detalhes.

Para Massironi (1982), a implantação de diagramas, esquemas e gráficos geralmente servem à interpretação-explicação dos fenômenos científicos; em vista

frontal com aplicação de contorno para dar uniformidade e precisão ao desenho. No desenho de ilustração, cujo processo representativo gráfico é caracterizado pela dialética entre ênfase e exclusão, adota-se o uso da textura no plano horizontal. Um exemplo de desenhos de ilustração são as representações botânicas, que adotam a exclusão dos “pequenos traços de desvio da norma que cada indivíduo único traz inevitavelmente em si”, reduzindo-se o desenho às características e traços pertinentes à espécie, sendo este o motivo pelo qual se prefere usar o desenho ao invés da fotografia (MASSIRONI, 1982, p.62).

A organização e composição visual de elementos de desenho formam as mensagens visuais, que são expressas em três níveis: a) o representacional, baseado no meio ambiente e na experiência; b) o abstrato, fundamentado na redução aos componentes visuais básicos e elementares; c) o simbólico que representa o vasto universo de sistemas de símbolos codificados pelo ser humano (MASSIRONI, 1982).

No caso da informação visual representacional, este é o nível mais eficaz a ser utilizado na comunicação direta dos detalhes visuais do meio ambiente. Já a abstração, torna-se fundamental para o desenvolvimento de um projeto visual e a geração de opções e soluções visíveis, pois é liberada das exigências de representar a solução final consumada (DONDIS, 2007).

No processo de abstração, eliminam-se os detalhes irrelevantes e enfatizam-se os traços distintivos, reduzindo-se aos traços essenciais do que está sendo representado. Até se atingir a abstração total, pode optar por dois caminhos: a abstração voltada para o simbolismo, com um significado identificável ou arbitrariamente atribuído; e a abstração pura, que é a redução da manifestação visual aos elementos básicos.

Na busca da semelhança pelo modelo natural, a fotografia pode ser considerada a mais indicada, embora o trabalho do desenhador seja mais nítido pelo controle e manipulação que se tem sobre a forma. Entretanto, independente da técnica adotada, o potencial da criação de mensagens através da redução da informação visual está na composição do arranjo pretendido. Somente através do processo de experimentação e seleção que se encontra a solução para expressar a mensagem (DONDIS, 2007) e, o método escolhido depende diretamente da capacidade de utilização das técnicas visuais.

2.4. Identidade e identificação

Identities não são entidades escondidas em algum lugar secreto e profundo, e sim algo que precisa ser criado (ou, na terminologia do design, algo que precisa ser projetado). Naturalmente, esse conceito vai muito além do *branding* ou *corporate design* (BONSIEPE, 2011, p.50).

As imagens, os artefatos e as identidades da modernidade ocidental são produzidas pelas indústrias culturais que dominam o espaço global (HALL, 2006). De fato, por meio de sua prática projetual, o Design reflete os interesses das economias dominantes, cuja tendência é produzir artefatos exclusivamente para os 25% da humanidade que fazem parte dos países industrializados (BONSIEPE, 2011).

Um dos efeitos da política globalização é a produção de novas identidades, tanto globais como locais, havendo evidências de que essas últimas se fortaleçam e se tornem “mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2006, p.87).

Em decorrência dessa fase caracterizada pela internacionalização das informações, sustentada pela globalização que introduziu a sociedade em rede, enquanto algumas identidades buscam recuperar sua pureza em características que já foram perdidas, outras aceitam a mutação a que estão sujeitas com o suceder do tempo e reconhecem a improbabilidade de voltarem a ser unitárias, que de acordo com a teoria social, nenhuma identidade constitui-se ou encerra-se em sua essência (HALL, 2006; CASTELLS, 2006; MENDES e QUELUZ, 2008). Esse processo de redefinição de valores acontece, entre outras, em sociedades periféricas dos países pobres, que estão cada vez mais abertas às influências de consumo devido ao acesso aos aparelhos de televisão, rádios portáteis, telefones celulares e internet (HALL, 2006).

A mudança estrutural nas sociedades pós-modernas está fragmentando as classes sociais e as nacionalidades, que anteriormente durante a modernidade eram sólidas referências para os indivíduos sociais. O indivíduo que antes se reconhecia numa identidade estável, na contemporaneidade passa a ser composto de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não-resolvidas. Desse modo, o processo de auto-identificação é sempre “provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p.12).

A crise identitária é o que caracteriza o sujeito pós-moderno, que não reconhece uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade está em constante transformação, conforme aparecem os diferentes sistemas culturais que nos rodeiam. A ideia de instabilidade da identidade é apoiada por Bauman (2005, p.18), que denomina a atualidade como a “época líquido-moderna”, causada pelo mundo fragmentado e com consequentes “existências individuais” desconectadas entre si mas que por

outro lado, a busca pelo retorno de uma identidade coesa e sólida representaria uma limitação da liberdade de escolha.

Feitas essas considerações iniciais, entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo, definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2006; CASTELLS, 2006). O sujeito assume diferentes identidades em momentos distintos, pois a construção da identidade se desenvolve no decorrer do tempo, através de processos inconscientes, e não é algo inato. Ela permanece incompleta, em contínuo processo de formação (HALL, 2006; CASTELLS, 2006). O processo de construção de identidades “vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso” (CASTELLS, 2006, p.23). Então, ao invés de se falar da identidade como algo finalizado em si, deve-se falar de identificação e entendê-la como um processo em andamento (HALL, 2006) que surge do preenchimento de elementos exteriores por meio das interações com as outras culturas.

Entretanto, nessa discussão emergem os conceitos de identidade e papel. O papel social de um indivíduo é definido por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade em que vive, enquanto que

(...) as identidades são fontes mais importantes de significados do que papéis, por causa do processo de autoconstrução e individualização que envolvem. Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Defino significado como a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade da ação praticada por tal ator (CASTELLS, 2006, p.22).

Ainda, no que diz respeito à formação e construção das identidades, existe uma oscilação entre os conceitos de tradição e tradução (HALL, 2006). Com o surgimento de culturas em processo de transição, o conceito de tradução se aplica àqueles grupos que absorvem referências de diferentes tradições culturais e cujos produtos são resultados dessas misturas culturais. A ideia de tradução descreve as formações compostas por pessoas que foram dispersadas da sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado.

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das línguas e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença

é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas”. As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural perdida ou de absolutismo étnico (HALL, 2006, p.88).

As culturas híbridas constituem um dos tipos de identidade produzidos na era da “modernidade tardia”, consideradas por alguns autores como mais apropriadas ao contexto atual do que as identidades tradicionais, que buscam o retorno ao passado (HALL, 2006).

A noção de pertencimento a um determinado grupo, muitas vezes parte de um conceito de uma tradição inventada que busca criar laços de identificação comunitária e diferenciação em relação a outros grupos (MENDES e QUELUZ, 2008). Outro argumento para a questão do pertencimento é que as pessoas se socializam e interagem em seu ambiente local e naturalmente tendem a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença ou até mesmo uma identidade comunal (CASTELLS, 2006).

As comunidades locais são construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva (CASTELLS, 2006). Se a construção de uma identidade coletiva emerge por meio da herança e preservação do patrimônio social e histórico, “e se a capacidade de recordar, preservar e perpetuar um passado faz parte de um sentimento identitário”, a identidade então pode ser expressa pelo auxílio do uso da memória (CORRÊA e ROSENDAHL, 2004, p.168).

Os argumentos anteriores apresentam o caráter contextual e de construção da identidade. A identidade como mencionada é uma construção social e histórica dos sujeitos tanto da sua individualidade quanto da coletividade. O lugar também é responsável nesse processo, já que é presente efetivamente na vida dos indivíduos dando uma outra dimensão à questão identitária, que é o “sentido de lugar”, de acordo com Corrêa e Rosendahl (2004, p.166). Na visão desses autores, o lugar é compreendido como o suporte da identidade, caracterizado pela estabilidade e pela permanência, pela unicidade e pela especificidade.

Por fim, à primeira vista, sabe-se que a materialização da identidade pelo campo de atuação do Design é compreendida pelo grupo de características formais ou cromáticas (*stilemi*); pela estrutura da taxonomia dos produtos; pelo uso de materiais locais e métodos de fabricação correspondentes; ou pela aplicação de um método projetual específico (empatia por uma tradição e uso desses atributos arraigados em determinada região) (BONSIEPE, 2011). No entanto, acredita-se que para construir

a materialização visual da identificação de uma comunidade, deve-se começar pelo conhecimento do lugar e das pessoas que nele habitam, como o espaço cotidiano, familiar e residencial até o espaço coletivo, uma vez que a interação dos sujeitos no próprio ambiente constituem o processo de construção da identificação.

2.5. Aspectos gerais da agricultura familiar

A discussão sobre desenvolvimento territorial para as regiões rurais tem sido conduzida pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário, que objetiva dinamizar e potencializar as áreas de pobreza rural. Os espaços rurais, caracterizados pela idade avançada da população e pelo distanciamento dos mercados e serviços, possuem um potencial econômico não aproveitado e aptos a serem explorados visando o bem estar dos cidadãos rurais (NATÁRIO, BRAGA e REI, 2010).

A ideia de subordinação das regiões rurais tem início no período da Revolução Verde (RV), quando as regiões agrícolas eram consideradas dependentes de subsídios e atrasadas por estarem distantes técnica, econômica e culturalmente dos centros urbanos, inclusive das áreas de decisão políticas, enquanto os centros urbanos eram considerados como polos de crescimento e desenvolvimento econômico das zonas rurais (ALVES e GUIVANT, 2010). Esta concepção sobre o meio rural permanece até o final dos anos 1970, quando o modelo exógeno, abordagem que compreende o ambiente rural submetido à dinâmica urbana passa a perder credibilidade (NATÁRIO, BRAGA e REI, 2010).

No sistema do desenvolvimento exógeno, a ideia central de desenvolvimento rural está baseada na percepção de que os agricultores não oferecem perspectivas para o desenvolvimento econômico ou para o aumento da produtividade, cabendo-lhes o papel de fornecedores de recursos para o setor moderno da economia. A agricultura é caracterizada pela alta densidade tecnológica viabilizada por grandes investimentos em pesquisa e desenvolvimento, desconsiderando peculiaridades e complexidades locais, ou seja, os conhecimentos local e tradicional são substituídos pelo conhecimento científico e globalizado (ALVES e GUIVANT, 2010). Para alguns teóricos, o processo instaurado durante a RV contribuiu para

elevar a produtividade nas propriedades e regiões em que as rendas já eram mais elevadas, mas nada conseguiu fazer para melhorar a situação dos pobres do campo. Ao contrário, ampliou a exclusão e as desigualdades sociais, além de agravar os efeitos negativos da agricultura sobre o meio ambiente (NICOLA e DIESEL, 2005, p.316).

Em oposição ao contexto estabelecido na RV, despontaram debates que promoveram a consolidação do conceito de sustentabilidade na agricultura, apta a oferecer padrões de segurança alimentar, ambiental e social para as populações. Neste cenário surge o conceito de desenvolvimento endógeno que percebe os recursos naturais, humanos e culturais de um local específicos como fatores determinantes para viabilizar a sustentabilidade. Na concepção de Borba, Gomes e Trujillo (2004), o potencial endógeno é composto de duas dimensões que se cruzam, a humana e a ambiental. Em relação a primeira,

a dimensão social envolve todos os esforços dos grupos locais para resistir aos processos de modernização industrial, onde surgem as formas de organização, como os processos participativos, a autonomia, a identidade, a cooperação, a força e a organização social do trabalho e o conhecimento local (BORBA, GOMES e TRUJILLO, 2004, p.161).

O principal desafio do desenvolvimento endógeno está em valorizar as diferenças e especificidades locais no contexto da globalização, dominados pelas técnicas e processos produtivos standardizados (ALVES e GUIVANT, 2010). No que diz respeito à sociedade, este modelo atende e fomenta a capacidade dos atores sociais; pode resultar em um processo de autonomia socioeconômica dos indivíduos; e tem propensão a manter os benefícios do desenvolvimento na própria economia local (BORBA, GOMES e TRUJILLO, 2004). Os atores locais se apropriam de componentes globais, como a cultura, os signos, a tecnologia e o conhecimento, num processo permanente de desconstrução e reconstrução.

Embora ambos, exógeno e endógeno sejam exemplos de desenvolvimento dependente, o modelo exógeno opõe-se ao endógeno a começar pelas determinações externas a serem inseridas nos locais, suplantando os saberes locais com a internalização de novas tecnologias e tendências de mercado, e a exportação dos produtos gerados pela produção local (BORBA, GOMES e TRUJILLO, 2004) (tabela 1).

O programa LEADER *European Observatory* iniciado em 1991, com base em uma abordagem participativa, multi-setorial e integrada de desenvolvimento, é uma iniciativa financiada pelos fundos estruturais da União Européia projetado para auxiliar os atores rurais a considerarem o potencial da sua região local; a incentivar a implementação de estratégias originais, integradas e de alta qualidade para o desenvolvimento sustentável; e a estimular redes de troca de experiências e parcerias.

No relatório apresentado pelo LEADER, são listadas seis lições aprendidas ao longo do programa. A primeira lição relevante para esta investigação trata do conceito de identidade – cultural, histórica e geográfica – que assume um papel importante

na definição do território devido a modificação que esta proporciona nas percepções que os atores têm do próprio espaço, facilitando também as suas interações com as instituições. A segunda lição discute a identidade local como núcleo da estratégia territorial. O fortalecimento de determinadas regiões têm sido resultado de projetos focados nos elementos de identidade local, buscando a unificação das comunidades, de modo que os próprios habitantes sintam-se como parte da região e seja dado o fortalecimento dos produtos locais. Por último, a terceira lição trata dos locais que por tamanha deterioração, a reestruturação de atividades já não é o suficiente, sendo necessário a aplicação de novos projetos capazes de inventar novas identidades e imagens destas regiões (BEDUSCHI FILHO e ABRAMOVAY, 2003).

Tabela 1: Exposição comparativa dos modelos de desenvolvimento rural

Quadro comparativo dos modelos de desenvolvimento rural		
Características	Desenvolvimento exógeno	Desenvolvimento endógeno
Princípio-chave	Economia de escala e concentração.	Arranjos locais (naturais, humanos e culturais). Recursos para o desenvolvimento sustentável.
Força dinâmica	Polos de crescimento urbano. As áreas rurais são concebidas como fonte de alimentos e de produtos primários para a expansão das economias urbanas.	Empresas e iniciativas locais.
Função das áreas rurais	Produção de recursos para a expansão da economia urbana.	Diversificação das economias e dos serviços.
Maiores problemas de desenvolvimento	Baixa produtividade e marginalização.	Limitada capacidade de áreas/grupos sociais em participar das atividades econômicas.
Foco do desenvolvimento rural	Modernização agrícola: estímulo à mobilidade de capital e trabalho.	Construção de capacidades (habilidades, instituições e infraestrutura). Superação da exclusão social.

Fonte: Adaptado pela autora (ALVES e GUIVANT, 2010, p.95)

Os projetos de desenvolvimento endógeno apresentam maiores chances de sucesso quanto mais forem capazes de explorar mais de um setor, visto que a prática para o desenvolvimento territorial se apóia na formação de uma rede de atores trabalhando para a valorização dos atributos da região (ABRAMOVAY, 2003). Projetos orientados pelo desenvolvimento territorial como o Alto Camaquã, têm atingido sucesso na criação de novos mercados que coloquem em destaque capacidades regionais (fig. 22).

O projeto teve início no ano de 2006 através da Embrapa Pecuária Sul, que procurou estimular o desenvolvimento territorial endógeno, a conservação da vegetação natural da região e a valorização da identidade territorial. As ações consideraram as características históricas, sociais, ambientais, culturais e econômicas comuns den-

tro do território do Alto Camaquã, constituído pelos municípios de Bagé, Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista, no Estado do RS. Com êxito, em 2010, o território do Alto Camaquã se tornou membro da Associação Mundial de Montanhas Famosas, entidade apoiada pela Unesco.



Figura 22: Projeto Alto Camaquã, exemplo de desenvolvimento territorial endógeno

Fonte: Teixeira, 2010

Um dos desafios para a promoção do desenvolvimento territorial consiste em se apropriar de recursos específicos e buscar o potencial identificável de um território. Para tal, deve ocorrer um processo de ativação dos recursos genéricos e específicos (DENARDIN e SULZBACH, 2010). Os ativos e recursos genéricos não são exclusivos de um único território, por estarem presentes em outras regiões, logo não se configuram como objetos de diferenciação. Este tipo de recursos são totalmente transferíveis e seu valor é estipulado no mercado via sistema de preços. Os ativos específicos por sua vez, possibilitam o uso particular por parte de um determinado território, pois resultam de uma história e de uma aprendizagem cognitiva coletiva, de processos culturais interativos e do saber local. Este tipo de recursos destacam a importância dos produtos com identidade para o desenvolvimento territorial. A produção desses recursos resulta de normas, costumes e cultura, as quais “são elaborados num espaço de proximidade geográfica e institucional, a partir de uma troca não mercantil” (DENARDIN e SULZBACH, 2010, p.220).

O crescimento do mercado com produtos orgânicos, agroecológicos e provenientes do comércio justo, bem como dos produtos relacionados ao turismo rural e étnico, leva a crer que os consumidores estão deixando de consumir commodities para consumir produtos com identidade. Fatores como a abertura de mercados que possibilite aos consumidores conhecerem produtos locais, sistemas de comercialização que permitam a identificação de produtos com atributos específicos, e o aumento da renda das famílias urbanas (levam ao consumo de produtos de maior valor econômico), permitem a valorização dos produtos com identidade (DENARDIN e SULZBACH, 2010).

A compreensão sobre o território rural e o local de vivência da agricultura familiar faz sentido na medida em que se busca uma visão integrada entre ambiente e sujeitos para a construção da identidade. Deste modo, “pensar o desenvolvimento territorial, da agricultura familiar; a partir dos sujeitos do campo é uma posição coerente, embora se compreenda que o desenvolvimento não se limite a ele” (SANTOS, 2011, p.326).

O desenvolvimento das atividades artesanais e o patrimônio local são oportunidades para o desenvolvimento das regiões rurais (ZABALETA, 2004; NATÁRIO, BRAGA e REI, 2010). As atividades artesanais possuem um potencial de geração de renda quanto mais conseguirem resgatar e reunir em um só produto os conhecimentos e modos tradicionais de fabricação, ademais o próprio crescimento urbano aumenta a demanda por novos produtos e serviços oriundos do meio rural (ABRAMOVAY, 2003). A comercialização de produtos locais por atores do próprio território configuram uma função social, cultural e também econômica (PORTO, 2004).

Apesar do espaço rural estar associado as regiões com baixa densidade populacional localizadas em áreas distantes dos centros urbanos, porém o fato de possuírem um potencial econômico diversificado, ainda não aproveitado e com possibilidades de serem explorados não devem ser vistos como sinônimo de declínio (NATÁRIO, BRAGA e REI, 2010). Ainda há uma relação tensionada entre o rural e o urbano em virtude da valoração sobre o urbano, visto como progressista, enquanto o rural é reconhecido como tradicionalista, mas é precisamente onde predominam as atividades agrícolas, e no caso brasileiro, é interligado de relações culturais, econômicas, sociais e políticas (MEDEIROS, 2011). A visão de que o rural é constituído por uma população dispersa no território, centrada apenas no setor agropecuário, precisa ser superada pela ideia de território construído a partir do uso e da apropriação dos próprios recursos naturais, envolvendo diversos setores da sociedade, estabelecendo relações funcionais com o urbano (CAMPOS e KRAHL, 2006).

O meio rural brasileiro está basicamente fundamentado em três grupos de atividades: a) na agropecuária moderna, alicerçada em *commodities* e conectada as agroindústrias; b) no conjunto de atividades não-agrícolas, ligadas a moradia, ao lazer e as atividades industriais e de prestação de serviços; c) no conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercado (MEDEIROS, 2011).

Os atores sociais que representam este espaço rural estão polarizados em dois modelos de acordo com a organização da agricultura, o agronegócio e a agricultura familiar. De um lado temos o agronegócio, “caracterizado pela tecnicização e predomínio das relações capitalistas no campo”, e de outro temos agricultura familiar, marcada pela “junção entre posse/propriedade de pequenos lotes de terra, trabalho e gestão familiar, e predomínio de atividades agropecuárias no trabalho e na renda da família” (CANDIOTTO, 2011, p.276).

O agronegócio provém do modelo de organização patronal onde toda produção agropecuária tecnicista é direcionada a exportação, demonstrando o predomínio das relações capitalistas no campo. O segundo modelo, da agricultura familiar, tem como principal objetivo “a sobrevivência da família rural, seja através da produção agropecuária para o consumo próprio, seja com a comercialização dos excedentes produzidos na unidade familiar” (CANDIOTTO, 2011, p.276); é caracterizada pelo trabalho e gestão da própria família, e o predomínio de atividades exclusivamente agropecuárias na propriedade rural.

A categoria social da agricultura familiar passa a ser reconhecida como relevante somente a partir da década de 1990, pois até o momento, a agricultura patronal e o agronegócio eram priorizados nas políticas públicas nacionais, enquanto a agricultura familiar era considerada atrasada, a ser superada pela modernização, industrialização e a urbanização (CANDIOTTO, 2011).

Desde então, o agricultor familiar passa a ser reconhecido como um ator fundamental para a incorporação de práticas vinculadas à sustentabilidade (CANDIOTTO, 2011). A pesquisa realizada em 1996 entre a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e o Incra gerou a publicação do documento “Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável”, cujos resultados apontaram para a emergência em estabelecer distinções entre as agriculturas patronal e familiar e a definição da agricultura familiar como estratégia para o desenvolvimento rural. De acordo com relatório do Convênio FAO/Incra, a agricultura familiar é definida a partir de três características centrais:

- (a) a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantêm entre si laços de sangue ou de casamento;
- (b) a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família;
- (c) a propriedade dos meios de produção, embora nem sempre da terra, pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou de aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva (FAO/INCRA, 1996, p. 4).

Conforme esse documento, na agricultura patronal existe a separação completa entre gestão e trabalho; a padronização da produção; o predomínio do trabalho assalariado; e a incorporação de tecnologias. Já na agricultura familiar os próprios proprietários fazem o vínculo entre trabalho e gestão; há diversificação da produção; e usa-se o trabalho assalariado como modo complementar (CANDIOTTO, 2011).

Em meados de 2006 foi sancionada a lei nº. 11.326 que define os conceitos de agricultores familiares e empreendedores familiares rurais. Na lei, o governo federal não exige a residência do agricultor familiar no estabelecimento rural e incorpora

neste segmento social da agricultura familiar os “empreendimentos não-agrícolas, que podem ser de propriedade e administrados por pequenos empresários urbanos e neorurais” (CANDIOTTO, 2011, p.289). Desse modo, o agricultor familiar deve

não deter, a qualquer título, área maior do que quatro módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; ter renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; dirigir seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (CANDIOTTO, 2011, p.289).

Independente do uso do termo camponês, pequeno produtor, minifúndio, produtor familiar ou agricultor familiar, o que mantém atualizado o debate sobre essa categoria social é o fato desses agricultores persistirem adaptando-se ou resistindo ao capitalismo, pois são as suas características singulares de “posse da terra, trabalho e gestão familiar” que fazem da agricultura familiar uma categoria social (CANDIOTTO, 2011, p.275).

No caso das famílias agricultoras no Estado do RS, estas são essencialmente pluriativas, visto que suas receitas não provêm exclusivamente de atividades originárias dos próprios estabelecimentos, sendo incluídas todas as atividades exercidas pelos membros dos domicílios, inclusive o trabalho assalariado e não-assalariado realizados no âmbito interno e externo das explorações agropecuárias. O avanço da pluriatividade na agricultura familiar nos espaços rurais “não é a falta de vocação pelo trabalho da terra, mas é a insuficiência da área do estabelecimento que não garante a reprodução da família e do estabelecimento” (PORTO, 2004, p.58). Torna-se evidente que “à medida em que a área média dos estabelecimentos familiares diminui, as receitas externas se fazem mais presentes” (PORTO, 2004, p.58).

No que se refere às atividades externas ao estabelecimento agrícola estão presentes a prestação de serviços pessoais, a indústria de transformação, o comércio de mercadorias, os serviços sociais e a indústria da construção civil são os mais proeminentes em relação a geração de ocupações não-agrícolas da agricultura familiar (PORTO, 2004).

Conforme dados apresentados por Mello (2007), as produções de destaque no interior da agricultura familiar, originária dos assentamentos rurais, no Estado do RS ficam em torno do leite; das aves, que são responsáveis pela geração de carne e ovos; do milho, em virtude de sua versatilidade por ser alimento humano e a base para a produção de aves, suínos e bovinos; e do feijão e do arroz, fundamentais para o autoabastecimento do setor, mesmo havendo dificuldade em produzir feijão em escala para a comercialização devido às propriedades regionais de solo e clima. O leite

é possivelmente a principal linha de produção na agricultura familiar do Estado.

Para o agricultor familiar a concepção de território se baseia num espaço de “relações de apoderamento do espaço a partir da política, da economia, da cultura e também de acordo com as condições naturais” (SANTOS, 2011, p.322). A família proprietária da terra tem uma relação com o local que extrapola a função econômica, visto que o negócio e a residência estão no mesmo espaço geográfico (PORTO, 2004).

Em suma, em todas as regiões brasileiras ainda se encontra parte significativa de sua população rural excluída do processo produtivo. Esses camponeses assentados ou não, com seus saberes e cultura são responsáveis por reconfigurarem novos territórios e novas ruralidades no espaço agrário brasileiro (MEDEIROS, 2011). Deste modo, criar uma identidade num espaço desconhecido, faz com que muitos dos agricultores abandonem suas terras e vão para outros lugares. Entretanto, há aqueles que ficam na tentativa de construir um território, “onde as marcas de sua história vão sendo fixadas como marcos de sua identidade” (MEDEIROS, 2009, p.513). Portanto, construir o desenvolvimento a partir de uma perspectiva local implica na existência de uma identidade, na capacidade de organização social dos atores locais, de uma gestão participativa e no domínio do saber local, elementos centrais para garantir o desenvolvimento (SANTOS, 2011).



CAPÍTULO 3

Capítulo 3

Procedimentos metodológicos

3.1. Procedimentos gerais pesquisa

No capítulo anterior, uma das abordagens feitas é que o campo de conhecimento de Desenho Industrial/Design vem assumindo uma cultura intelectual própria, a começar pelos modos distintos de pesquisar e projetar (ARCHER, 1995). Por ser considerado uma atividade criativa e de fundo prático, uma das possíveis maneiras de se transmitir e gerar conhecimento é por meio da prática projetual. Do ponto de vista de sua natureza, esta pesquisa é classificada como aplicada pelo fato de gerar conhecimento para aplicação prática, dirigir-se à solução de problemas específicos e envolver sujeitos e interesses locais. A forma de abordagem do problema é entendida como qualitativa, pois se estabelece uma relação dinâmica entre o mundo real e os sujeitos, e analisam-se as experiências biográficas de indivíduos constituintes de um determinado grupo social (GIBBS, 2009). Ademais, uma vez que o tema tratado – identificação de comunidades rurais do setor da agricultura familiar – é pouco explorado no campo do Design, torna-se difícil formular hipóteses precisas, e o objetivo passa a ser proporcionar uma visão geral acerca de um determinado fato (GIL, 2006).

Para o sociólogo norte-americano Howard Becker, os comportamentos sociais não se justificam por meio de métodos estabelecidos, mas pela interação entre os sujeitos e o meio social. Deste modo, adota-se a ideia de Becker (1999) baseada na adaptação dos princípios gerais à situação específica, e no uso de diferentes fragmentos que contribuem para a compreensão geral do problema.

Toda pesquisa tem o propósito de resolver um problema específico que, em aspectos importantes, não é parecido com nenhum outro problema, e deve fazê-lo dentro de um ambiente específico diferente de todos os que existiram antes (BECKER, 1999, p.12).

Nesta fase do estudo, são apresentados os procedimentos de pesquisa necessários para reunir subsídios para a coleta, análise e interpretação dos dados, de acordo com os objetivos específicos predeterminados no primeiro capítulo.

Considerando-se que neste estudo se trabalha com um grupo de produtoras rurais cuja a maioria teve acesso reduzido à escolarização, opta-se durante a coleta de dados a aplicação de técnicas e métodos que facilitem a expressão dos sujeitos, promovendo a manifestação através da linguagem falada. Na linguagem verbal existem diferenças entre a linguagem falada e a linguagem escrita, a começar pelo não planejamento da fala (BRITO, 2004). No entanto, não se descartou a possibilidade de utilizar técnicas que estimulassem também o registro de dados por meio da escrita, o que aumentaria a quantidade de informações a serem cruzadas.

Na fase inicial de coleta de dados junto aos sujeitos, adotam-se duas técnicas, as histórias de vida e o questionário, cujo o conjunto de documentos produzidos constituem-se como o *corpus* dessa pesquisa e no decorrer da investigação serão submetidos aos procedimentos analíticos (BARDIN, 2006).

As histórias de vida são desenvolvidas durante quatro oficinas que têm como temática a identidade, onde se buscou compreender as diversidades e peculiaridades de cada membro do grupo. Para incentivar a interação e o processo de reconhecimento entre as mulheres, a pesquisadora opta em trabalhar com as narrativas em grupo. As oficinas se justificam nessa investigação porquê oferecem dois momentos distintos para ambas as partes: a) para a pesquisadora, pois permite reconhecer o funcionamento do grupo e das lideranças internas, assim como o comportamento das mulheres; b) para as participantes, uma vez que as oficinas proporcionam um momento de convívio em grupo e todas podem compartilhar e ouvir as histórias individuais, proporcionando a identificação entre elas. No entanto, admite-se a necessidade de realização de um questionário, o qual poderia enriquecer o trabalho em função do grau de subjetividade a que se esteve exposto durante as narrativas.

No questionário são abordadas questões sobre a individualidade dos sujeitos e as suas relações com o ambiente e o próximo, por meio de questões objetivas e subjetivas. Por questões objetivas, entende-se por exemplo, a ocupação profissional e, por questões subjetivas, o talento para a realização de atividades. Para a execução da coleta de dados dessa investigação, fez-se necessário aplicar os métodos *in loco* junto as produtoras rurais em estudo.

Na segunda etapa, após a transcrição literal dos discursos orais registrados nas oficinas desenvolve-se a análise de conteúdo a partir do estabelecimento de duas categorias de análise, os códigos gerais e os códigos específicos. Finalizada a etapa de codificação sobre as narrativas, sintetizam-se os termos, conceitos e palavras sinônimas encontradas nas falas para posteriormente estes serem tratados pela técnica analítica

de Gomes (1998), limitando-se a análise denotativa dos termos já selecionados.

Por último, na fase de representação gráfico-visual dos termos, conceitos e palavras, se realiza uma ampla busca de imagens que os representem denotativamente. Com as imagens primeiramente levantadas, se faz uma seleção a partir dos critérios: a) autenticidade em relação ao significado original; b) qualidade gráfica da imagem.

Para completar os dados quanto a formação histórica do local, as características geográficas, a área, as distâncias e a população, recorre-se a outras fontes como relatórios de projetos anteriores realizados neste mesmo território, documentos do IBGE e FEE.

Neste processo de construção, a ideia de mosaico científico de Becker (1999) torna-se útil no sentido de que cada elemento contribui para a compreensão de todo o contexto, e quando as peças são inseridas no mosaico podemos ver os objetos, as pessoas e suas relações uns com os outros.

A seguir, são detalhados os procedimentos de pesquisa das etapas de coleta de dados; análise e interpretação dos dados; e representação gráfico-visual dos termos.

3.2. Coleta de dados com as Mulheres da Terra

Para se realizar o levantamento das características físicas e sociais relacionadas a um grupo social, é necessário conhecer também os sujeitos envolvidos nesta coletividade. Neste estudo, visto que se pretende conhecer as características das Mulheres da Terra, para a realização da pesquisa de campo adota-se a coleta das narrativas de vida dos membros do grupo. Assim como Gibbs (2009, p.80), entende-se que as durante a narrativa de suas histórias, as pessoas contam suas experiências passadas e as compartilham com outras, organizando desta forma a sua compreensão do mundo, além de que as histórias compartilhadas “podem definir um grupo e seus membros”.

Na história de vida é característico a narrativa oral, cujo o próprio narrador decide o que deve ser contado e omitido (SOUSA, 2006), relatando “suas percepções pessoais, os sentimentos íntimos que marcaram a sua experiência, ou os acontecimentos vividos no contexto de sua trajetória de vida” (CHIZZOTTI, 1996, p.43). Desse modo, define-se que os sujeitos devem participar coletivamente do processo de narrativa, configurando então a adaptação dos princípios gerais da história de vida à situação específica deste contexto (BECKER, 1999). No caso do pesquisador, por não ter acesso direto à experiência dos outros, lida apenas com as representações dessa experiência por meio do ouvir contar, da interação que se estabelece e das interpretações que são feitas (GALVÃO, 2005).

Na história de vida total, os objetivos ficam em torno da investigação que deseja recolher os hábitos culturais e quotidianos, buscando compreender como determinada cultura se organiza em contato com formas sociais dominantes. Nas biografias de história de vida temática ou parcial o foco é centrado em figuras que nos são mais próximas por pertencerem a uma mesma cultura (TINOCO, 2004). Neste caso, o interesse é principalmente no levantamento de determinadas especificidades biográficas. Em concordância com o tema da pesquisa, a temática central das oficinas está em torno da questão identitária. Como uma das características fundamentais das histórias de vida é a narrativa temporal, dotada de cronologia própria do sujeito narrador, neste trabalho opta-se por utilizar uma estrutura de tópicos que conduzem os relatos das narradoras a abordarem aspectos da infância, da adolescência e da vida adulta, sendo acionada a memória em momentos de abordagem do tempo passado.

Para a formatação das oficinas, a pesquisadora teve o suporte da socióloga Naia de Oliveira que faz parte da equipe do projeto e, em conjunto elaboraram as oficinas em quatro sessões, onde se quer buscar por peculiaridades e diversidades do grupo através das seguintes perguntas de caráter subjetivo: a) onde cada mulher vivenciou a sua infância; b) o que mais gostavam de fazer durante a adolescência; c) o que tu mais gostas de fazer; d) o que é preciso para colocar o próprio talento a serviço do grupo. Na última oficina, busca-se identificar o talento individual e as fragilidades que impedem a expressão de tais habilidades e aptidões profissionais.

De modo geral, a estrutura das oficinas têm como ponto de partida um trabalho de preparação do grupo, onde se introduz qual a fase da vida (infância, adolescência ou adulta) a ser abordada no encontro (fig. 23). No decorrer da atividade as participantes são organizadas em grupos conforme o número de presentes, e em seguida realizam-se as entrevistas a partir de três perguntas-chave, que devem lhes possibilitar contarem a sua história referente ao tópico em debate (fig. 24). As oficinas são concluídas com uma atividade em dupla, sendo esta preparatória para o próximo encontro.

Estrutura geral de desenvolvimento das oficinas	
Etapa	Descrição
1. Abertura	Atividade de integração e sensibilização para a etapa de vida a ser narrada.
2. Desenvolvimento	Divisão das participantes em grupos, acompanhadas de um entrevistador. A partir de um roteiro aberto, a entrevista é orientada de modo que os narradores contem as suas histórias de vida referente ao tópico em debate.
3. Encerramento	Atividade de cumplicidade entre as participantes através da formação de duplas, onde são feitos relatos referentes ao tema da próxima oficina.

Figura 23: Estrutura de trabalho desenvolvida nas oficinas

Fonte: Elaborado pela autora

Códigos de análise aplicados em cada questão		
Etapa	Questões	Códigos
Infância	<ul style="list-style-type: none"> • Onde passaste a tua infância? • Quais os fatos mais importantes que lembra a tua infância? 	fatos; local; sujeitos; objetos
Adolescência	<ul style="list-style-type: none"> • O que mais marcou tua adolescência? • O que tu mais gostavas de fazer? 	fatos; local; sujeitos; objetos
Adulta	<ul style="list-style-type: none"> • O que tu mais gostas de fazer? • Qual o significado do MST? 	fatos; local; sujeitos; objetos
	<ul style="list-style-type: none"> • Gostas de trabalhar sozinha ou em grupo? 	participação e interação
Talentos	<ul style="list-style-type: none"> • Qual o teu talento? 	fatos; local; sujeitos; objetos
	<ul style="list-style-type: none"> • O que é preciso para colocar o teu talento a serviço do grupo? 	condições e limitações

Figura 24: Questões aplicadas em cada uma das etapas durante as oficinas de histórias de vida

Fonte: Elaborado pela autora

Como durante as oficinas não esteve previsto recorrer as fontes documentais como suporte às narrativas, para a pesquisadora é necessário buscar por outras fontes que fujam ao aspectos subjetivos narrados. Para isso, aplica-se um questionário (apêndice A) delineado com questões de caráter objetivo e algumas questões subjetivas, que apesar de abordar assuntos de caráter individual também enfatiza questões a cerca das relações das entrevistadas com o seu entorno geográfico e social (fig. 25).

Questões	Objetiva	Subjetiva
Individualidade	<ul style="list-style-type: none"> • Nome • Naturalidade • Data de nascimento • Estado civil • Religião • Ocupação profissional • Ocupação profissional dos pais • Escolaridade • N° pessoas que moram em casa • N° filhos 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades que realiza com desempenho (talento) • Preferência por trabalhar sozinha ou em grupo • Com o quê gostaria de trabalhar • Atividades de lazer
Relações com o entorno	<ul style="list-style-type: none"> • Setor de moradia • Endereço • Vizinhas • Lote rural: atividade explorada, responsabilidade e produto gerado • Participação em grupo, associação ou cooperativa • Função/cargo no assentamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldades para produzir no lote • Companheiras que visita • Atividade externa ao assentamento

Figura 25: Estrutura do questionário

Fonte: Elaborado pela autora

Concluída a primeira etapa referente a coleta de dados, tendo o material reunido, passa-se a segunda etapa de trabalho descrita no próximo tópico, que prevê a análise e interpretação dos dados. Todas as oficinas e o encontro para a aplicação do questionário foram registradas em vídeo, áudio e fotografias.

3.3. Análise de conteúdo e interpretação das histórias

O pesquisador que coleta histórias de vida cumpre etapas para garantir que seja englobado todas as informações que almeja saber, e que a interpretação do sujeito seja apresentada honestamente (BECKER, 1999, p.102).

As histórias de vida apresentam marcadores históricos que devem ser analisados pelo interlocutor e revelam um conhecimento tácito; um contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, dando expressão ao texto; e podem resultar em críticas de um modo social (BELLO, 2002; GALVÃO, 2005; CHIZZOTTI, 1996). As múltiplas comparações que se tornam possíveis através dessa técnica nos permitem testar não somente a hipótese original, mas também algumas das explicações alternativas prováveis dos mesmos resultados (BECKER, 2009). Neste sentido, existem dois modos de encarar a sistematização das histórias de vida: a) centrada no indivíduo e nas suas particularidades, para depois confrontar as narrativas com interpretações teóricas; b) como instrumento de levantamento de regras sociais de determinados segmentos específicos da sociedade (TINOCO, 2004).

Nesta investigação adota-se a segunda alternativa, cuja investigação pretende reunir “os hábitos culturais, quotidianos; trata-se de compreender o modo como determinada cultura se organiza – ou subsiste” (TINOCO, 2004, p.5). Durante a pesquisa trabalha-se com as histórias de vida cruzadas, que são o resultado da acumulação de registros, ou seja, a investigação não é focada em uma única biografia. Logo, o material de estudo é constituído pela acumulação total de histórias.

No primeiro momento, foram feitas as transcrições literais das narrativas respeitando a fala coloquial dos sujeitos. Os documentos de metadados (GIBBS, 2009) são organizados do seguinte modo: data de realização da oficina; tema e etapa de vida desenvolvidos; nome do entrevistador; pseudônimo dos narradores; documentos relacionados (áudio, vídeo e fotografias).

Como sugere Tinoco (2004, p.5), o material recolhido deve ser fundido num só texto (apêndice B) e sobre esse texto “proceder-se-á a uma análise de conteúdo que será diferente de acordo com os objetivos do projeto”. A análise de conteúdo é um método empírico que considera a totalidade de um texto, cujo pesquisador é quem delimita

as unidades de codificação “segundo a frequência de presença ou de ausência de itens de sentido” (BARDIN, 2006, p.36). Pertencem ao domínio da análise de conteúdo, as iniciativas que consistam na “explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas” (BARDIN, 2006, p.46). A abordagem dada neste trabalho tem por finalidade efetuar deduções lógicas, referentes a origem das mensagens consideradas, como o emissor e o seu contexto (BARDIN, 2006).

As narrativas constituem uma amostra representativa do grupo Mulheres da Terra, e tratar este material corresponde a codificá-lo num primeiro momento.

A codificação corresponde a uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices, ou, como diz O. R. Holsti: “A codificação é o processo pelo qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo (BARDIN, 2006, p.103).

Deste modo, definem-se códigos gerais e específicos a serem analisados nas transcrições das narrativas que funcionam como uma espécie de filtro das informações significativas à pesquisa. A codificação é uma das formas de se tratar os dados textuais a serem analisados, adotada aqui como ponto de partida para a interpretação das histórias, é uma forma de “indexar ou categorizar o texto para estabelecer uma estrutura de ideias temáticas em relação” (GIBBS, 2009, p.60). Neste processo, as passagens do texto são identificadas e posteriormente relacionadas com uma ideia temática, ou seja, o código que auxilia a focar na compreensão do que se quer extrair do texto.

Em seu livro, Gibbs (2009) compila alguns autores que sugerem quais as informações a serem codificadas no texto. Conforme algumas das características fundamentais das histórias de vida, entre elas a identificação por parte do narrador de eventos e atores sociais que tiveram importância na sua própria história, justifica-se a escolha dos seguintes códigos gerais para a análise de conteúdo em todas as etapas das histórias de vida: a) fatos relevantes; b) local de ocorrência deste fato; c) sujeitos envolvidos; d) objetos relacionados.

Outros três tópicos a serem codificados nas transcrições das narrativas orais, emergem na seleção dos códigos específicos, pois entende-se que para analisar a atual fase de vida dos sujeitos, compreendida como a vida adulta e as habilidades profissionais, é necessário estabelecer uma leitura aprofundada destas narrativas,

sendo eles: a) a participação, ou seja, o envolvimento e adaptação das pessoas no ambiente; b) as condições ou limitações de comportamento e ações, ou seja, as condições e limitações para desenvolver ou colocar à disposição as aptidões profissionais ao grupo Mulheres da Terra (fig. 26).

Códigos de análise aplicados em cada questão						
Questões	F	L	S	O	P	C
Onde passaste a tua infância	●	●	●	●		
Quais os fatos mais importantes que lembra a tua infância?	●	●	●	●		
O que mais marcou tua adolescência?	●	●	●	●		
O que tu mais gostavas de fazer?	●	●	●	●		
O que tu mais gostas de fazer?	●	●	●	●		
Qual o significado do MST?	●	●	●	●		
Gostas de trabalhar sozinha ou em grupo?	●	●	●	●	●	
Qual o teu talento?	●	●	●	●		
O que é preciso para colocar o teu talento a serviço do grupo?	●	●	●	●		●

F (Fatos); L (Local); S (Sujeitos); O (Objetos); P (Participação e interação); C (Condições e limitações)

Figura 26: Códigos de análise aplicados na leitura das histórias de vida

Fonte: Elaborado pela autora

As seis dimensões que organizaram o sistema categorial – como fatos, local, sujeitos, objetos, participação/interação e condições/limitações – são variáveis teóricas mas percebe-se que estas naturalmente emergem dos dados do texto. Neste caso, o objetivo passa a ser o estabelecimento de uma correspondência entre o nível teórico e o empírico. Uma vez que já se tem os discursos transcritos, aplicam-se os códigos de análise sobre o texto (fig. 27).

Entrevistador: Em que lugar?

D: Em **Rodeio Bonito**. Bem no interior mesmo.

Entrevistador: Fica onde?

D: Rodeio Bonito? Fica para o lado de Frederico, aqueles lado de Frederico, **Iraí**, aqueles lado ali. Assim que eu vim conhecer televisão mesmo depois dos quinze anos. Fui bem assim criada na colônia, retirada. E aí depois nós viemos embora daí pra Porto Alegre, ali Sapiranga. Aí nós viemos tinha quinze anos. Aí a gente se criou assim, não tinha muito aquela infância de ficar brincando. Era... **já logo botavam a gente a trabalhar na roça, a fazer serviço de casa**. Então a gente não tinha como é hoje que as crianças gostam de brincar. Nossos brinquedos, eu adorava boneca, **era meu sonho ter uma boneca**. Aí o **pai** chegava, tirava as **botas** e nós pegava as bota do pai pra fazer boneca. E aí no dia de **Natal**, nunca me esqueço, a minha **madrinha** veio e me deu uma bonequinha assim pequenininha de plástico, com vestidinho de plástico também. E aí eu adorava aquela bonequinha, vivia brincado com aquela boneca. E era moça já, tinha quinze anos. E a nossa brincadeira era aquela, com boneca. Que nem **tava** falando, fazer casinha de capim, nós fazia, aí tinha mais o meu irmão que era pequeno também, mais uns amiguinho que tinha lá, aí nós brincava assim, fazia

Fato

Sujeitos

Local

Objetos

Figura 27: Exemplo de texto transcrito e analisado a partir dos códigos

Fonte: Elaborado pela autora

Na interpretação dos dados das narrativas, as palavras selecionadas nos textos a partir do sistema categorial definido foram digitadas para uma segunda planilha eletrônica e, posteriormente verificados os termos e palavras repetidas, sendo estes reduzidos a conceitos gerais (apêndice C).

Sobre os dados levantados no questionário, estes apresentam utilidade para a compreensão geral do ambiente de convivência e moradia dos sujeitos. Nas questões caracterizadas como objetivas, buscam-se respostas que configurem resultados gerais quantitativos; nas questões subjetivas, buscam-se resultados gerais qualitativos. Os resultados devem representar parte do contexto geográfico e social que se busca entre um dos dois objetivos específicos desta pesquisa. Ademais, as informações coletadas também servem para confrontar com os relatos que possam ter tido influências durante o processo de desenvolvimento das histórias de vida devido ao modo de coleta ser em grupo.

Com os dados emergidos do questionário, as respostas foram digitadas numa planilha eletrônica Excel® e analisadas individualmente, onde se obteve respostas do tipo quantitativas e qualitativas (apêndice D). Ao final, reúnem-se numa planilha final os resultados previamente interpretados das narrativas e do questionário e, com isso obtém-se um cenário amplo com as informações sobre as Mulheres da Terra.

A partir dessa lista de características já se pode elaborar a representação gráfico-visual das produtoras rurais organizadas na forma de um mosaico conceitual. Esse próximo procedimento específico é explicado no sub item seguinte.

3.4. Representação gráfico-visual

Para a representação gráfico-visual das palavras, termos e conceitos gerados na etapa anterior, utilizam-se as técnicas analíticas inicialmente desenvolvidas por Saussure e posteriormente adaptadas ao campo de conhecimento do Design. As técnicas analíticas têm como finalidade organizar os dados e permitem a visualização organizada e sistematizada do trabalho (BRITO, 2004). Tais técnicas de análise “sugerem a compreensão de termos conceituais pertinentes ao projeto” e “dizem respeito ao reconhecimento de termos, expressões e conceitos relacionados com o tema projetual” (BRITO, 2004, p.6).

Nesta pesquisa, a pesquisadora é responsável por coletar as histórias de vida e garantir a autenticidade das narrativas durante a interpretação (BECKER, 2009), logo, utiliza-se unicamente a análise denotativa dos termos selecionados, pois a denotação designa o sentido literal das palavras (BRITO, 2004).

Durante a pesquisa teórico conceitual realizada neste estudo, são encontrados argumentos a favor do uso da fotografia como categoria de informação visual representacional por ser considerada a mais semelhante ao modelo natural e mais eficaz na comunicação direta dos detalhes visuais do ambiente, sejam eles naturais ou artificiais (DONDIS, 2007). Mesmo assim, qualquer representação gráfica fiel à realidade, proporcionada e precisa nos pormenores, é sempre uma interpretação e uma tentativa de explicação da própria realidade (MASSIRONI, 1982).

A partir dessas colocações, adota-se o uso de fotografias para a representação denotativa dos termos selecionada para a representação gráfico-visual da identificação das Mulheres da Terra. Com isso, faz-se a busca de imagens fotográficas que representem de modo verossímil o sentido denotativo dos termos e estas são previamente selecionadas – segundo os critérios de autenticidade em relação ao significado original e qualidade gráfica da imagem – e organizadas de acordo com a cronologia adotada (infância, adolescência e adulta) e as categorias de análise em pranchas de desenho do Adobe Illustrator®.

Após a seleção e organização das imagens, fazem-se os estudos de configuração do todo, verificando as possibilidades de ordenação e relação das informações conforme os modelos frequentemente encontrados nos infográficos impressos e digitais que tratam de informações organizadas a partir de uma taxonomia temporal – sequencial, cíclico, randômico, de proveniência, espiralado e radial. Por último, de modo a tornar a construção do mosaico ilustrativa e interativa, apresenta-se o produto final por meio de um vídeo demonstrativo.



CAPÍTULO 4

Capítulo 4

Exposição dos dados: A identificação das Mulheres da Terra

Neste último capítulo apresentam-se os resultados de pesquisa obtidos por meio das oficinas e da aplicação do questionário junto as produtoras rurais do grupo Mulheres da Terra. No primeiro momento, abordam-se as características dessas mulheres por meio dos relatos de suas histórias de vida e, na sequência as informações complementares que emergiram nas respostas do questionário. Finaliza-se com o mosaico conceitual que apresenta graficamente a identificação do grupo.

O diagnóstico geral de Oliveira (2002), aponta em seus estudos que o segmento populacional das agricultoras moradoras do AR Filhos de Sepé, inicialmente apresentava uma baixa participação nas reuniões gerais da comunidade e, no interior do grupo o número total de integrantes era variável por temporada.

Por meio das visitas efetuadas do decorrer desta investigação é possível averiguar tal afirmação de Oliveira, visto que se ouviu relatos das próprias agricultoras sobre o grupo ter atingido anteriormente até trinta mulheres integradas no grupo. Assim como foi mencionado por Oliveira, pôde ser observado durante este estudo a mesma situação, no qual no desenvolver dos procedimentos da coleta de dados, obteve-se a participação máxima de dez mulheres, embora apenas cinco integrantes tenham vivenciado as duas atividades propostas, tanto as oficinas de histórias de vida quanto o questionário (tab. 2). As oficinas das histórias de vida foram realizadas com oito mulheres, sendo que devido a divisão destas em quatro etapas, incidiu no fato de que nem todas as agricultoras estiveram presentes na totalidade dos encontros. Na reunião para a aplicação do questionário se obteve a participação de sete mulheres.

Tabela 2: Registro das participantes na coleta de dados

Participação das Mulheres da Terra na coleta de dados										
Sujeitos	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Histórias de vida	●	●	●	●	●	●	●	●		
Questionário		●	●	●		●	●		●	●

Fonte: Elaborado pela autora

4.1. Caracterização das mulheres pelas histórias de vida

As oficinas na qual desenvolveram-se as histórias de vida ocorreram durante as tardes e tinham no máximo duração de 120 minutos, pois maior parte das participantes mantêm outros compromissos neste mesmo período. No período matutino, as mulheres são responsáveis por realizarem as lidas domésticas e do lote rural que fica no entorno da moradia como a organização da casa, a preparação do almoço, arar a terra, alimentar os animais, ordenhar as vacas, entre outras atividades.

Nesta primeira prática adotada, contou-se com a participação efetiva de oito participantes, embora nem todas as mulheres estiveram presentes no decorrer de todo o processo, visto que as oficinas foram desenvolvidas em quatro sessões, sendo realizada uma reunião por semana. Cabe informar os motivos pelos quais houve o não comparecimento nas oficinas: em alguns casos a ausência foi devido à dificuldade de deslocamento entre os setores do assentamento pela distância; pelo conflito de horários com outros compromissos; por trabalhar em cooperativas do assentamento; por cumprir horário no emprego na cidade de Porto Alegre; ou ainda ter que buscar os filhos na escola que fica externa ao AR Filhos de Sepé.

A prática aplicada gerou uma sequência de relatos obtidos durante as quatro oficinas – infância, adolescência, adulta e talentos –, que foram transcritos e previamente examinados, de onde emergiram as quatro categorias para efetuar a análise de conteúdo do texto. Todas as narrativas foram observadas sobre as categorias de análise fatos, local, sujeitos e objetos. Sobre as narrativas que resultaram das últimas duas oficinas, acrescentaram-se duas outras categorias de análise: participação e interação; e condições e limitações. Durante a leitura das narrativas, tomou-se conhecimento de informações sobre situações particulares de cada indivíduo mas ainda assim percebeu-se uma semelhança na natureza dos fenômenos.

A primeira oficina, onde se abordou a fase de vida referente a infância, foi orientada a partir de duas perguntas centrais: a) onde passaste a tua infância; b) quais os fatos mais importantes que lembram a tua infância.

Sobre as respostas apresentadas, verifica-se que todas nasceram no Estado do RS, sendo que a maioria vivenciou a infância na zona rural. Percebe-se ainda que durante esta fase as relações estabelecidas são em torno dos familiares. As brincadeiras, a realização de tarefas domésticas ou no campo e, a relação estreita com um membro familiar são fatos que estão normalmente presente na memória destas mulheres. Os locais de vivência são restritos ao ambiente domiciliar, onde elas eram responsáveis por realizar as tarefas diárias, e em segundo lugar a escola. A ida para o acampamento Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) em companhia dos pais é outro fato citado como lembrança desta fase de vida. Dos objetos ligados à infância, são referidos os artefatos relacionados às atividades de lazer, como brinquedos; às tarefas diárias, como os instrumentos de trabalho; e ao local de moradia, como móveis e utensílios domésticos. As conclusões podem ser visualizadas a partir de algumas narrativas selecionadas:

[...] o pai trabalhava, chegava sempre a tardinha, a mãe costurava em casa, costureira. Eu lembro que a gente dormia no sofá, né, cansado. [...] Essa é uma das únicas lembranças boas que eu tenho, dele assim passando um pano nos meus pés, sabe, sentindo ele passando um pano nos meus pés e me levando para o quarto (integrante das Mulheres da Terra, 31 anos).

Durante a semana, a partir dos seis anos, as tarefas dos dias de semana era a [...] junto com o [...], que é o meu irmão mais novo que eu, ele com cinco e eu com seis anos. Nós tinha tarefas durante de segunda a sexta, que seria tirar leite das vacas, fazer almoço... e os outros três irmãos estudavam de manhã, e meio-dia chegavam, almoçavam e iam para a lavoura. E aí nós fazia as tarefa da casa durante o período da manhã, leite, almoço, roupa, e de tarde ia para a escola. E aí chegava da escola de tarde, é tirar o leite, é tratar os bichos, que os outros estavam na lavoura, né (integrante das Mulheres da Terra, 33 anos).

[...] não tinha muito aquela infância de ficar brincando. Era... já logo botavam a gente a trabalhar na roça, a fazer serviço de casa. [...] Nossos brinquedos, eu adorava boneca, era meu sonho ter uma boneca. Aí o pai chegava, tirava as botas e nós pegava as bota do pai pra fazer boneca. E aí no dia de Natal, nunca me esqueço, a minha madrinha veio e me deu uma bonequinha assim pequenininha de plástico, com vestidinho de plástico também (integrante das Mulheres da Terra, 48 anos).

Adorava ir lá pra casa da minha avó, [...] adorava dormir com ela. Então ela não tinha luz, era só aqueles lampião, ah era tão bom aquele cheiro de lam-

pião. E dormir com ela, comida de fogão a lenha também era bom (integrante das Mulheres da Terra, 28 anos).

A seleção de palavras recortadas das narrativas e que sintetizam a fase de vida da infância das mulheres aparecem na tabela a seguir (tab. 3):

Tabela 3: Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa infância

Infância	
Fatos	divórcio dos pais; troca de emprego do pai; dormia no sofá enquanto o pai limpava os seus pés; costurar; receber mimos; brincadeiras; mudanças entre cidades; presença da avó; tia que se fantasiava no Natal; brincadeiras de jogar bola, caçar passarinho de estilingue, pescar, subir em árvores, jogar futebol, vôlei e taco; trabalhar na roça (carpir, ordenhar a vaca) e fazer as tarefas de casa; trabalhar fora de casa; presentes de páscoa e natal; vontade de estudar
Locais	ambiente familiar; escola; ambiente de trabalho/domiciliar; lote de produção; casa da tia; acampamentos; Cruz Alta, zona urbana; Braga, zona rural; Rodeio Bonito, zona rural; Roque Gonzales, zona rural; Seberi, zona rural; Águas Claras, zona rural;
Sujeitos	pai e mãe; pai; mãe; irmãos; tia; primos; crianças; avós; madrinha; família
Objetos	sofá; agulhas; retalhos; utensílios domésticos; bola; estilingue; vara de pescar; casinha; instrumentos de trabalho; botas; boneca; árvores; frutas; bola; taco; cama; lampião; fogão a lenha; televisão; melancia; cana; esmalte; presente; cachorro; gato; papai noel

Fonte: Elaborado pela autora

A segunda oficina foi destinada ao tratamento da etapa de vida da adolescência, cujas perguntas norteadoras foram as seguintes: a) o que mais marcou tua adolescência; b) o que tu mais gostavas de fazer.

Nas narrativas das mulheres referentes à adolescência percebe-se que os eventos que adquirem notoriedade são em torno de responsabilidades a serem assumidas, como por exemplo, o nascimento de filhos; situações decisivas de separação entre os familiares, o caso específico dos pais e irmãos; a ida para o assentamento rural; ou alguma atividade de entretenimento. Os sujeitos que estiveram presentes durante a adolescência ainda são os familiares, acrescentando-se nesta fase a figura do primeiro filho. Em relação aos objetos citados como significativos, considera-se que as informações fornecidas nesta oficina são pouco expressivas de modo a configurar as características gerais do grupo. Tais considerações podem ser observadas a partir das seguintes narrativas selecionadas:

A separação do meu pai e a ida pro acampamento, que daí eu e minha mãe fomos pro acampamento, os guri foram pra lá. Depois perdemo contato com meus irmão e o meu pai proibia, um certo ponto, minha mãe de ver os guri e os guri também não podia ir até nós que eram pequenininho, né?! [...] Aí a ida pro acampamento. A parte que mais me marco na adolescência (integrante das Mulheres da Terra, 30 anos).

[...] foi uma crise conjugal do meu pai e da minha mãe, que ali foi praticamente o início do fim do casamento deles também. Eu tive uma adolescência bem, assim, conturbada. Bem, foi bem complicado (integrante das Mulheres da Terra, 31 anos).

Mas o que eu gostava mesmo, também, era junta a gurizada e ir pros baile, né?! [...] eu passei a carrega junto meu tio mais novo, que tinha a minha idade, né?! (integrante das Mulheres da Terra, 44 anos).

A seleção de palavras recortadas do texto que caracterizam a fase de vida da adolescência das mulheres aparecem na tabela abaixo (tab. 4):

Tabela 4: Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa adolescência

Adolescência	
Fatos	nascimento do filho; hospitalização da mãe; divórcio dos pais; dançar no baile; ida para o acampamento; separação dos irmãos
Locais	ambiente familiar; acampamento; baile; bar; hospital
Sujeitos	filho; pai e mãe; mãe; irmãos; tio
Objetos	karaokê

Fonte: Elaborado pela autora

Na terceira oficina desenvolveu-se a etapa de vida referente à fase adulta, cujas perguntas destinadas as mulheres foram: a) o que tu mais gostas de fazer; b) qual o significado do MST; c) gostas de trabalhar sozinha ou em grupo.

A partir das narrativas colocadas, conclui-se que na fase adulta as práticas cotidianas estão relacionadas à maternidade, aos afazeres domésticos e o seu entorno, o lote rural. Os objetos presentes no cotidiano estão conectados à produção rural, como matéria-prima, artefatos e produtos de consumo. Os principais locais de atividade permanecem sendo no acampamento, no ambiente familiar e conseqüentemente passam a ser também no local de produção – o lote rural. Os sujeitos que participam da vida dessas mulheres estão reduzidos ao próprio núcleo familiar, como marido, filhos e pais.

[...] a minha atividade que eu mais gosto é agricultura. Mas daí, dentro dessa etapa tem várias coisas. Mas uma delas que eu faço com prazer, é trabalhar a questão da produção de leite, né (integrante das Mulheres da Terra, 54 anos).

Uma das que eu mais gosto é brincar com a minha filha, né (integrante das Mulheres da Terra, 33 anos).

Lida na horta, lida com os bicho, cedo, né?! Isso eu gosto de fazê (integrante das Mulheres da Terra, 48 anos).

Nos discursos das mulheres fica explícito que as suas participações no MST tiveram início através da influência do marido ou dos pais, não tendo sido mencionado nenhuma vez a participação por espontaneidade, embora o envolvimento com o movimento seja compreendido como o responsável pelo crescimento individual e social. Sobre a interação com demais mulheres, a maioria delas têm preferência por trabalhar coletivamente, ainda que seja mencionado a necessidade de divisão do tempo entre o trabalho individualizado (realizado no próprio lote rural) e o coletivo (em mutirão e nas cooperativas). Estas considerações podem ser percebidas a partir das seguintes narrativas selecionadas:

Pra mim, o significado do MST é tudo. Porque foi através do MST que hoje eu tô aqui e que eu tenho tudo que a gente tem. Se eu não tivesse entrado na organização MST, talvez eu tava lá trabalhando, nem sei se eu tava trabalhando... tava trabalhando lá de carteira assinada. Não sei onde é que eu ia tá hoje. Então, pra mim, o MST é tudo. [...] O MST é tudo que eu tenho hoje (integrante das Mulheres da Terra, 40 anos).

eu digo que o MST... o significado do MST pra mim é renascimento. [...] Porque eu participo do movimento desde os dez anos, né?! Então eu digo que a idéia, a melhor ideia que teve meu pai e minha mãe foi o momento que eles foram pro foram pro acampamento (integrante das Mulheres da Terra, 33 anos).

[...] pra mim o movimento significa oportunidade. Em todos os sentidos. Oportunidade de crescimento pessoal, oportunidade de crescimento da família, coletivo, oportunidade de de vive melhor, de se alimenta melhor (integrante das Mulheres da Terra, 44 anos).

Eu gosto de trabalhá em grupo. Por causa... daí vai tendo uma idéia daqui, né?! Tendo as idéias, daí fica... fica melhor. Acho que fica mais à vontade, né, de trabalhá, de te opinião, como eu não sei muita coisa, pergunto pra um, pergunto pra outra. Acho que é melhor em grupo (integrante das Mulheres da Terra, 28 anos).

Eu sinto necessidade, eu gosto, eu acho que precisa sê assim. Até pra sociedade sê um pouco mais calma, pra pará... então eu gosto muito de trabalhá em grupo. Acho que é importante, tem que sê assim (integrante das Mulheres da Terra, E.M.B.P., 54 anos).

[...] eu gosto de trabalha sozinha. Depende, porque tem algumas situações que... isso é muito variável, né?! (integrante das Mulheres da Terra, 44 anos).

A seleção de palavras recortadas das narrativas que caracterizam a fase da vida adulta das mulheres que apresentam algumas das características individuais e as relações com o próximo aparecem na tabela a seguir (tab. 5):

Tabela 5: Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa adulta

Adulta	
Fatos	ordenhar vacas para fazer queijo; produzir mudas (de hortaliças e árvores); cuidar de casa; cuidar dos filhos; cozinhar
Locais	ambiente familiar; acampamento; lote
Sujeitos	mãe; marido; filhos; pai e mãe
Objetos	leite; queijo; sementes; mudas; árvores; frutas; hortaliças; enxada; bolo; animais
Participação e interação	<ul style="list-style-type: none"> • de modo geral, todas gostam de trabalhar em grupo; sendo que algumas ainda mencionam que é necessário o tempo de trabalho individual no próprio lote • em alguns casos, a ligação com o MST se deu: pelo marido; pelas comunidades de base eclesíásticas; ou ainda pelos pais • o MST é considerado como parte das suas vidas; renascimento; e como oportunidade de crescimento individual e social

Fonte: Elaborado pela autora

Na última oficina realizada acerca dos talentos individuais das mulheres, as perguntas centrais foram: a) qual o teu talento; b) o que é preciso para colocar o teu talento a serviço do grupo.

Nos discursos das mulheres referentes a descoberta de seus talentos, verifica-se que elas compreendem que algumas de suas aptidões foram influenciadas por parte dos pais. Os seus papéis estão vinculados ao exercício da maternidade, a reali-

zação de tarefas domiciliares e como agricultoras. Entre as atividades relativas a produção rural, elas reconhecem como aptidões a produção de tomates secos, mudas de hortaliças nas estufas, animais, queijo, produtos de padaria e confeitaria.

Das condições e limitações para a realização plena de suas atividades, foram apontados a ausência de iniciativa pessoal, de investimento financeiro, de infraestrutura, de coragem para dar início as atividades, de conhecimento técnico e a necessidade de haver comunicação e divulgação de seus produtos. As conclusões acerca dos talentos e dificuldades para concretização de suas aptidões podem ser visualizadas a partir das seguintes narrativas selecionadas:

O meu talento... além de sê mãe, que eu acho que é suspeito... eu acho que sô... eu acho... me sinto sê uma mãe que sempre cuidei muito do meus filho, né?! [...] Meu talento é trabalhá bem, tanto a terra quanto o que vem da terra. É meu talento, né?! Trabalha a terra, plantá, colhê. Acho que é porque eu nasci assim, né?! Nasci na agricultura e... e acho que vô continua até o fim. [...] Acho que meu talento é sê agricultora (integrante das Mulheres da Terra, 54 anos).

Eu goste de fazê, de trabalha com a semente. Eu acho que é um dos talentos que eu tenho [...] Porque nós já trabalhava lá em Piratini, junto com o pai, com a mãe. Lá era com pêssego, né?! Agora eu, especificamente, é o tomate, né?! Tomate seco (integrante das Mulheres da Terra, 33 anos).

[...] na questão das frutas... desidratação, uma das coisas que pra mim faz falta, hoje é a questão de uma estufa de secagem. Porque é muito caseiro assim. [...] Questão de, também, embalagens e um rótulo bonitinho ali... (integrante das Mulheres da Terra, 33 anos).

De repente eu ainda falta me especializa um pouco mais, na questão tanto da alimentação como dos bolo. Sei lá um curso, uma coisa nesse sentido (integrante das Mulheres da Terra, 44 anos).

[...] não vai dependê só de mim, não. Eu preciso de ajuda das minhas companheira e da onde eu tô me agarrando. Porque a gente trabalha aqui, assim, pra sobrevivência, né?! Isso tu depende de te um pouco de investimento. [...]O que eu tenho que fazê é criá coragem e me partí, partí pra luta, né?! (integrante das Mulheres da Terra, 54 anos).

A seleção de palavras recortadas das narrativas que caracterizam os talentos das mulheres, assim como as condições e limitações para colocá-los em prática são apresentados na tabela seguinte (tab. 6):

Tabela 6: Dados registrados pela oficina de histórias de vida: etapa talentos

Talentos	
Fatos	a maternidade; ser agricultora; criar animais; cozinhar
Locais	Piratini
Sujeitos	pai e mãe
Objetos	tomate seco; estufa; porco; verdura; animais; bolo
Condições e limitações	<ul style="list-style-type: none"> • iniciativa • investimento financeiro; infra-estrutura; coragem • conhecimento técnico e comunicação/divulgação do produto

Fonte: Elaborado pela autora

Com base na análise de todas as narrativas pode afirmar-se que a maioria das mulheres têm origem na zona rural do RS, contudo reconhece-se o caso de apenas uma mulher ter origem na zona urbana e ter ido viver no meio rural após a adolescência. Aquelas que nasceram no meio rural, as referências da infância ficam em torno da figura familiar e dos obstáculos impostos pela vida no campo, como a frequência escolar, a falta de acesso a informação, a diversão e dificuldades financeiras por parte dos pais. Uma das narradoras relatou ter começado a trabalhar ainda enquanto criança, prestando auxílio à família na execução das lidas rurais.

Durante a fase adulta, o MST passa a ser um ícone de identidade, de formação política e de capacitação técnica. De modo geral, oferecer melhores condições de vida aos filhos estão entre os seus ideais. Sobre as atividades atuais e o que é reconhecido como talento individual percebe-se uma divergência nos relatos. Alguns dos motivos por não exercerem as suas habilidades, que em alguns casos corresponde ao sonho de vida, são por razões de infraestrutura escassa ou ainda por ausência de recursos financeiros para o investimento que é necessário.

O fato do assentamento ser localizado na RMPA facilita que algumas mulheres busquem emprego em casas de família. Esta realidade faz com que as mulheres percam a dimensão participativa no assentamento e a identidade enquanto produtoras rurais. É de consenso geral a vontade de trabalhar exclusivamente no próprio lote de terra, mas que por falta de condições, elas acabam por buscar renda externa ao assentamento.

Os resultados permitem compreender genericamente como está configurado o grupo Mulheres da Terra, e chega-se ao seguinte resultado: a) as figuras familiares

estão presentes desde a infância e cruzam as etapas de vida posteriores; b) a maternidade desde a adolescência está presente na vida dessas mulheres; c) a vivência no acampamento é um fato evidente e influente no crescimento intelectual dos sujeitos; d) é visível que o trabalho na vida dessas mulheres persiste desde a infância, seja na forma de auxiliar na manutenção da casa ou como modo de obter renda extra; e) atualmente, a produção em torno do lote rural é considerada como uma das práticas cotidianas locais; f) a interdependência de cada um dos membros é visível nas relações de trabalho, na geração de renda e como motivação.

4.2. Caracterização das mulheres pelo questionário

Na reunião para a aplicação do questionário, contou-se com a participação de sete mulheres, sendo que cinco já haviam participado da prática anterior de histórias de vida. Este trabalho teve a presença da socióloga Naia de Oliveira, cuja função foi a de conduzir o questionário, esclarecendo as dúvidas por parte das produtoras rurais (fig. 28).



Figura 28: Registro fotográfico da aplicação do questionário

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme as perguntas delineadas no questionário, pode-se traçar com maior grau de objetividade o perfil social dos sujeitos que constituem o grupo Mulheres da Terra, organizado do seguinte modo: origem geográfica; idade; estado civil; religião; profissão; origem familiar; escolaridade; número de filhos; sonho relativo a realização profissional; atividades principais e secundárias de exploração do lote rural; ajudantes nas atividades do lote; capacidade, condições e limitações de produção; talentos relativo a realização profissional; atividades de lazer; acesso a informação; participação e interação na comunidade rural.

Inicialmente, sobre a localização geográfica de origem, afirma-se que as mulheres são nascidas no Estado do RS, sendo que a maioria é de origem do meio rural e da mesoregião do noroeste (fig. 29). De acordo com a classificação da divisão regional do RS, afirma-se que três sujeitos são da região do Médio Alto Uruguai; dois são da região das Missões; um da região do Celeiro; e um sujeito é da região da Fronteira Oeste (fig. 30). Ao tratar da questão de origem, considera-se o grupo como heterogêneo em relação às mesoregiões do Estado.



Figura 29: Mesoregiões geográficas de origem das Mulheres da Terra

Fonte: Adaptado pela autora (FEE, 2011)

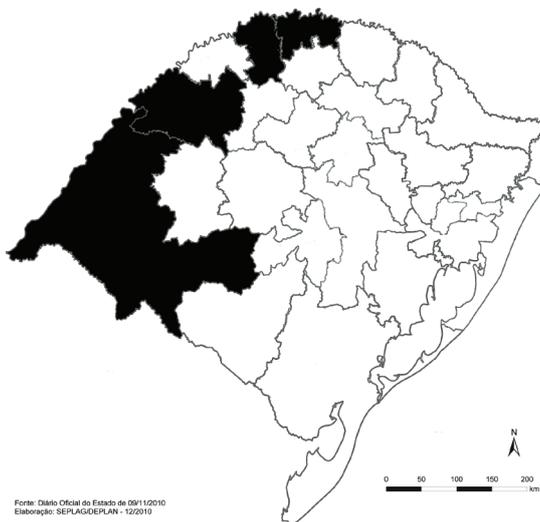


Figura 30: Cores de origem das Mulheres da Terra

Fonte: Adaptado pela autora (FEE, 2011)

Os sujeitos da pesquisa nasceram entre os anos 1954 e 1979 logo. No interior do grupo predominam as mulheres casadas; com um ou três filhos; e de religião católica. A maioria das mulheres são filhas de agricultores, exceto uma, que nasceu e morou até a adolescência no meio urbano.

Em relação a ocupação profissional, a maioria das participantes reconhecem-se como agricultoras, sendo que ainda não é possível afirmar que a atual profissão seja um reflexo da tradição familiar ou da ausência de oportunidades.

Sobre a escolaridade, é preponderante as mulheres que estudaram até o ensino fundamental, sendo que as que exercem cargo de liderança no assentamento são as que possuem os níveis mais altos de escolaridade.

Referente a localização do setor de moradia, a maioria está situada no setor A, existindo apenas duas moradoras no setor C. Atualmente as mulheres do setor B e D não estão inseridas nas atividades das Mulheres da Terra.

Quanto ao local de trabalho, todas mencionaram preferir trabalhar no próprio lote. Quando questionado com o que cada uma gostaria de trabalhar, ou seja, qual seria a sua realização profissional, emergem entre as respostas o interesse em desenvolver atividades relacionadas ao lote de produção, como a produção de mudas, frutas e hortaliças; e a extração de leite para fabricar queijo. Em menor quantidade, surge também como resposta trabalhar na padaria da cooperativa dos assentados.

Em relação a principal atividade explorada no próprio lote rural, cada sujeito menciona os seguintes itens:

- Sujeito B: frutas;
- Sujeito C: pomar, horta, panifício e animais;
- Sujeito D: frutas e horta;
- Sujeito F: frutas, mudas e leite;
- Sujeito G: pomar, galinha poedeira e horta;
- Sujeito I: horta e plantação;
- Sujeito J: arroz e frutas.

Ao relacionar a principal atividade explorada do lote rural com a realização profissional da agricultora, percebe-se que: a) nem todos os produtos produzidos no interior do lote rural são comercializados por elas mesmas; b) geralmente, a atividade que a mulher menciona realizar com desempenho está relacionado ao o que ela gostaria de trabalhar; c) o que a agricultora revela que gostaria de trabalhar, nem sempre está presente na produção do lote rural.

As atividades citadas como realizadas no lote rural e de sua responsabilidade estão a criação de animais (vaca, porco e galinha); a adubação da terra; a limpeza e arrumação da casa. O marido aparece como o principal auxiliar no desenvolvimento das atividades nos lotes, sendo ainda mencionados em alguns casos os filhos e outros

familiares. Apenas uma participante informou não receber nenhum tipo de ajuda; e a única que trabalha na cooperativa, também informou não contar com nenhum auxílio.

Em relação a capacidade de produção do lote rural, comercialização e trocas desses produtos, são citados: leite, queijo, animais (porco e galinha), ovos, frutas, hortaliças, pães e doces. Observa-se que apenas duas mulheres informaram produzirem a partir da matéria prima, por exemplo, têm no lote galinha e leite, e a partir de seus derivados comercializam ovos, queijo, pães e doces.

Entre as sete mulheres que responderam ao questionário, apenas uma informou que seus produtos são comercializados regionalmente, sendo que a principal atividade produtiva da família é o arroz, de responsabilidade do marido. As restantes informaram que os compradores são locais, como vizinhos e conhecidos.

Em relação as condições e limitações para produzir no lote, as maiores dificuldades citadas ficam em torno das questões de infraestrutura, adubos, irrigação e recursos financeiros.

Sobre o tópico talentos, pela diversidade da realidade de cada sujeito, se fará uma abordagem pontual para cada uma das mulheres:

- A produção de frutas é a principal atividade explorada e comercializada no lote do sujeito B. Para a agricultora, as ações relacionadas a agricultura configuram-se como o seu talento, como por exemplo, a produção de hortaliças e frutas.
- As principais atividades exploradas no lote do sujeito C são o panifício, a criação de animais, o pomar e a horta, sendo comercializadas as frutas do pomar, os animais, os ovos, os pães e doces oriundos do panifício. A agricultora informa que desempenha com aptidão queijo, geléias, pães e doces. Percebe-se que não são mencionadas a produção de leite, necessária para a preparação de panificação, nem de queijo no lote.
- Entre as principais atividades exploradas e comercializadas no lote rural do sujeito D estão as frutas e hortaliças. A agricultora indica ter aptidão para trabalhar na plantação e que gostaria de trabalhar com a produção de leite.
- Entre as principais atividades produzidas no lote rural do sujeito F, estão as mudas de hortaliças e o leite, embora apenas o último produto seja comercializado. Adicionado a estes dois, também é mencionado pela própria agricultora como parte de seus talentos o queijo, que por ser derivado do leite indica potencial para ser produzido e comercializado, apesar deste não ser um dos itens que o sujeito gostaria de trabalhar. As mudas de hortaliças ainda que estejam entre as principais atividades, no momento não estão sendo produzidas.

- A produção de ovos é a principal atividade explorada e comercializada no lote rural do sujeito G, mesmo esta não sendo uma das atividades favoritas da agricultora. O sujeito menciona desejar trabalhar com mudas de hortaliças e de árvores frutíferas, ambos explorados no lote rural mas não são vendidos, levando a conclusão de que sejam para consumo próprio. Como aptidão está a ideia geral de trabalhar na agricultura e produzir queijo, embora o último não seja comercializado.
- A horta é a principal atividade do lote rural do sujeito I. Entre os produtos comercializados estão galinhas, ovos, leite, queijo e frutas, embora apenas a última faça referência a horta, uma vez que esta é a principal atividade do lote. A agricultora afirma realizar com desempenho a criação de animais e cuidar da casa.
- A produção de frutas é a principal atividade de exploração do lote rural do sujeito J. As frutas são para consumo próprio. O arroz, localizado na zona baixa do assentamento, é comercializado regionalmente. A agricultora diz realizar diversas atividades com desempenho e pretende voltar a trabalhar na padaria da cooperativa.

Entre as atividades de lazer foram mencionadas em primeiro lugar tomar chimarrão e pescar, seguido de ir à igreja, jogar bola, usar a internet, estar com o filho, assistir televisão, visitar as amigas e fazer crochê. Deduz-se que grande parte das atividades de entretenimento são realizadas no assentamento, especificamente no ambiente domiciliar. Ainda assim, são preponderantes as agricultoras que têm atividades externas ao assentamento, entre ir visitar os parentes, atividades políticas e religiosas.

Em relação ao acesso a informação, todas informaram possuir pelo menos uma televisão e, de um a quatro aparelhos celulares em casa. Sete mulheres possuem um rádio; duas possuem um computador com internet em casa, sendo que uma possui dois notebooks. Apenas uma delas assina o jornal “Sem Terra”.

Quanto ao item participação e interação no interior do assentamento, todas responderam participar de algum grupo, associação ou cooperativa. Cinco mulheres responderam participar do grupo Mulheres da Terra; duas participam da Cooperlivre e uma da Coperav (cooperativas internas ao AR Filhos de Sepé); e uma relatou apenas que participa da comunidade. Três mulheres informaram serem coordenadoras de seus grupos de trabalho. Outras três disseram ter cargos de liderança, como coordenação e direção relacionados ao AR Filhos de Sepé. Duas mulheres informaram serem moradoras/assentadas; uma disse ser dona de casa e outra não possuir função no assentamento.

4.3. Representação gráfico-visual da identidade das Mulheres da Terra

Tendo compreendido o cenário geral da diversidade das agricultoras por meio da interpretação dos dados referentes as histórias de vida e ao questionário, nesta última fase se buscam representações gráficas que representem suas características.

Para a construção do mosaico conceitual, procura-se por imagens verossímeis para cada característica assinalada, lembrando que as imagens selecionadas devem respeitar os critérios de: autenticidade em relação ao significado original; qualidade gráfica da imagem. Para a representação dos dados interpretados, utilizam-se os fundamentos de:

- a) apresentação ou aspecto: está relacionado ao aspecto visual das informações e, são representadas em tabelas, quadros e mapas (MEDEIROS, 2002);
- b) organização ou arranjo: ordena as representações gráficas conforme os graus de conformidade e semelhança, e são visualizadas em ilustrações, diagramas e esquemas (MEDEIROS, 2002);
- c) representação ou exibição: distinguem as informações em iconográficas e fonográficas. A iconográfica é a caracterização pelo desenho de imagens e a fonográfica é a caracterização pela escrita da fala (GOMES, 1998).

Inicialmente, em relação a organização das representações gráficas, visto que estas devem representar denotativamente as características dos sujeitos em estudo, define-se a utilização de fotografias, uma vez que estas são consideradas mais eficazes na comunicação direta (DONDIS, 2007). Deve-se mencionar que por ilustrações, Medeiros (2002) compreende as imagens, detalhes e pormenores e, que por motivos de coesão visual, adotou-se utilizar apenas uma categoria de arranjo.

Ao tratar do aspecto visual das informações, as fotografias são organizadas num primeiro nível conforme a cronologia das oficinas (infância, adolescência, adulta e talentos) e, num segundo nível as imagens são agrupadas pelas categorias (fato, local, sujeito e objeto), configurando-se uma tabela composta de linhas e colunas que separadas por filetes, formam casas onde se encontram contidas as informações (BRITO, 2004) (fig. 31).

Após o agrupamento das imagens num quadro, o próximo passo é a de exploração de formas onde o conteúdo será inserido, prevendo a relação explícita que as figuras devem manter com o princípio cronológico de sucessão dos fatos narrados. Para tal estudo utilizou-se os fundamentos aproximação e distanciamento das formas como a união; movimentos de translação, rotação e reflexão especular; e simetria, como isometria e catametria (GOMES e BROD, 2007) (fig. 32).

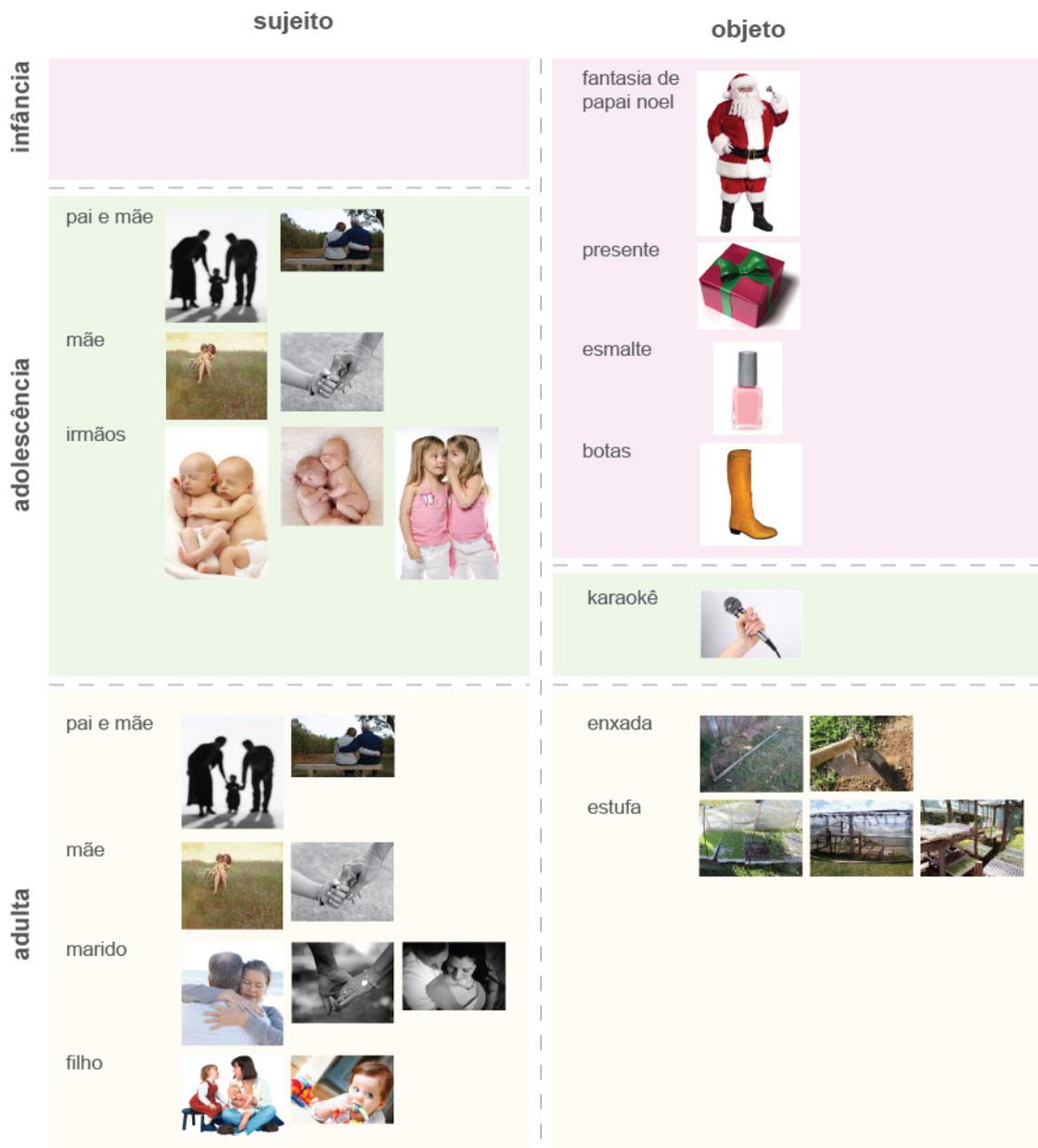


Figura 31: Lista de imagens estruturadas de acordo com as categorias de análise
 Fonte: Elaborado pela autora

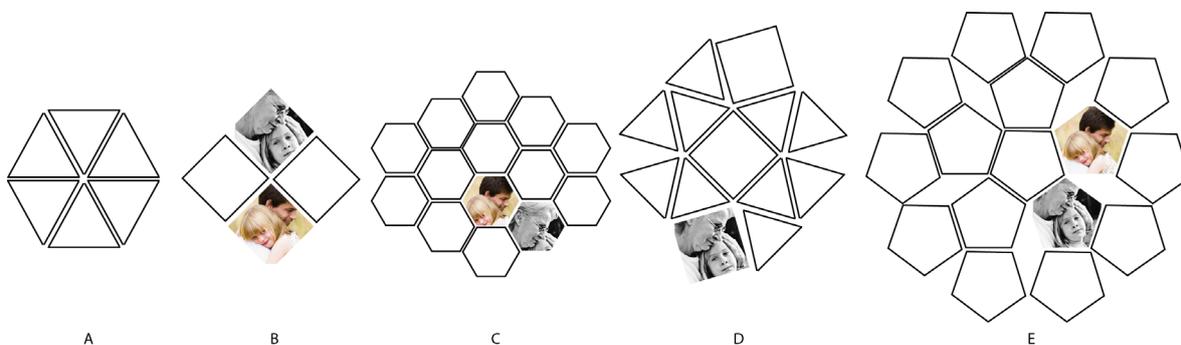


Figura 32: Estudo das formas para a organização da informação
 Fonte: Elaborado pela autora

Ciente das possibilidades de organização da informação, estabelece-se que num primeiro momento a disposição do mosaico se dá a partir da sequência cronológica dos dados. Em sucessão dessa disposição inicial, ocorre a organização pelas categorias fato, local, sujeito e objeto. Deste modo, adotam-se os modos de organização da informação conforme as categorias de Lidwell et. al. (2003), as taxonomia temporal e categorial.

Sobre o modo de estruturação da informação organizada cronologicamente, experienciam-se duas das formas encontradas em infográficos, a cíclica e a sequencial (fig.33 e 34). Eliminam-se as possibilidades de trabalhar com as demais estruturas mapeadas pelos seguintes motivos: a) na randômica não se mantém um padrão na disposição da informação; b) na proveniência é necessário estabelecer relações entre as distâncias e proporções dos elementos que a compõe; c) o espiralado prevê uma relação proporcional de crescimento, o que não se percebe acontecer com as informações lidas nesta investigação.



Figura 33: Arranjo das representações gráficas a partir de modelo cíclico
Fonte: Elaborado pela autora

O mosaico é uma peça constituída de peças justapostas que forma uma determinada estrutura ao preencher o plano. Uma das possibilidades de construção do mosaico é a partir do centro do plano até a sua expansão, compondo a diversidade de elementos que configura o todo (fig. 35). Devido a similaridade visual e conceitual que se quer dar ao mosaico conceitual, opta-se pela estrutura cíclica em detrimento

da sequencial pelo conceito. No processo de construção do mosaico percebe-se que a forma construída é um hibridismo da estrutura radial e cíclica, uma vez que se trabalha com dois níveis de informação, temporal e categorial (fig. 36).

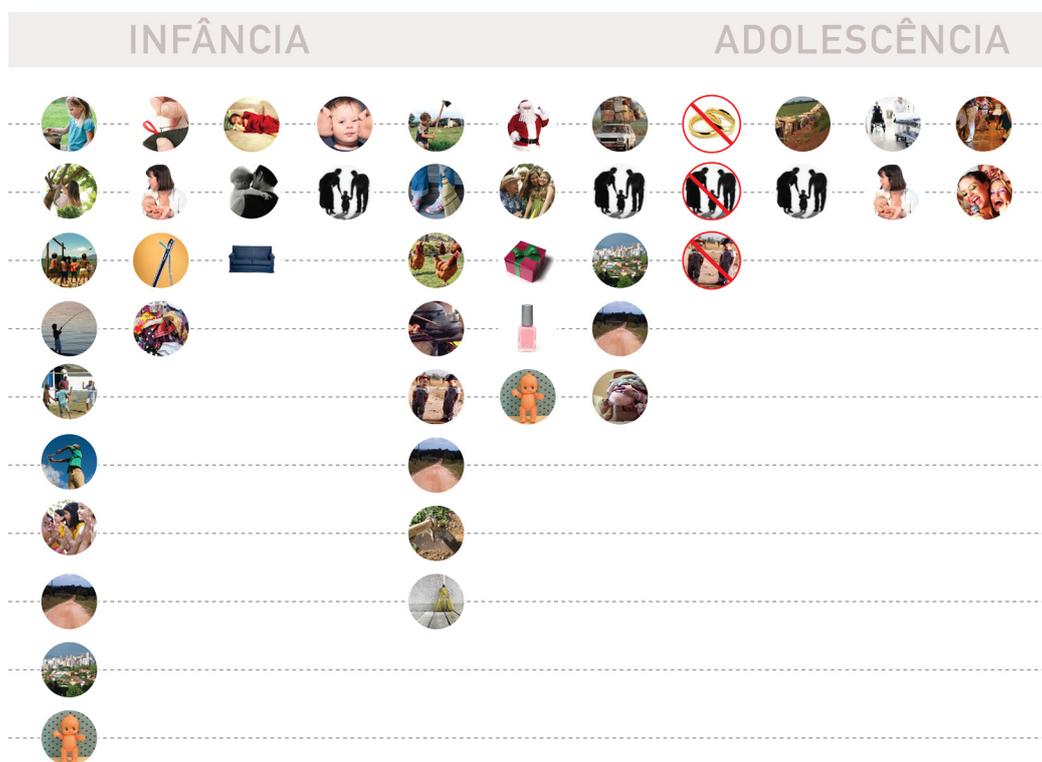


Figura 34: Arranjo das representações gráficas a partir de modelo sequencial
 Fonte: Elaborado pela autora



Figura 35: Mosaico *Nebula Chroma*, de Sonia King, 2009
 Fonte: King, 2009

Como é identificada a estrutura cíclica como ponto inicial, o mosaico tem começo a partir dos 23 fatos registrados desde a infância até a fase adulta de todas as produtoras rurais. Como se faz necessário detalhar esses fatos ocorridos, começa-se a descrever por meio de fotografias as pessoas envolvidas em tal acontecimento,

seguido do local onde este aconteceu e, finalizando com os objetos que completam a memória relacionada ao fato descrito a partir de uma estrutura radial. Cada uma das categorias descritas são representadas por uma cor específica, auxiliando na compreensão de quem visualiza o mosaico (fig. 37).

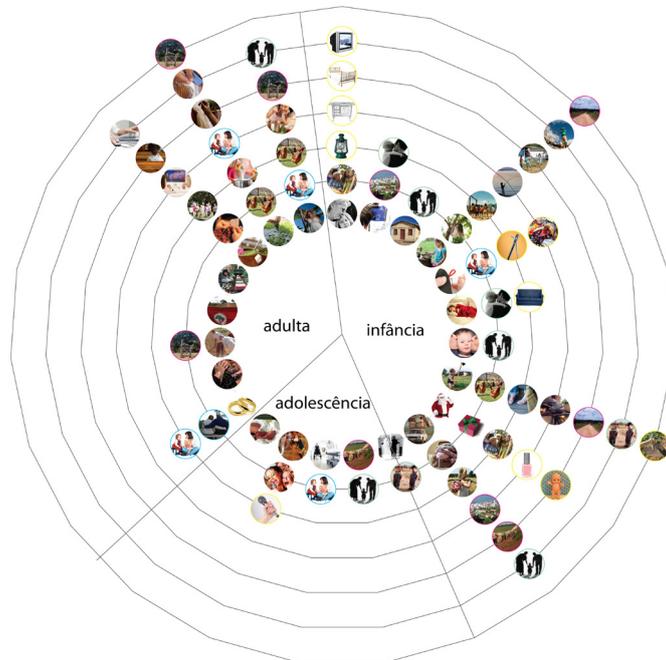


Figura 36: Arranjo das representações gráficas sobre os fatos, locais, sujeitos e objetos
Fonte: Elaborado pela autora

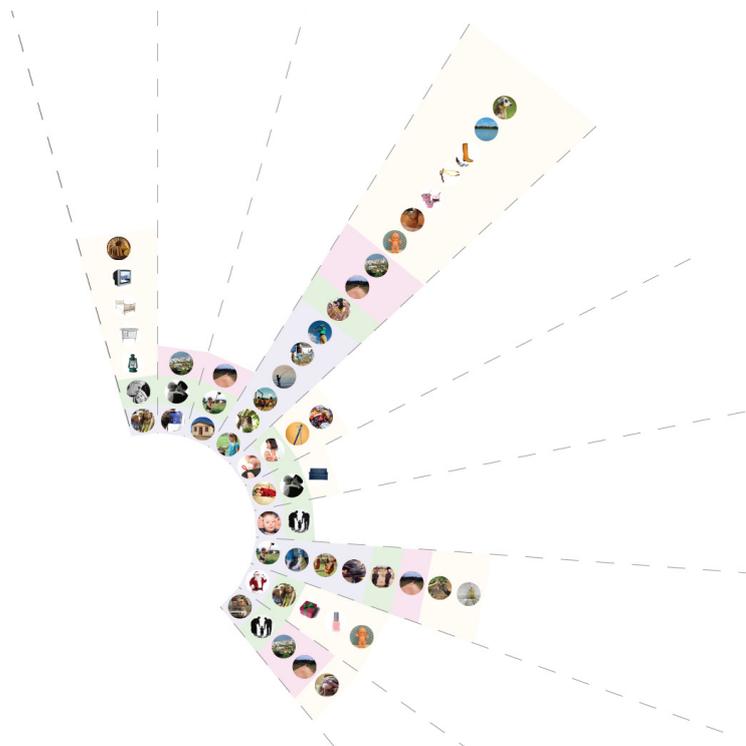


Figura 37: Distinção das representações gráficas por categorias de cores
Fonte: Elaborado pela autora

Devido a complexidade e diversidade de características, em relação à exibição das informações fica previsto o uso não apenas de iconografias, neste caso as fotografias mas também de fonografias que dêem suporte ao contexto da representação visual, de modo a facilitar a compreensão dos diversos contextos representados (fig. 38).

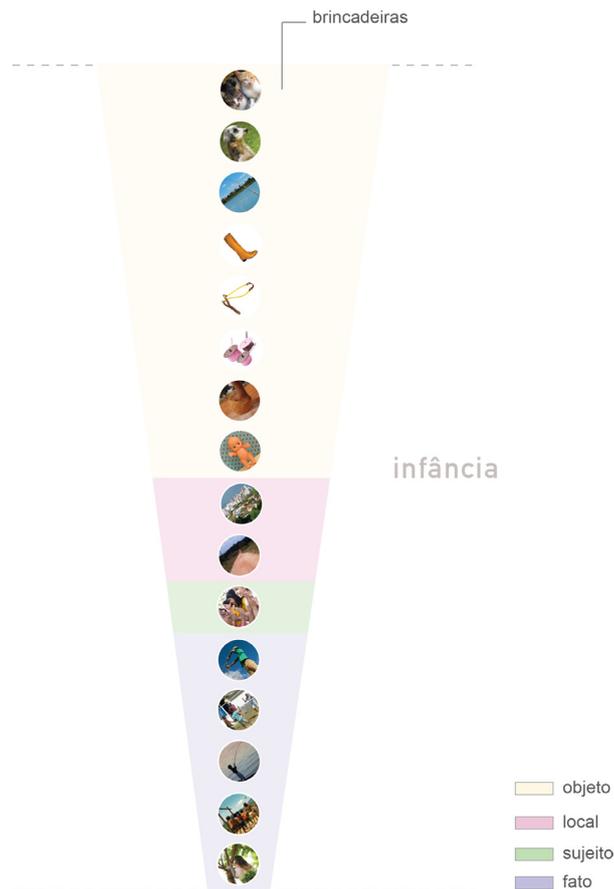


Figura 38: Iconografias, fonografias e legendas para composição das representações gráficas

Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, o processo de construção do mosaico conceitual pode ser visualizado no vídeo editado para ilustrar de forma interativa como se dá o processo de indentificação individual e coletivo das Mulheres da Terra (apêndice E e F).

Considerações finais

Desde o início da investigação, parte-se do princípio que as práticas projetuais junto às regiões periféricas aos centros urbanos configuram-se como possibilidades de atuação do Desenho Industrial/Design. Esta reflexão teve apoio quando verificou-se que não havendo um marco teórico-conceitual fundamentado sobre a atuação do Design em projetos focados na agricultura familiar, ainda há demanda para a criação e consolidação de identidades locais apontada pelo LEADER *European Observatory*, que faz nítida referência à relevância de constituição de identidades locais como estratégia de desenvolvimento de comunidades locais. Deste modo, pode-se afirmar que parte da contribuição teórica desta pesquisa é este registro das oportunidades de atuação do Design junto às comunidades rurais.

A lacuna indicada pelo LEADER foi encarada como um desafio a ser abordada pela pesquisadora. Com isso, o objetivo da pesquisa definiu-se como o desenvolvimento de um procedimento para a representação gráfico-visual da identificação das Mulheres da Terra e a sua materialização de um mosaico conceitual.

Conforme colocado na empiria, em Design, as práticas criativas para identidades visuais são voltadas para o mercado do capital, sendo escassos os registros de como proceder em projetos com grupos em que está presente a sabedoria popular dos sujeitos. Assim, a contribuição prática dessa investigação está no desenvolvimento de um processo para atuar juntos aos grupos de origem na agricultura familiar, no qual se acionam técnicas externas ao campo de atuação do Design.

No decorrer da investigação deve-se mencionar o processo de maturação da própria pesquisadora no que diz respeito a alguns conceitos previamente adotados. No campo de conhecimento do Design, trivialmente apropria-se do termo identidade visual para tratar das questões de marca e logotipo de organizações, que resumem numa composição gráfica a imagem da empresa. Percebeu-se que para esta pesquisa em andamento, o mesmo termo não poderia ser aplicado, pois neste caso, ao

se criar o objetivo de compreender a história e o contexto de um grupo de mulheres do meio rural, não se poderia falar em identidade como algo concluído, mas sim em constante modificação. Deste modo, apoderou-se do termo que Hall (2006) explica ser este processo, o processo de identificação.

Como desdobramento do objetivo principal, identificou-se que seria necessário investigar o contexto físico e social das produtoras rurais, a começar pelas peculiaridades de cada sujeito, para posteriormente se ter instrumentos que permitissem a compreensão do cenário geral, composto pelas diversidades e as inter relações dos sujeitos. O processo de identificação por parte da pesquisadora pôde ser efetuado através de um procedimento que a aproximasse dos sujeitos que neste caso, a participação da socióloga Naia de Oliveira como mediadora, conhecedora da dinâmica do grupo, se tornou imprescindível para o contato imediato entre pesquisadora e objeto de estudo, no intuito de estimular confiança e a participação de todos durante os trabalhos propostos.

Em projetos de identificação, o lugar é responsável pelo processo de construção social e histórica dos sujeitos. Portanto, apoia-se a ideia de Corrêa e Rosendahl (2004) quando estes afirmam o lugar ser o suporte da identidade por ser onde ocorre o cotidiano. Deste modo, neste estudo de caso, os encontros de trabalho foram realizados no espaço coletivo da comunidade e nas residências das mulheres.

Com o escopo delimitado em torno da busca de características predominantes dos sujeitos em estudo, partiu-se para a investigação das memórias de vida dessas pessoas através da coleta de narrativas de suas histórias pessoais. Com os relatos registrados, coube à pesquisadora manter-se fiel na interpretação de tais discursos.

Como em diferentes momentos trabalhou-se com narrativas orais e questionário, percebeu-se que sobre as técnicas aplicadas, as narrativas orais melhor serviram para o nível de escolaridade das mulheres, pois estas apresentaram dificuldade no processo de leitura e de escrita. De fato, na linguagem falada, percebeu-se o não-planejamento do discurso, a fragmentação da fala, a incompletude das frases e a escassa elaboração da ideia a ser transmitida representado pela predominância de frases curtas. Sobre o questionário, a presença da mediadora pode indicar a necessidade de num segundo momento, a reformulação das questões numa linguagem menos erudita e acadêmica.

A utilização de duas técnicas para a coleta de dados trouxe benefícios na realização da pesquisa. Além da complementaridade que se fez entre os dados obtidos, este cruzamento foi ao encontro da concepção de mosaico científico de Becker, que consiste na adição de inúmeras peças para a compreensão do cenário, pois quanto mais peças são colocadas podemos ver os objetos e as pessoas no seu contexto, a sua relação com o espaço e com os indivíduos.

Apresentadas algumas considerações, passa-se a discutir alguns dos resultados que emergiram da pesquisa e que compõe o mosaico científico no final. De imediato, percebe-se a interdependência entre os membros, o que significa que as relações entre as participantes das Mulheres da Terra não são lineares, pois há múltiplos laços de realimentação.

Partindo de uma leitura focada no pormenor, os resultados apontam que a maioria das mulheres nasceram e viveram na zona rural do RS. As infâncias são marcadas pelas brincadeiras, pelo trabalho na roça e pela vontade de ter frequentado a escola. Em menor escala aparece a ida para o acampamento e o divórcio. Após o nascimento dos filhos, estes passam a ser o maior propósito pela busca de melhores condições de vida. A ida para o assentamento ocorre na maioria dos casos na fase adulta, por influência do marido. Nessa mesma fase, o MST é o ícone de identidade, de formação política e de capacitação técnica. No decorrer de suas vidas, a figura da família é constante ao longo da vida.

De modo geral, o papel dessas mulheres estão de fato fundamentados na reprodução biológica para a geração do núcleo familiar; no trabalho doméstico, que inclui a manutenção da casa; no desenvolvimento de atividades agrícolas ou não-agrícolas geradoras de renda; e no trabalho desempenhado coletivamente.

Durante a análise das narrativas, verifica-se semelhanças na natureza dos fenômenos narrados pelas mulheres, que podem ser justificadas pela trajetória oriunda do campo, caracterizada pela falta de oportunidades e pela participação junto ao MST. Acredita-se que o MST seja o elemento aglutinador, que dá a noção de pertencimento comum a todo o grupo, criando os laços de identificação comunitária e diferenciação em relação a outros grupos, tal qual Castells (2006) e Corrêa e Rosendahl (2004) explicam o fenômeno.

Nota-se ainda o forte vínculo das mulheres com as origens, embora estejam desvinculadas da ilusão de retorno ao passado. A partir desta percepção, a pesquisadora aciona o conceito de tradução proposto Hall (2006), que descreve as formações compostas por pessoas que foram dispersadas da sua terra natal e se aplica aos grupos que absorvem referências de diferentes tradições culturais, cujos produtos são resultados de misturas culturais. Por essas mulheres serem constituídas de diversidades culturais, tradições, linguagens e de suas histórias particulares, conclui-se que a identidade das Mulheres da Terra são genuinamente híbridas.

Pode-se dizer que sobre os três grupos de atividades do meio rural apontados por Medeiros (2011), as Mulheres da Terra estão alicerçadas no conjunto de novas atividades agropecuárias, localizadas em nichos especiais de mercado. Elas ainda não estão organizadas para entrarem no mercado competitivo mas apresentam potencial em diversos ramos de atividades apontadas pelas mesmas como seus talentos. Em

alguns casos é possível conciliar a atividade produtiva do lote com o próprio talento.

O modelo de desenvolvimento a ser alcançado pelas mulheres da terra se assemelha ao de endogenia, pois este fomenta as capacidades locais, resultando em um processo de autonomia socioeconômica dos indivíduos. As mulheres se apropriam de componentes globais, como a cultura, a tecnologia e o conhecimento, e ainda assim podem explorar os recursos específicos do território onde vivem, pois estes resultam da história e da aprendizagem coletiva, de processos culturais interativos e do saber local.

Em relação ao aspecto econômico, se reconheceu que as famílias são pluriativas, visto que as receitas não provêm exclusivamente de atividades originárias dos próprios lotes, sendo incluído o trabalho assalariado e não-assalariado realizados no âmbito interno e externo do lote rural. Assim como Porto (2004) detectou que a pluriatividade na agricultura familiar nos espaços rurais é resultado da insuficiência da área que não garante a reprodução da família e do estabelecimento, o mesmo ocorre com esse grupo de mulheres. Ainda, no que se refere às atividades externas ao estabelecimento agrícola, por parte das mulheres estão presentes a prestação de serviços pessoais e o comércio de mercadorias. No interior do lote rural dos sujeitos estudados, confirma-se como apontado por Mello (2007) que as produções no interior da agricultura familiar ficam em torno do leite, das aves, dos ovos e do arroz.

Enfim, em relação ao pressuposto da pesquisa, acredita-se que o fato dessas mulheres serem originárias de diversas regiões do Estado do RS, ainda que da zona rural, reforça a questão da problemática da fragmentação das identidades na contemporaneidade, que durante a fase de formação do assentamento rural pode dificultar o processo de interação entre os sujeitos. Nesse aspecto, o Design por meio de práticas conjuntas, pode agir de modo a facilitar essas relações de encontrar os pontos em comum e distintivos que configuram cada uma das pessoas, de modo a mostrar graficamente no que se constitui essas identidades, ainda que estas não sejam finalizadas. Após o reconhecimento desse processo de identificação por parte do pesquisador, o passo posterior é a criação efetiva da identidade visual, que poderá ser aplicado em produtos e sistemas oferecidos pela organização rural, de modo a fortalecer a identidade dos produtos locais.

Apesar do trabalho prévio de conscientização sobre o conteúdo do projeto, por exemplo, as reuniões elaboradas para o conhecimento prévio entre as partes produtoras rurais e pesquisadores, a partir dessa experiência acredita-se que seja importante investir mais tempo nesta etapa preparatória, de modo a aumentar a confiança e o comprometimento de ambas as partes.

Durante a realização da investigação houve momentos de dificuldade para organizar as mulheres em torno das atividades previstas no projeto, que foram jus-

tificadas pelas dificuldade de deslocamento entre os setores do assentamento; pelo conflito de horários com outros compromissos; por trabalhar em cooperativas do assentamento; por cumprir horário no emprego na cidade de Porto Alegre; ter que buscar os filhos na escola; pela atividades domésticas e do lote rural; entre outros.

Apesar dos autores consagrados como Tomás Maldonado, Victor Papanek, Bernard Löbach e Gui Bonsiepe há décadas virem citando das necessidades de se projetar para as necessidades sociais, faltam referências sobre sucessos e dificuldades, assim como os métodos de como se proceder junto às comunidades. Deste modo, sugere-se que se publique e se façam mais projetos próximos às comunidades, visando a prática de Design socialmente orientado e não somente a discussão em torno da teoria.

Sobre o produto final, o mosaico visual, ainda que tenha se prezado por utilizar uma estrutura formal que remeta a composição de mosaico vulgarmente conhecida, a peça gráfica se relaciona com o conceito de Bauman e Becker. A concepção de quebra cabeça de Bauman associada a de mosaico científico de Becker torna-se útil no sentido em que cada peça acrescentada no todo contribui para a compreensão do contexto local. Sugere-se que na continuidade desse trabalho, seja feita a abstração das formas que compõe o mosaico, pois no processo de abstração, eliminam-se os detalhes e enfatizam-se os traços essenciais do que está sendo representado.

Pode-se afirmar que este estudo justifica-se como uma pesquisa de Design, pois como Cross (1999) menciona o foco do campo de estudo do Design ser as pessoas e os produtos, nesta pesquisa, em primeiro lugar o foco está em entender as pessoas, não como elas projetam o desenho, mas os membros de uma comunidade projetam suas vidas e expectativas. Em segundo lugar está focada em entender os produtos pelo olhar da pesquisadora, que define a forma e materializa as histórias de vida das Mulheres da Terra por meio de um mosaico visual conceitual, incorporando neste os atributos de Design.

Bibliografia

ABRAMOVAY, R. **O futuro das regiões rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

AICHER, O. **El mundo como el proyecto**. Barcelona: Gustavo Gili, 1994.

ALVES, A. F.; GUIVANT, J. S. O que há além do endógeno e exógeno nas pesquisas sobre o desenvolvimento rural? In: SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. (Org.). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ARCHER, B. The Nature of Research. **Co-design**, January 1995. pp 6-13.

BARROSO NETO, E. **Estratégias de Design para os países periféricos**. CNPq/ Coordenação Editorial: Brasília, 1981.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BECKER, H. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BEDUSCHI FILHO, L. C.; ABRAMOVAY, R. Desafios para a gestão territorial do desenvolvimento sustentável no Brasil. **Anais XLI Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural (SOBER) – 27 a 30 de Julho de 2003 – Juiz de Fora – MG**. Disponível em: <http://www.ufpa.br/epdir/images/docs/paper75.pdf>. Acesso em 15 out.2011

BELLO, I. M. **Formação, profissionalidade e prática docente**: relatos de vida de professores. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

BESTETTI COSTA, M.; REBOUÇAS LYRA, R. Cenarte: soluções de escoamento de produção territorial. In: ISSD/SBDS. **III International Symposium on Sustainable Design/III Simpósio de Design Sustentável**. Recife, Brasil. 29-30 Setembro 2011

BONSIEPE, G. **A tecnologia da tecnologia**. São Paulo: Edgard Blucher, 1983.

BONSIEPE, G. **Design as Tool for Cognitive Metabolism**: From Knowledge Production to Knowledge Presentation. Disponível em: <http://www.guibonsiepe.com/pdf/files/descogn.pdf>. Acesso em 24 out.2011

BONSIEPE, G. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BORBA, M. F. S; GOMES, J. C. C.; TRUJILLO, R. G. Desenvolvimento endógeno como estratégia para a sustentabilidade de áreas marginais. In: PORTO, V.; WIZNIEWSKY, C.; SIMCH, T. (ed.) **Agricultura Familiar**: sujeito de um novo método de pesquisa, o participativo. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2004. p.159-170

BOZZANO, J. N. **Proyecto**: Razón y Esperanza. Escuela Superior de Diseño de Ulm. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M.C. A pesquisa participante: um momento da educação. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **II Plano Nacional de Reforma Agrária**. 2005. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/index.php/servicos/publicacoes/pnra-plano-nacional-de-reforma-agraria/file/482-ii-pnra>. Acesso em 20 jun.2012

BRITO, A. B. **Ampliação do vocabulário em desenho industrial**: considerações para o projeto de produto. 2004. 123f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

CÂMARA MUNICIPAL DE VIAMÃO. **História de Viamão**. Disponível em: http://www.camaraviamao.rs.gov.br/historia_viamao.html. Acesso em 29 ago.2011

CAMPOS, N.; KRAHL, M. F. L. Territorialidade: elo entre o espaço rural e o espaço urbano. In: STEINBERGER, M. (org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília: Paralelo 15 e LGE Editora, 2006. p.83-100

CANDIOTTO, L. Z. P. A agricultura familiar no contexto do rural contemporâneo. In: SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. (org). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p.275-298

CANTZ, H. **Ulmer Modelle – modelle nach ulm / hochschule fur gestaltung 1953 - 1968**. Ostfildern-Ruit: Ulmer Museum/ HfG-Archiv, 2003.

CARDOSO, R. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

CASTELLS, M. G. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2006.

CAULIER-GRICE, J.; MULGAN, G.; MURRAY, R. **The Open Book of Social Innovation**. The Young Foundation. 2010.

- CHIZZOTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- CROSS, N. Natural intelligence in design. **Design Studies**, 1(20), 1999, pp.25-39.
- DEAL, M. **Timeline**: Beatles Work Schedule. Disponível em: <http://www.styleandflow.com/2010/timeline-beatles-work-schedule/>. Acesso em 14 ago.2012
- DENARDIN, V. F.; SULZBACH, M. T. Produtos com Identidade Territorial: o caso da farinha de mandioca no litoral paranaense. In: SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. (org.). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p.219-236
- DIEHL, J. C. et. al. **Designing for Emerging Markets**: Design of Products and Services. Delft: Delft University of Technology, 2009.
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes: 2007.
- DORÉ, G. **Dudley street, seven dials**. 1872. Disponível em: <http://www.museumoflondonprints.com/image/129140/gustave-dore-dudley-street-seven-dials-1872>. Acesso em 19 set.2012
- ESCOREL, L. **O efeito multiplicador do design**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- FAO/INCRA. Perfil da agricultura familiar no Brasil: dossiê estatístico. 1996. Brasília. In: GUANZIROLI, C. & CARDIM, S. (coord.). **O novo retrato da agricultura familiar**: o Brasil Redescoberto. 2000. Brasília, Convênio FAO/Incrá, INCRA.
- FASCIONI, L. Método para definição da identidade corporativa. **Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. 8 a 11 de outubro de 2008. São Paulo, 2008.
- FIGUEIREDO, L. F. G. et. al. Aplicação do design em casos de Inovação social do Estado de Santa Catarina, Brasil. **Anais V Congresso Internacional de Pesquisa em Design**. v.1, 2009, p.1510-1516.
- FRASCARA, J. **Diseño gráfico para la gente**. Buenos Aires: Infinito, 2008.
- FUAD-LUKE, A. **Manual de diseño ecológico**: un detallado libro de consulta de gran utilidad para el entorno doméstico o la oficina. Gustavo Gili: Barcelona, 2002.
- FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA SIEGFRIED EMANUEL HEUSER (FEE). **Coredes**. 2011. Disponível em: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_coredes.php. Acesso em 29 ago.2011
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327 –345, 2005.

- GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2006.
- GOMES, L. V. N. **Desenhando**: Um panorama dos sistemas gráficos. Santa Maria: Ed. UFSM, 1998.
- GOMES, L. V. N.; BROD, J. M. **Logogramas**: desenho para projeto. Porto Alegre: sCHDs Editora, 2007.
- GROPIUS, W. et. al. **Bauhausbücher**. 1925. Disponível em: <http://bostonroll.tumblr.com/post/8087098526/bauhausbucher-bauhaus-books-complete-series>. Acesso em 2 ago.2012
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HENRIQUES, P. D.; NARCISO, V. M. J. S. Desenvolvimento rural, mulheres e terra: Um olhar sobre Timor-Leste. In: **XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural**. Rio Branco, Brasil. 20-23 Julho 2008.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2010**: Dados do Censo 2010 publicados no Diário Oficial da União do dia 04/11/2010. 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php. Acesso em 29 ago.2011
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **O INCRA e o Assentamento**. 2012. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/index.php/servicos/publicacoes/livros-revistas-e-cartilhas/file/490-o-incra-e-o-assentamento>. Acesso em 20 jun.2012
- JULIER, G. **La cultura del diseño**. Barcelona: GG Diseño, 2010.
- KING, S. **Nebula Chroma**. 2009. Disponível em: <http://www.mosaicworks.com>. Acesso em 17 set.2012
- KOCH, I. G. V. **A inter-relação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- LIDWELL, W. et. al. **Universal principles of Design**: a cross-disciplinary reference. Massachusetts: Rockport Publishers, 2003.
- LISSITZKI, E. **Beat the Whites with the Red Wedge**. 1919. Disponível em: <http://theredlist.fr/wiki-2-343-917-997-view-poster-art-profile-lissitzky-e.html#photo>. Acesso em 29 out. 2012
- LLOVET, J. **Ideologia y metodologia del diseño**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.
- LÖBACH, B. **Desenho Industrial**. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.
- LOTTI, G.; BEDESCHI, I. Design for territorial business systems: Role, instruments and operating methods. **Strategic Design Research Journal**, 2(2): 73-82 julho-outubro 2009

MAGALHÃES, A. O que o Desenho Industrial pode fazer pelo país. Por uma nova conceituação e uma ética do desenho industrial no país. **Arcos**. v.1, n.0, 1998, p.9-12.

MALDONADO, T. **El diseño industrial reconsiderado**: definición, historia, bibliografía. Barcelona: Gustavo Gili, 1977a.

MALDONADO, T. **Meio ambiente e ideologia**. Lisboa: Sociocultur, 1971.

MALDONADO, T. **Vanguardia y racionalidad**: artículos, ensayos y otros escritos: 1946-1974. Barcelona: Gustavo Gili, 1977b.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MARGOLIN, V.; MARGOLIN, S. Um modelo social de design: questões de prática e pesquisa. **Revista Design em Foco**, Salvador: UNEB, n. 1, p. 43-48, jul./dez. 2004.

MASSIRONI, M. **Ver pelo desenho**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1982.

MEDEIROS, L. Argumentos em favor do desenho-projetual na educação. In: NAVEIRO, R. M. & OLIVEIRA, V. F. **O projeto de engenharia, arquitetura e desenho-industrial**: conceitos, reflexões, aplicações e formação profissional. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2001. p.129-148

MEDEIROS, L. **Desenhística**: a ciência da arte de projetar desenhando. Santa Maria: sCHDs Editora, 2004.

MEDEIROS, R. M. V. Dilemas na conceituação do campo e do rural no Brasil. In: SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. (org). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p.59-66

MEDEIROS, R. M. V. Territórios e práticas de mobilidade espacial: o caso dos trabalhadores rurais assentados no Rio Grande do Sul. In: GUIBER, M.; CARRIZO, S.; LIGRONE, P.; MALLARD, B.; MÉNANTEAU, L.; URIBE, G. (ed.). **Le bassin du Río de la Plata**. Toulouse: Presses Universitaires de Mirail, 2009. p.511-528

MEGGS, P. B. **História do Design Gráfico**: Philip B. Meggs e Alston W. Purvis. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MELLO, C. I.; MULLER, C.; PICHLER, R. Design para a inovação social e resgate cultural através de uma experiência intervencionista. In: ISSD/SBDS. **III International Symposium on Sustainable Design/III Simpósio de Design Sustentável**. Recife, Brasil. 29-30 Setembro 2011

MELLO, P. F. Produção agrícola em assentamentos rurais do Rio Grande do Sul: um estudo quantitativo comparativo. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 24, n. 1/3, p. 159-197, jan./dez. 2007

MENDES, M. D.; QUELUZ, G. L. A construção das identidades e a trajetória do mobiliário artesanal paranaense. In: QUELUZ, M. L. P. (org.). **Design e Identidade**. Curitiba: Editora Peregrina, 2008.

MERINO, G. S. A. D. **A contribuição da gestão de design em grupos produtivos de pequeno porte no setor da maricultura: o caso AMPROSUL**. 2010. 184f. Dissertação (Mestrado em Design e Expressão Gráfica) – Curso de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MERONI, A. Strategic Design to take care of the territory. Networking Creative Communities to link people and places in a scenario of sustainable development. In: P&D Design 2008, **8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo, Brasil. 9-12 Outubro 2008.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO (MDA). **Cooperativas da agricultura familiar participam da maior feira de orgânicos do mundo**. 2012. Disponível em: http://www.mda.gov.br/portal/noticias/item?item_id=9281749. Acesso em 2 ago.2012

MORAES, C. C. Geração do conhecimento e da aprendizagem no processo de desenvolvimento de novos produtos. Funec: **Saber Universitário**, v.1, n.1, 2005, p. 36-39.

MOREIRA, V.; VIDAL, F. A. B; FARIAS, I. Q. Empreendedorismo Social e Economia Solidária: Um estudo de caso da Rede de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável da Comunidade do Grande Bom Jardim. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/casulo>. Acesso em 10 out.2011

MOZOTA, B. B. **Gestão do Design: usando o design para construir valor de marca e inovação corporativa**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

MULGAN, G. **The Process of Social Innovation**. Disponível em: mitpress.mit.edu/innovations. Acesso em 9 set.2011

NATÁRIO, M.; BRAGA, A.; REI, C. A valorização dos recursos endógenos no desenvolvimento dos territórios rurais. In: PLURIS 2010. **4º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado, Sustentável**. Universidade do Algarve, Faro, Portugal. 6-8 Outubro 2010. p.315

NICOLA, M. P.; DIESEL, V. Tendências e desafios do monitoramento e avaliação do desenvolvimento rural local e sustentável. In: Brumer, A.; Piñero, D. (org.). **Agricultura latino-americana: novos arranjos e velhas questões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p.315-334

NIEMEYER, L. **Design no Brasil: origens e instalação**. 2.ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

NOTH, W. **A semiótica no século XX**. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

OLIVEIRA, N. G. I. Grupo Mulheres da Terra: abordagem fundamentada no ecofeminismo e na alfabetização ecológica. In: **VII Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis. 2006.

OLIVEIRA, N. G. I. Indicadores de Sustentabilidade: Experiência na comunidade de entorno do Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação**. Fortaleza: p.45-55, 2002.

OLIVEIRA, N. G. I. Unidade de conservação de proteção integral Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos: relato de uma experiência. In: **Anais do 1º Congresso Internacional Transdisciplinar Ambiente e Direito**. Porto Alegre. 19-21 Maio 2004.

ONO, M. **Design industrial e diversidade cultural**: sintonia essencial. Estudos de casos nos setores automobilístico, moveleiro e de eletrodomésticos no Brasil. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade São Paulo, São Paulo, 2004.

Online Database Education. **A Video Game Timeline**: 1967-Present. Disponível em: http://www.onlinededucation.net/videogame_timeline. Acesso 14 ago.2012

PAPANECK, V. **Diseñar para el mundo real**: Ecologia humana y cambio social. Madrid: Blume Ediciones, 1977.

PLANTEC. **Plantec Laboratórios**. 2011. Disponível em: <http://planteclab.com/uploads/images/Gallery/empresa/8503.jpg>. Acesso em 19 set.2012

PORTO, V. H. F. Uma estratégia para políticas de pesquisa participativa na agricultura familiar: conhecer a transmissão e posse da terra. In: PORTO, V.; WIZNIEWSKY, C.; SIMCH, T. (ed.) **Agricultura Familiar**: sujeito de um novo método de pesquisa, o participativo. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2004. p.81-91

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIAMÃO. **Geografia**. Disponível em: <http://www.viamao.rs.gov.br/a-cidade/geografia>. Acesso em 29 ago.2011

REYES, P.; FRANZATO, C. Design para o território: uma reflexão teórica. 2008. In: P&D Design 2008. **8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo, Brasil. 8-11 Outubro 2008.

RIGON, R. **Ruralbr**. 2012. Disponível em: <http://agricultura.ruralbr.com.br/noticia/2012/11/projeto-propoe-selo-para-a-agricultura-familiar-do-mercosul-3951866.html>. Acesso em 6 dez.2012

SANTOS, R. A. Desafios do desenvolvimento territorial para a agricultura familiar. In: SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. (org). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p.321-334

SAQUET, M. A. Reterritorialização e identidade. In: MEDEIROS, R. M. V.; FALCADE, I. (org.). **Tradição versus Tecnologia**: as novas territorialidades do espaço agrário brasileiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p.211-224

SCHMITTEL, W. **Process Visual**: Development of a corporate identity. Zurich: ABC Verlag, 1978.

SOUSA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n. 11, p. 22 – 39, jan./abr., 2006.

STRUNCK, G. **Como criar identidades visuais para marcas de sucesso**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2001.

SUTNAR, L. **Glass tea service**. 1931. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/>. Acesso em 2 ago.2012

SUTNAR, L. **Porcelain tea service**. 1931. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/>. Acesso em 2 ago.2012

TÁTILIN, V. **Vkoutein**. 1927. Disponível em: <http://www.russianavantgard.com>. Acesso em 2 ago.2012

TEIXEIRA, F. **Doces e licores do AC**. 2010. Disponível em: <http://www.facebook.com/alto.camaqua>. Acesso em 2 ago.2012

TEIXEIRA, F. **Artesanato em lã do AC**. 2010. Disponível em: <http://www.facebook.com/alto.camaqua>. Acesso em 2 ago.2012

Timeline of Graphic Design History. Disponível em: <http://bryannalavon.wordpress.com/2011/11/10/infographics-timeline-of-graphic-design-history/>. Acesso 14 ago.2012

TINOCO, R. **Histórias de vida**: um método qualitativo de investigação. 2004. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt>. Acesso em 25 ago.2011

WHITNEY, P.; KELKAR, A. Designing for the Base of the Pyramid. **Design Management Review**, v15. n.4, 2004 , p.41-47.

ZABALETTA, J.P. Estratégias para ações de pesquisa participativa direcionadas ao desenvolvimento dos agricultores familiares – Relato de uma experiência em andamento. In: Agricultura Familiar: sujeito de um novo método de pesquisa, o participativo. . In: PORTO, V.; WIZNIEWSKY, C.; SIMCH, T. (ed.) **Agricultura Familiar**: sujeito de um novo método de pesquisa, o participativo. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2004. p.63-79

ZAPPA, M. **Envisioning Technology 2011**. Disponível em: <http://envisioningtech.com/envisioning2011>. Acesso em 14 ago.2012

APÊNDICE A – Modelo de questionário

QUESTIONÁRIO

Nome: _____

Local de nascimento: _____ Data de nascimento: ___/___/___

Qual a sua raça?

- afro-brasileira
- branca
- índia
- mulata (cruzamento do branco com o negro)
- cabocla (cruzamento do branco com o índio)
- cafusa (cruzamento do índio com o negro)
- cabra (cruzamento do mulato com o negro)

Qual o seu estado civil?

- Solteira
- Casada
- Divorciada
- Viúva

Qual a sua religião?

- Católica
- Evangélica
- Adventista
- Espírita
- Candomblé
- Umbanda
- Testemunha de Jeová
- Sem religião

Outra: _____

Qual a sua profissão/ocupação profissional? _____

E a profissão/ocupação profissional da sua mãe? _____

E a profissão/ocupação profissional do seu pai? _____

Qual a sua escolaridade?

- 1º grau. Qual série? _____
- 2º grau. Qual série? _____
- Técnico. Qual curso? _____
- Graduação. Qual curso? _____
- Não estudou
- Outro: _____

Quantas pessoas moram na sua residência? _____

Quem são essas pessoas?

- Marido
- Filhos
- Mãe
- Pai
- Sobrinhos
- Genros/Noras
- Sogra/Sogro
- Outros

Você têm filhos? Quantos filhos?

- Nenhum
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- mais de 5

Em qual setor fica o seu lote?

- A
- B
- OC
- D

Qual o seu endereço? _____

Quem são as suas vizinhas? _____

Você prefere trabalhar:

- No próprio lote, dentro do assentamento
- Em outro lote, dentro do assentamento
- Fora do lote, fora do assentamento

Com o que você gostaria de trabalhar? Pode ser dentro ou fora do assentamento.

Qual é a principal atividade explorada no lote rural onde você mora?

Dentro do seu lote rural, quais são as atividades pelo qual você é responsável?

a. _____ d. _____
b. _____ e. _____

Você conta com a ajuda de alguém? De quem? Em qual atividade?

Do que é produzido dentro do lote, o que é comercializado/vendido/trocado?

a. _____ d. _____
b. _____ e. _____
c. _____ f. _____

A comercialização dos produtos destina-se ao mercado:

local regional nacional

Quem são os compradores?

Na sua opinião, quais são as maiores dificuldades para produzir no lote?

Quais são as atividades/trabalho que você sabe melhor fazer?

a. _____ c. _____
b. _____ d. _____

Quais são as companheiras que você mais gosta de visitar?

O que você gosta de fazer nos tempos livres?

Você costuma sair do assentamento? Sim Não

Onde você costuma ir? _____

O que você costuma fazer quando sai do assentamento?

Visitar parentes Passear Ir ao médico Fazer compras

Trabalhar

Outros: _____

Quais desses itens você têm em casa? Preencha ao lado a quantidade de cada item.

Televisão ____ Rádio ____ Celular ____ Computador ____

Internet ____ Jornal. Qual? _____

Você participa de algum grupo, associação ou cooperativa? Qual?

Qual a sua função/cargo dentro deste grupo, associação ou cooperativa?

Qual a sua função/cargo dentro do assentamento?

APÊNDICE B – Totalidade das histórias de vida

Sujeito	Pergunta 1: Onde passaste a tua infância?
A	Cruz Alta. Lembro que a gente, eu fiz o pré, tudo em escola particular, até a quinta série. Aí quando a gente saiu foi um baque. A gente vivia numa realidade e foi pra outra totalmente diferente. E aí tudo isso foi bem complicado. Aí o pai saiu do emprego bom que ele tinha e passou por bastante dificuldade. É essa minha infância. Não tenho boas lembranças.
B	Até os dez anos no Braga. Depois, digamos assim, meu pai foi para o acampamento, tem histórico de acampamento, a partir dos dez anos o pai foi para o acampamento. Aí eu passei por um monte de lugares, né. Em três anos nós estivemos em Cruz Alta, Palmeira das Missões, Cruz Alta, Bagé, e aí fomos parar em Piratini onde meus pais são assentados hoje. Dos dez aos treze anos eu conheci o Rio Grande do Sul.
C	Minha infância, eu sou da fronteira, eu nasci em Uruguaiana mas meu pai na época ele era gerente das antigas Volkswagem, que hoje nem sei que que é mais, se é Chevrolet, as Volkswagem. Então, nasci em Uruguaiana, com dois anos eu vim morar em Porto Alegre, ficamos quatro anos, três anos, aí voltamos para Uruguaiana depois pra São Borja e assim passei toda a minha infância. Assim, Uruguaiana, Porto Alegre, São Borja, Taqui. Uruguaiana, Porto Alegre, São Borja, por causa do serviço dele.
D	Eu me criei mesmo na colônia, até os quinze anos. Em Rodeio Bonito. Bem no interior mesmo.
E	Sou daqui de Viamão, Águas Claras, sempre morei aqui. Meus pais sempre moraram em sítio. Me criei em sítio, mas não tinha assim como eles muita dificuldades. Tinha colégio perto, né, gostava de jogar futebol com os guris na rua, jogar vôlei no colégio.
F	A minha infância eu passei na região das Missões. Roque Gonzales. Zona rural. Nasci e me criei na zona rural. Pedra e carpindo, arrancando mato no meio do soja. Isso, exatamente isso. E às vezes ainda nós plantava alfafa, tirava leite, tudo isso eu ajudava a fazer. Não quando tão pequena, né, mas numa idade assim tipo nove anos, oito, nove anos, eu já ajudava a fazer esses afazeres, principalmente tirar leite. Aí depois sim, mais tarde eu fui pra roça arrancar mato no meio do soja, carpir no meio alfafa, restelar alfafa, ajudar a carregar alfafa, isso eu ajudei a fazer menos.
G	Então, eu nasci no município de Seberi, na comunidade de Lajeado Silvano e, mas nasci na casa da minha mãe mesmo, não nasci em hospital. E estudei na escola Manuela Antônia, é onde que eu estudei. Na zona rural. Meu pai era agricultor, a mãe também. E a gente trabalhava todo tipo de agricultura, né, feijão, milho, aipim, batata, porco, né, meu pai engordava muito porco, criava porco, de criação assim gado, gado mas só pro gasto, né, pequena propriedade. Depois mais tarde passamo a produzir soja também, infelizmente depois veio aquela repressão lá da soja e daí a gente até acabou fazendo algumas coisas errada na época, né, o meu pai achando que era coisa melhor. Mas daí eu vou contar qual era o fato. Então é duas coisas que me chamou muito a atenção, que tenho marcado na minha vida por causa disso aí. Uma das coisas é que quando eu estava na escola, eu sempre tinha vontade de estudar, né.
Sujeito	Pergunta 2: Quais os fatos mais importantes que lembram a tua infância?
A	A minha infância foi uma merda. Minha mãe é um caos. Ai, a minha infância foi uma porcaria. Não gosto de falar da minha infância. Tenho dois, eu sou a mais velha. E a minha mãe tem problema de audição, né. É que a vida dela foi bem complicada, por que ela foi... a mãe dela ganhou ela e deu para uma família de alemães criar. Daí quando ela tinha dezoito anos ela descobriu, né. Desde ali foi um caos. Ela conheceu meu pai, teve vários namorados, mas depois conheceu meu pai, casou, ela não conseguia engravidar. Aí foi descobrir que tinha dois úteros. Fez uma promessa pra (...) que se ela conseguisse engravidar e fosse uma menina ia se chamar (...). Aí eu nasci. Eu acho que assim, ela sempre me controlou demais de repente pelo medo dela de me perder, né, acho que foi isso. E assim, nossa infância foi bem complicada. O pai, só em olhar para nós tinha um olhar maravilhoso e a mãe, não. A mãe sempre foi muito... talvez pela história de vida dela e coisa, né, sofrida. Sempre foi muito dura com nós, muito...

	<p>Eu? Ah, eu tinha que ajudar ela a costurar botão. Eu odiava costura, né, até hoje. Costuro mas odeio. Agora eu estava me perguntando ainda do curso de boneca, por isso que eu demorei, por que eu fiz na casa de pedra, né. Assim, só pelo fato dela me forçar a fazer coisas que eu não gostava, e ela sempre foi muito rígida, muito. Daí quando ela perdia uma agulha, gente do céu, quando ela perdia uma agulha era um inferno, daí a gente que tinha que procurar. Aí sobrava pra (...) catar a agulha no meio dos retalhos, era um inferno total. E daí depois ela teve se tinha uma parte que eu mais detestava era juntar todos aqueles retalhos. E deus-o-livre a gente não quisesse aquilo. Eu tava dizendo, assim, hoje em dia as crianças tem a liberdade que a gente não tinha antigamente.</p> <p>Tem uma tia minha que eu lembro muito dela, que eu adorava ela. Era assim, mais que uma tia, era uma amiga, né. Adorava passar férias na casa dela. Mas a mãe sempre prometia: “ah se vocês passarem de ano, vocês provavelmente vão passar na casa da tia Fátima.” Aí quando nós passava, ela mandava nós pra lá na sexta e no domingo já buscar nós de volta, porque tinha serviço em casa para fazer. Aí nós detestava ela mais ainda.</p> <p>Uma coisa que eu lembro da minha infância que era muito maravilhosa, que nós brincava até tarde na rua, no verão, né. E aí, o pai trabalhava, chegava sempre a tardinha, a mãe costurava em casa, costureira. Eu lembro que a gente dormia no sofá, né, cansado. Eu, assim, até hoje. Essa é uma das únicas lembranças boas que eu tenho, dele assim passando um pano nos meus pés, sabe, sentindo ele passando um pano nos meus pés e me levando para o quarto. Essa é uma das lembranças. E sinto saudade dessa fase, é maravilhosa, né.</p>
<p>B</p>	<p>Deixa eu falar então um pouquinho da minha infância. Nós somos em cinco irmãos, só eu de menina. Então dá pra ter uma projeção do que foi. Da parte do meu pai muitos mimos (risos). E a mãe era mais a... alguém tinha que colocar limite, né, aí sobrava pra ela. Eu nasci no Braga. Vivi lá até 10 anos. Aí nós brincava nos finais de semana. Durante a semana, a partir dos seis anos, as tarefas dos dias de semana era: a (...) junto com o (...), que é o meu irmão mais novo que eu, ele com cinco e eu com seis anos. Nós tinha tarefas durante de segunda a sexta, que seria: tirar leite das vacas, fazer almoço... e os outros três irmãos estudavam de manhã, e meio-dia chegavam, almoçavam e iam para a lavoura. E aí nós fazia as tarefa da casa durante o período da manhã – leite, almoço, roupa – e de tarde ia para a escola. E aí chegava da escola de tarde, é tirar o leite, é tratar os bichos, que os outros estavam na lavoura, né. E aí, nos finais de semana, sim, aí era mais molecagem mesmo. Morava perto das minhas tias lá. Que ela tinha quatro meninas e um guri, o oposto. Aí se juntava toda a catrefinha, aí era jogar bola, mais era as brincadeiras de guri. Adorava caçar passarinho de bodoque, estilingue, pescar, jogar bola, essas coisas de molecão. Boneca era pra esconder das primas só quando vinham lá em casa. Essas coisas de Barbie, essas coleçõzinha aí, ah capaz. E foi assim, mas acho que eu tive uma infância boa. Apesar de que morar no interior é uma realidade bem diferente, né, porque tu acabas fazendo tarefas que não competem a uma criança, nesse sentido não posso reclamar, por que tanto, meu pai me mimava muito, né, era a princesinha dele, até hoje. Vou lá ainda tenho meu colinho reservado, né. Minha mãe agora ela tá mais carinhosa assim... porque eles diziam que os meninos eram da mãe, né e as meninas eram do papai. Como só tinha tinha eu para um, e os gurias eram quatro pra ela, ela se desdobrava para compensar eles. E eu ficava mais assim com o pai, mas é, puxa mesmo... isso é até hoje. A mãe a gente se dá muito bem, se pegamos também as vezes... são duas virginianas, né. E aí, tem a compensação, né... que o velho... é tudo. E a (...) agora é... eu acho que eu tenho uma relação com a (...) como mãe, que a minha mãe não teve comigo. E o pai dela tem uma relação que não é a mesma que meu pai teve comigo. Porque o carinho que eu tive do meu pai, os mimos todos, a (...) não tem do pai dela. Até por que sou eu que fico mais com ela, ela é mais grudada comigo, e...</p> <p>Com meus irmãos era tranquilo, às vezes a gente pegava no pau. Só que eles sempre saiam no prejuízo, porque qualquer gritinho que eu desse de socorro e também teve o meu irmão mais velho que era superprotetor, né. Ah, ninguém chegava perto da maninha, e é até hoje. E nós agora, nos reunimos, como tá todo mundo espalhado, né, aí final de ano é época de se reunir todos. Aí a gente fica relembando, né, mas nós aprontava muito também. E tinha os mais do meio e o nenê, né, que nós se pegava valendo. Aí eu dava um grito, ou era o pai lá me bajulando ou era o meu irmão mais velho, e os outros é super tranquilo também. A gente conseguiu manter uma relação bem boa, apesar das brigas, que isso é normal de criança, eu acho, né, de irmãos.</p>

	<p>Ah só da minha finada vó, que a finada vó morava perto, né, ela era bem... não é das vó que mimam, sabe. Até porque também ela tinha uma penca de neto, e tudo na volta, deixava a velha meia louca mesmo. Ela era bem briguentinha. Ela reclamava: “você não tirem essas frutinhas verde”. As frutas caindo no chão “não tiram”; “você não vão tomar banho no açude”. Aí nós despistava ela e lá tava nós de pau nos pé de fruta, nadando dentro no açude. Mas também, na verdade a família ficou sempre meia, principalmente na infância, né, ficou toda meia ali na volta, tios, avó da parte de pai, porque de parte de mãe, nós não tivemos muita convivência com ela porque ela foi morar no Mato Grosso, quando eu tinha três anos de idade. Então eu convivi com a minha avó materna até os três anos de idade. E depois disso não vi mais ela, sei que ela tá viva ainda, minha mãe foi visitar ela mas eu não reencontrei mais minha avó. Então, fazem vinte e oito anos que não vejo minha avó materna. E eu acho que minha infância foi boa. Claro que teve montes de dificuldade, né, mas fome nós nunca passamos. Esse é um mérito, acho que é um mérito dos meus pais que apesar de pobre, muito pobre, mas nunca deixaram faltar alimentação para os filhos. E não era um eram cinco. Eu acho que é isso.</p>
<p>C</p>	<p>Não sei se tem alguma coisa marcante assim... que a gente sempre, era sempre, tu nunca conseguia fazer um ciclo de amizade, o pai já voltava para o outro. Sempre transferido, né. Mas o que eu me lembro assim da minha infância, do meu tempo de infância assim, era a questão da vó, assim, a vó nunca deixava passar em branco. Hoje em dia, quando, às vezes a gente vê que as pessoas não ganham nem um bolo de aniversário, né. A vó nunca deixava passar em branco, assim. Nós podia tá longe, sabe, morando longe, mas aí ela vinha, fazia um bolinho pra nós. Tava sempre, sempre teve escoltada com a família, assim, com a mãe. Depois quando comecei a crescer um pouquinho, aí o pai já parou mais tempo pra cá. Nós somos seis irmãos. São três meninas e três meninos. Só que uma gestação é gêmeos, né, então é um casal. Nós somos seis irmãos. Eu sempre fui urbana, essas função de cidade mesmo, né. O que nos gostava mesmo, por exemplo, quando chegava Natal, sempre tinha uma tia diferente que se fantasiava de Papai Noel. Umas coisas assim que eu lembro da infância. A minha avó materna, paterna, sempre morou conosco, né, até quando ela faleceu. E quando a mãe e o pai casaram ela tinha perdido o marido. Então, o pai, ela era muito ligada ao pai, assim e aí as irmãs mais novas do pai também, então tinha, tudo, nos estava em Uruguaiana, quando nós estava em Porto Alegre mas quando voltamos para São Borja, elas foram tudo morar junto com nós lá, ela a mãe, né. Depois a gente veio, daqui elas vieram, depois a gente veio pra Porto Alegre e elas vieram tudo, né, então tudo, sempre junto, assim, a família. E a minha vó, ela, uma coisa assim que eu lembro muito da infância, que eu acho que era sempre muito agitada, ela queria me ensinar crochê, até hoje. Me ensinar crochê. E não adianta, eu até aprendi muitas coisas... pintar, agora crochê. Sim, a gente brincava muito, né, com a gurizada, assim, era brincadeira mesmo de boneca, boneca, casinha, essas coisas assim bem menina, assim, sabe. Ah não, era muito terrível. Eu trepava em árvore. Quando nós morava em São Borja, me lembro que nós tinha uma casa, nós morava numa casa, que no fundo era um pé de manga. Mas era enorme aquele pé de manga e os caule tudo bem grosso, assim, sabe, e nós vivia ali em cima daquele pé de manga. E tinha uma cobra verde que morava naquele pé. Imagina era venenosa. Enquanto nós não puxava aquela cobra nós não sossegava. Então assim, eu sempre fui de andar correndo e coisa. Mas brincadeira mesmo, assim, quando a gente parava pra brincar era brincadeira de menina, casinha, boneca, essas coisas, né, quando parava pra brincar. Quando não era correndo, brincando de se esconder. Delar mesmo, nós estava brincando de se esconder, nós se escondemos atrás de um muro, e eu fui subir assim pra olhar pra o Delar e tinha uma perereca, um sapo, sei lá eu o que era aquele bicho, e eu me assustei e, em vezes de largar o bicho eu apertava. Coisa mais engraçada. Foi a minha primeira experiência com animal. Mas sempre assim de correria. Não sei muito. Tive a infância boa, né. Que eu consigo lembrar é uma infância boa.</p>
<p>D</p>	<p>Assim que eu vim conhecer televisão mesmo depois dos quinze anos. Fui bem assim criada na colônia, retirada. E aí depois nós viemos embora daí pra Porto Alegre, ali Sapiranga. Aí nós viemos tinha quinze anos. Aí a gente se criou assim, não tinha muito aquela infância de ficar brincando. Era... já logo botavam a gente a trabalhar na roça, a fazer serviço de casa. Então a gente não tinha como é hoje que as crianças gostam de brincar. Nossos brinquedos, eu adorava boneca, era meu sonho ter uma boneca. Aí o pai chegava, tirava as botas e nós pegava as bota do pai pra fazer boneca.</p>

	<p>E aí no dia de Natal, nunca me esqueço, a minha madrinha veio e me deu uma bonequinha assim pequenininha de plástico, com vestidinho de plástico também. E aí eu adorava aquela bonequinha, vivia brincado com aquela boneca. E era moça já, tinha quinze anos. E a nossa brincadeira era aquela, com boneca. Que nem tava falando, fazer casinha de capim, nós fazia, aí tinha mais o meu irmão que era pequeno também, mais uns amiguinho que tinha lá, aí nós brincava assim, fazia casinhas, cerquinha e botava bergamota, tirava as bergamota pra fazer porquinho. Essas brincadeira quando nós tinha tempo, né. Mas se não era trabalhar na roça e quando chegava em casa era limpar casa, fazer as coisas de casa. Era essas coisas assim, não tinha muito, muito assim. Estudo eu tirei muito pouco, porque pra nós estudar era muito longe, nós tinha que sair meio-dia, às vezes de manhã pra chegar na aula certa, né. E eu consegui fazer o terceiro ano, só, passei para o terceiro, eu nem... na verdade estudei o segundo, o primeiro e o segundo ano só, nem tirei estudo. E aí, por exemplo, na cidade,daí chegamo na cidade já, trabalhar, firma, calçado...</p> <p>A gente tinha muita vontade de estudar. A gente gostaria muito, mas aí, que os pais da gente acho que também vinham sei lá, também sem estudo, né, então queriam criar os filhos daquele jeito. Aí então, aquela vontade que a tinha de estudar, de sonhar, sonhos, né, de sair dali, ter uma outra vida melhor, né, de criança. Porque cedo, assim dez anos, eu já saí a trabalhar em casa de família, e não porque a gente era tão assim pobre, que não podia, era o pai que era muito assim, sabe, seguro. Que a gente na verdade não era assim tão pobre financeiramente, mas o meu pai era muito rígido, sabe. Mas assim não tenho muita lembrança. Era as brincadeiras que a gente fazia, né, era isso que a gente tinha, não tenho muita lembrança da infância. E a gente fazia muita arte, aquele tempo, hoje não, as crianças tem a televisão, não fazem muito arte, naquele tempo a gente fazia muita arte, assim, eu gostava de judiar dos bichos, eu judiava.</p> <p>Eu fazia isso aí, eu adorava... aí uma vez, o pai tinha dois cachorro, que eram caçador, né, só que eles incomodavam muito. Aí um dia o pai saiu e nós peguemo aquele cachorro e adorava dependurar ele e dar pedrada no cachorro... achava bonito aquilo ali, pra nós era tudo brincadeira. Se não nós prendia os gatos dentro de saco pra ver os gatos ou dentro de casa, os gatos ficavam bem louco. E a gente fazia esse tipo de brincadeira, se não trepava nos pés de árvore, o pai tinha muita bergamoteira, laranjeira, que ele vendia, né, as caminhonada vinham buscar. E aí nós gostava de trepar um num pé de fruta, outro no outro e se jogar fruta. Era as brincadeiras que a gente fazia, agora hoje não, as crianças já não fazem isso, já tem outras brincadeiras, mais... e era isso que a gente fazia. Eu era meio ruinzinha, gostava de judiar dos outros, bater era comigo. Era bem ruinzinha. E quando a gente ia no colégio também. E naquele tempo era longe, então nós tinha... sempre que fazia arte eles botavam a gente de castigo, aí nós ia no colégio e eu levava batata assada, nunca me esqueço. Aí tinha uma guria que vivia se gabando que ela tinha pãozinho branco, e nós tinha que rezar para o anjinho pra levar pãozinho branco e aí nós levava batata assada. Mas a gente tinha também pão, né, mas só que nós tinha costume de levar... e aí um dia nós fizemos uma sacanagem com ela, tomemo todo o pão dela, não deixamos ela comer o pão. Não deixamos ela comer o pão e nós tomava o pão dela e nós corria, e se ela chorava nós ia bater nela, não era pra ela chorar, era pra ficar bem quietinha, não era pra contar pra professora. Daí nós aprontava. Aí outra vez então, eu era... sempre fui mais pretinha da família, né, as outras são tudo branca, branca, tem uma que é bem loira. E aí, então me chamavam de negra, viviam me chamando de negra. Um dia eu esperei a mãe sair, daí eu peguei ela, ela era bem maior do que eu, e eu tranquei ela no quarto, peguei uma vara e dei nela bastante, nela pra nunca mais me chamar de negra. E a gente fazia assim, essas brincadeira, ou fazia boneca de pano, ia brincar, dava nome nas boneca, eu adorava brincar de boneca, é o que eu gostava. E hoje a minha guria também, ela já tá com 13 anos e adora brincar de boneca. Era isso mais que eu tinha assim.</p>
E	<p>Assim, morei até os cinco anos, até oito anos morei em sítio, bem longe. Aí depois, onde a minha mãe mora até hoje, que é em Águas Clara, que daí foi o resto da minha infância, né. Adorava ir lá pra casa da minha avó, só que ela já faleceu, adorava dormir com ela. Então ela não tinha luz, era só aqueles lampião, ah era tão bom aquele cheiro de lampião. E dormir com ela, comida de fogão a lenha também era bom. Então não tive muita coisa assim que, tinha televisão, né, era mais coisas moderna, tinha boneca, bastante, eu não tive muita história, é... era mais de ficar em casa assistindo tevê ou jogando bola na rua. Ah eu acho que era dormi com a vó. Era muito bom. Era a coisa melhor que tinha, não precisava ter outras coisas, só chegar o fim de semana e ir lá pra casa dela.</p>

	<p>O meu vô cortava cana, eu comia cana. Melancia, adorava ir pra lá. Ele sempre deixava melancia na sombra, que não tinha geladeira, essas coisa, né. Sempre deixava a melancia na sombra, quando eu chegava lá tinha. E com ela, sei lá, era só de ficar conversando com ela, ela me protegia muito. É como se fosse outra mãe, né, era bom. Diferente, hoje a minha filhinha também tem sete anos, chega os fim de semana ela quer ir lá pra minha mãe, fico bah... que época, também. Puxou a mim, né, que ela vai pra lá também. Acho que era isso, não tem muita história, mais era dormir com a vó.</p> <p>Eu tenho dois irmãos, né. O meu irmão na época ele tinha uns dois, três anos, aí jogava bola, até às vezes brincava de boneca, coitadinho, não tinha, fazia ele de boneca, porque ele era pequenininho.</p> <p>Botava vestidinho nele, ah que pecado. Hoje eu olho pra ele, né, ele já tem 22 anos já, andando de moto, bem arrumadão, eu digo, ah tu já foi minha boneca. É isso que a gente fazia. Mais era brincar na rua. Incrível, jogar bola, jogar vôlei, jogar taco. Porque os vizinhos que tinha era guri, né, mais dois guri, então a gente juntava os quatro e jogava. Não tinha muita coisa pra fazer. E a tevê tira toda a energia de brincar, de fazer outras brincadeiras. Eu acordava, ia direto pra televisão. Depois almoçava, ia pra escola, depois televisão de novo. Não tinha muita brincadeira.</p>
F	<p>Eu, pra mim, eu fui uma criança assim muito bem-vinda na família, porque eu era filha adotiva, então a minha infância, assim, pra mim foi ótima, na questão de hoje eu parar e pensar lá atrás que eu tinha várias, como é que eu vou dizer, que eu tinha várias regalias, de chegar um momento assim tipo dia de páscoa, isso eu nunca esqueci na minha vida, por que, foi assim, eu queria pintar a minha unha, eu era muito vaidosa. Aí, dia de páscoa, chegou o dia e não tinha esmalte pra pintar as minhas unhas.</p> <p>Isso eu deveria ter o quê, uns oito, sete ou oito anos. Era uma idade assim que mal eu lembro isso. E volta e meia eu comento com as gurias, né, que eu digo assim, é uma coisa que eu nunca esqueci, né, porque a minha mãe disse pro meu irmão. Porque eu tinha mais dois, mais velho que eu, aí o mais velho foi lá no bolicho, que nós dizia que era uma bodega, foi lá comprar um tal de esmalte para mim pintar a unha no dia de páscoa.</p> <p>E o outro foi que dia de Natal, porque antigamente era assim. Ah tu fez primeira comunhão, completou teus dez anos, tu não ganha mais presente do papai Noel. E isso ficou pra mim muito, né, porque daí minha mãe disse assim “esse ano tu não vai ganhar mais presente do papai Noel”. E eu chorei a noite inteira porque não ia ganhar presente do papai Noel. Esse também foi um fato. Aí minha mãe veio, me consolou e disse assim “não, tu não vai ganhar do papai Noel mas eu vou te dar um”. Então foi esses dois fatos assim que eu mais lembro, que é uma coisa boa, né, é uma lembrança. Que daí quando partir que tu criou teus os teus filhos, tu pára e volta pra trás assim, e diz assim mas eu tinha regalia mesmo, por eu ser uma filha adotiva, claro que eu fui uma criança muito bem-vinda na família e eu tive várias regalias, né, então eu não posso me queixar da minha infância, né, de dizer assim que eu não tive atenção. Tive muita atenção mesmo. Uma menina assim muito bem-vinda naquela família. Tanto que até hoje eu sou aquela pessoa bem querida na família deles.</p>
G	<p>Eu tinha, entrei na aula com sete anos e saí com doze anos. Aí estudei até a quinta série, estudei duas vezes aqui. Quando eu fiz 11 anos, eu não passei pra quinta série mas não tinha idade de sair, naquela época só podia sair com 12, aí eu tive que repetir a quinta série, né, felizmente, né, eu gostei. Mas a minha vontade era estudar mas não foi possível. Então eu saí bem novinha da escola. Então na coisa do tempo da aula, que eu ainda tinha acho que uns oito anos, nós estudava numa escola bem pequenininha, né, muito ruim, muito ruim, chovia, muita coisa. Daí, tinha um comício na época dos deputado, né, e daí era na terra do pai na sombra, que tinha um sombrero. Eles fizeram um comício lá de baixo. Daí a mãe disse não vai assim, pra nós, né, disse não vai assim para os deputado que iam lá pra escolinha. Posso cantar um versinho? Então a mãe ensinou nós, a mãe não tinha estudo. Chamou nós, as criança dali da comunidade, “vou ensinar vocês a cantar, vocês cantem assim: senhores deputados, viemos lhe encontrar, pedindo uma escola, pra nós estudar”. E daí a gente cantou duas vezes aquele versinho, eles ficaram muito emocionados. No outro ano tivemos colégio novo, graças a deus. Então este um fato que me marca, que vem da minha mãe, no caso. E do meu pai, daí vou contar dois fatos, e tem bastante mas que mais me trás na minha infância, né, aí como o pai engordava o porco, daí a gente fazia comida pros porco cozida, aipim e soja e coisa. Mas antes de nós ir pra escola tinha que os porco.</p>

	<p>Mas tinha que ir, né, naquela época não tinha os agasalhos, pra nós era normal, era assim mesmo. E daí o pai tinha um arvoredo muito grande, acho que uns vinte pé de bergamota. Então a gente às vezes de noite ia pra lá comer bergamota no outro lado e brincar pra onde não tinha espinho, eram antigo, já né, dava muito chupar as bergamota bonita lá em cima. Aí quando veio a questão do soja, o pai botou nas bergamota, ficamos sem as bergamota, plantou soja. Claro que nós já tinha outro arvoredo mas, a questão dos arvoredo, como é que chama, o arvoredo que logo dá dois, três anos, esse que a gente faz, enxerto. Aí ele trocou, plantou os enxertos, claro, no ano já tinha de novo mas não era as nossas bergamoteiras. Então a gente, eu tenho essas duas coisas marcada, né. E marca da escola e vem a nossa questão do trabalho.</p>
Sujeito	Pergunta 3: O que mais marcou a tua adolescência?
A	<p>Eu, o que marco, acho que a (...) que foi um... uma crise conjugal do meu pai e da minha mãe, que ali foi praticamente o início do fim do casamento deles também. Eu tive uma adolescência bem, assim, conturbada. Bem, foi bem complicado. A gente tinha medo, assim, o pai tinha medo de se separa da mãe e ela se mata. Ele sempre dizia pra nós que ia espera nós cresce... pra sai de casa. E foi o que aconteceu. O mano, ele tinha ele tinha 19, ai eles se separaram mesmo.</p>
C	<p>Duas coisa, que assim, pra mim, eu acho que foram assim essencial, assim. Que pra mim foi o...o nascimento do (...) que eu tinha catorze ano e a mãe teve que fica hospitalizada e eu que tive que cuidar dele, né?! Eu nasci em Uruguaiana. Só que eu nunca morei efetivamente em Uruguaiana, né?! Eu passei a mora em Uruguaiana na minha adolescência, então pra mim foi... um ato, assim, que mudou, né?! Que trocou bastante então é a questão do (...) e esse, né?! Foi tudo, as duas coisa junto.</p>
H	<p>A minha foi... a ida pro acampamento e a separação dos meus pais. Com... 15 pra 16 anos. Eu e meu irmão passamo a mora sozinho. Mas apoio dos dois, do pai e da mãe. Só que eles tavam brigando muito... e muito desentendimento, daí. A separação do meu pai e a ida pro acampamento, que daí eu e minha mãe fomos pro acampamento, os guri foram pra lá. Depois perdemo contato com meus irmão e o meu pai proibia, um certo ponto, minha mãe de ver os guri e os guri também não podia ir até nós que eram pequenininho, né?! Um tava com treze, outro tava com nove. Aí a ida pro acampamento. A parte que mais me marco na adolescência.</p>
Sujeito	Pergunta 4: O que tu mais gostavas de fazer?
C	<p>Ah, eu tava, eu era muito, sempre fui muito elétrica, né?! Muito. Não tinha uma única coisa assim. Mas o que eu gostava mesmo, também, era junta a gurizada e ir pros baile, né?! Juntava. E aí a adole..., a minha adolescência já passou a, eu passei a carrega junto meu tio mais novo, que tinha a minha idade, né?! Então a gente começo, né?! Ele cuidava de mim eu cuidava dele (risos) e aí a gente qua... aí eu, aí eu comecei a te liberdade pra saí, pra dançar, porque até então minha mãe não deixava eu saí, né?! Ai com o tio, né?! Quando fomo mora em Uruguaiana, com o tio, a gente juntava aquela turma toda da escola, eu estudava de noite, ela não dexava eu saí sozinha, né?! Passei a estuda de noite pra pode ajuda ela em casa com o menino, né?! Ma ela não dexava eu saí sozinha. Então, aí quando eu cheguei pra Uruguaiana assim, com o meu tio, então a gente se juntava. A gurizada tudo ali envolta ia pro baile no "Quevedo Recreativo". Não eu só... tu sabe que eu nunca tive sonho, assim, de por... por isso que eu acho até que eu so meia, não consigo te paradero, assim. Eu gosto muito da área da culinária, mas isso eu peguei com... com o tempo, assim. Na minha adolescência eu nunca... tanto que eu fiz contabilidade, eu a-do-rava direito, ma nunca... direito não, legislação que tinha dentro da contabilidade. E eu tirava nota dez sempre. A única da turma que tirava nota dez em legislação.</p>
H	<p>Ah, minha adolescência uma parte que eu tive boa era reuni o final de semana a família e faze festa. Sai pro karaokê que o pai e mãe no início da minha adolescência iam junto com a, comigo e meus irmão. Que a gente ia num barzinho que tinha karaokê e janta lá. Era a parte mais divertida que a gente saia de noite, era ai. Meu pai era plantador de arroz, veio pra Eldorado trabalha... passo a trabalha em borracharia. Eu fazia cobrança pra ele. Então, não cheguei a te essa parte. Também nunca imaginava que ia ta no movimento do sem-terra. Que ia ta aqui hoje.</p>

Sujeito	Pergunta 5: O que tu mais gostas de fazer?
B	Coisa que eu mais gosto de fazê? Coisa de comê. Uma das que eu mais gosto é brinca com a minha filha, né?! Tá com ela, e...
C	Eu gosto de cozinhá.
D	Cedo, seis e meia sete horas que a gente tá junto. Adoro vê ele bota aquelas bota dele e sai atrás de mim, tratando os bicho. Até porque é uma coisa que eu adoro, né?! Levanta de manhã com ele e a gente vai trata os bicho. E agora tem a ternerinha que veio uma terne- rinha, ele ajuda, ajuda muito. Coisa que eu mais gosto assim. Né?! Lida na... na horta, lida com os bicho, cedo, né?! Isso eu gosto de fazê.
E	Eu fico em casa, né?! Por enquanto eu tô só cuidando da casa, né?! Mas eu quero aprende também a planta, tudo direitinho, né?!
F	Ah, é... aquele momento, ali, que tu vai lá e tira leite, daí tu leva pra dentro e coa e aquece o leite e bota o qualho... pega... deixa lá um pouco, daí tu já vai lá e faz outra coisa. Daqui a pouco tu volta ali. Então é um trabalho, assim, que tu... exige tempo, mas também tu pode fazê outras tarefas concilhando aquele trabalho. Até, antes eu tava falando com as guria é... é uma coisa assim. Claro, é tudo informal ainda. Não tenho nada, assim. Tenho minha cozinha, lá. Mas eu quero fazê uma peça, lá. Criá um cantinho. Botá um fogão, botá uma panela, tê lá tudo certinho. A gente sabe, né?! Tem que tê tudo organizado, tudo direitinho. Então conforme a gente vai andando, vai se ajeitando. E, também, eu gosto muito de lidá com a terra, né?! É plantá, é mudas de hortaliça. Isso é o... é o meu chão. Até que o ano passado eu me atraquei de enxada porque não dava tempo de lavrá. Eu me atraquei de enxada pra fazê a minha horta. Eu também, nasci, me criei na família sempre lidando com o queijo. Então é bem... claro quando tu tá lá na casa tu não presta atenção assim: ah, a mãe tá fazendo lá... Eu aprendi com ela, mas o básico. Mas depois, aí eu vim pra cá... ah, é uma coisa muito interessante, que eu sempre digo, eu... eu fiz o curso, nós fizemo o curso, eu e a (...) Mas fico ali, né?! Fico aquilo. Daí meu filho foi estudá no colégio agrícola, né?! E foi exatamente com ele que eu aprendi mais, a fazê mais direitinho o ponto da massa. Isso eu aprendi com o meu filho. Naquele tempo ele aprendeu no colégio. É. Que daí ele começô a fazê o queijo, ele dizia: "mãe, mas não é assim. Experimenta fazê assim, mãe, pra ti vê". Aí eu fui aprendendo com ele, né?! Exatamente o ponto da... do calor, assim. E no curso tu aprende o básico dos bá- sico, né?! Aí tu vai aprendendo lá na teoria... na prática mesmo. E eu aprendi mesmo, fazê o queijo, foi com meu filho. Ele que veio e me deu as dica inicial. "Mãe é assim, é assado". Claro que na época eu tava fazendo o curso junto, né?!
G	Eu como sempre, a minha atividade que eu mais gosto é agricultura. Mas daí, dentro dessa etapa tem várias coisas. Mas uma delas que eu faço com prazer, é trabalhar a questão da produção de leite, né?! Ou levada de leite. Como é o caso de queijo, né?! Então, trabalha com o leite como é uma das coisa que eu faço porque eu gosto. Claro que a gente precisa de dinheiro, né?! Eu faço porque eu gosto. Se não eu podia vendê o leite, né?! É uma coisa que eu adoro fazê. Eu gosto de produzi queijo. É. Isso eu faço porque eu gosto. Claro que dentro do leite a gente tira leite, isso é coisa que eu... é normal de gosta. Ou plantá e colhê. Mas assim é... que eu gosto de fazê, eu faço porque eu amo fazê é produção de queijo. eu tô reclamando. É uma das coisa, né?! E a outra é... que daí também não tô fazendo ainda, mas já... algumas coisa eu faço, é a ques- tão de planta... planta árvore. Falei até pro (...) eu tenho sonho, assim, de produzi muito, assim, árvore. Plantá árvore, plantá árvore, assim. Planta sementinha, tu vê ela nasce, fica ali todo dia olhando até que ela bota a primeira cabecinha. Pra mim aquilo é uma vitória, né?! Então isso é uma das coisa que eu também faço. Tudo que eu faço eu gosto, mas é o que se destaca, assim, no meu querer, assim. No meu gosta. É. Tudo que eu faço, eu faço gostando de fazê. Mas é uma coisa que se destaca dentro de mim. Que teria vocação, eu acho, né?! Se fosse pra mim trabalhá, escolhe alguma coisa na vida. Pra... uma... escolhe uma profissão pra mim, eu acho que eu ia sê... Nem sei com é que chama isso, mas seria produzi muda de árvores. Sabe? Pé de árvore e plantá. Pois é. Que tipo assim, ã... fazê o queijo é uma arte. Tu aprende...tu começa, tu não sabe. Mas daí tu vai indo. Cada dia tu descobre uma coisa nova nele. Aí, até tu apron... aprimorá, né?!

	Então ele se torna uma arte pra ti. Não é como tu lava uma roupa, não é como... tudo isso a gente gosta de fazê. Ou então, como eu falei de plantá árvore, mudas, verdura, também é. Eu minha vida é minha horta, flores, tudo, né?! Mas é porque é uma arte, tu se desestressa. Não é aquela coisa de rotina. Vai trabalhá numa fábrica, vai pregá tachinha no sapato, pregá tachinha no sapato, sabe? E na plantação ou na produção de queijo não é. Tu aprende coisa nova cada dia. No caso a mãe me deu a receitinha, né?! E eu... mas eu fui aprimorando, assim, com o tempo, né?! Claro que eu também já fiz um curso, né?! Fizemo o curso de aprendizagem de fazê queijo. Todos os dias.
Sujeito	Pergunta 6: Gostas de trabalhar sozinha ou em grupo?
B	Tá, eu gosto de trabalha sozinha. Depende, porque tem algumas situações que... isso é muito variável, né?! Dependendo do grupo tu mais dá risada do que tu produz. Então são várias situações, né?! Ambos os dois. Agora, comida é uma coisa que eu odeio fazê em grupo. Tenho pavor de outras pessoas fuçando nas panela. Isso eu não gosto.
C	Pra mim, tanto faz. Tanto faz se, sozinha ou em grupo. Pra mim tanto faz. Se eu tive que trabalhá, se eu tive que cozinhá sozinha, eu cozinho. Agora, se tivê que duas, três, quatro pessoa junto, também, não tem problema.
D	Ah, eu também gosto assim que, né?! Em grupo, sozinha. Eu gosto, né?! Claro que em grupo é mais divertido, né?! É mais, depende do que tu vai fazê também, né?! Se é horta ou os... mas é, né?!
E	Eu gosto de trabalhá em grupo. Por causa... daí vai tendo uma idéia daqui, né?! Tendo as idéias, daí fica... fica melhor. Acho... acho que fica mais à vontade, né?! De... de trabalhá. De te opinião, como eu não sei muita coisa, pergunto pra um, pergunto pra outra. Acho que é melhor em grupo.
F	É. A gente desde que veio aqui no assentamento a gente sempre tá... tu trabalha no... no teu lote, mas sempre buscando a idéia do grupo, né?! Então, eu sempre participei do grupo. ã, desde que quando a gente chegou aqui, eu trabalho no grupo de mulheres. Tanto é que hoje eu tenho assim, um nome, né?! Desde quando a gente veio, sempre trabalhando no grupo. É, trabalha lá no teu lote, mas o... as idéias é no grupo, né?! Que vai... vem vindo do grupo. Ah, a E tem uma idéia, a (...) tem outra e aí tu vai juntando, né?! Até chegá... chegá no ponto que nós cheguemo de nós fizemos as estufa de... de mudas de hortaliça, né?! Tu tem aquele momento do grupo, né?! Nada tu vai... eu... a gente praticamente nunca... sempre tem aquele momento de tu se encontrá lá no grupo e trocá as idéias. "Ah, isso aqui é melhor, assim é melhor. Daquele jeito nós já fizemo e não deu, vamo tentá do outro". Então é assim que a gente vai.
G	Pois é, eu já... bem no início, uma das coisa que me fez, eu acho que, fica um pouco adulta... mais adulta, né?! É que quando a gente descobriu uma outra maneira de vive na sociedade. Que é... ã... assim, com é que é... contribuido com o outro. Desda questão de se organizá, organizá as coisa. Não qué dizê que tu precise produzi, trabalhá diretamente no grupo. Mas que tu tem que trabalhá com o grupo pra organizá as tuas coisa, né?! Desda produção, venda, tudo, né?! Como um sozinho é mais difícil. Então isso... isso transformô a minha vida um pouco nesse questão de sê adulta, porque não é fácil tu... tu... como é que eu vô dizê... tu dividí a tua vida, no dia-a-dia, com as outras pessoa, né?! Então isso me tornô adulta. Como que eu vô me pros... me... me... como é que eu vô dizê... como é que u vô me... me... me relacioná com as pessoa. Exige bastante de ti. Pra tu sê boa pros outros e quan... e a... e achá que os outros são bom pra ti. É muito difícil, né?! Pras pessoa vive ou convive em grupo. Então é uma coisa que me fez crescê e entendê que a gente pra tê uma coisa e sê feliz, tem que trabalhá em grupos, né?! De qualquer forma, ou uma comunidade ou no trabalho do dia-a-dia. E nós, assim, trabalhamo junto, no grupo desde quando eu tive aqui no assentamento. Já faz mais ano que a (...) tá assentada, né?! Sempre trabalhei... Não qué dizê que a produção fosse produzida no grupo, mas a organização da produção, a venda da produção e a mão-de-obra em mutirão. Isso fez eu cresce bastante, né?! E entendê que precisa é... sempre a gente trabalhô... desde a minha... a minha... a minha empregada nossa, desde quando nós tava... tinha a minha empregada, que nós trabalhava no dia-a-dia, nós sempre junto. Nós pranta as miúdeza, que a gente diz, que é pipoca, pepino, ã... melancia, amendoim, nós prantava junto. Na terra dela e eu na minha. Mas nós ia junto plantava, nós junto limpava, nós junto... Então a gente acha que precisa sê assim.

	A pessoa não pode se isolá, achá que sozinha ela faz. Tu, claro que financeiramente tu se vira, né?! Tu pode pegá um trabalho, se virá sozinho. Se fosse por isso eu jamais ia querê tá no grupo, né?! Mai não, eu sinto necessidade, eu gosto, eu acho que precisa sê assim. Até pra sociedade sê um pouco mais calma, pra pará... Então eu gosto muito de trabalhá em grupo. Acho que é importante, tem que sê assim.
Sujeito	Pergunta 7: Qual o significado do MST?
B	Eu digo que o MST... o significado do MST pra mim é renascimento. Porque eu participo do movimento desde os dez anos, né?! Então eu digo que a a a idéia, a melhor idéia que teve meu pai e minha mãe foi o momento que eles foram pro foram pro acampamento. Então, e até eu prefiro conta a minha idade a partir do...
C	Pra mim... pra mim o movimento significa oportunidade. Em todos os sentidos. Oportunidade de crescimento pessoal, oportunidade de crescimento da família, coletivo, oportunidade de de vive melhor, de se alimenta melhor. É, porque quando nós decidimos i pro... i acampá, porque te então a gente trabalhava com a pastoral da da terra, pastoral da criança, daí a gente sempre tinha ligação com com o movimento, mas sempre de fora, né?! Sempre simpaticizando. Quando decidimo acampa, então pra nós foi uma oportunidade. Porque a gente não, a gente não... morava junto com os sogros, né?! E é complicado, assim, a gente mora junto com o sogro e tal. Já tinha... já tinha um menino e tal. Então pra mim, o Movimento Sem Terra significa todas oportunidades. O que eu já tenho hoje, em bens materiais, o que eu tenho hoje em conhecimento, em viagem, em amizade, isso, do movimento pra cá, três vezes mais do que eu tinha antes. Né?! Já fui, já andei por esse Brasil todo, aí e fiz, né?! vários cursos. Então pra mim, o Movimento Sem Terra é uma oportunidade de melhorar todos os sentido como pessoa, né?! humana, como bens materiais, bens de de alimentação. Pra mim, é isso.
D	É eu assim, que nem eu fui acampada. Fique uns dois ano acampada. Sempre gostei muito de participa. Quando tinha alguma... eu gostava de participa. Gostava de i pras luta. Isso eu sempre gostei, assim. Não faço mais porque nunca mais pude, né?! Mas eu... eu gosto de i, de participa, né?! Sempre gostei. Até sinto falta dos...
F	Pra mim, o significado do MST é tudo. Porque foi através do MST que hoje eu tô aqui e que eu tenho tudo que a gente tem. Se eu não tivesse entrado na organização MST, talvez eu tava lá trabalhando, nem sei se eu tava trabalhando... tava trabalhando lá de carteira assinada. Não sei onde é que eu ia tá hoje. Então, pra mim, o MST é tudo. Não tem... eu não tenho como dizê ã, explicá, né?! Porque é tão grande, pra mim, isso... em outras palavras é... é tudo que eu tenho. O MST é tudo que eu tenho hoje. Não. Noventa e sete. Depois ficamo oito meses de acampamento. Então, eu desde noventa e sete a gente tá... tem uma ligação com o MST, né?! Que foi quando foi feita a articulação lá na comunidade base, lá. Daí a gente foi... aí meu marido chegô e disse assim: "eu vô me acampá. E eu disse pra ele: "tu é loco". (risos) Mas daí nessa locura eu também entrei, né?! E... e a gente não... não... não tem como tu explicá uma coisa assim. Que é... é muito... é muito grande, muito bom, né?! Porque... porque se eu não tivesse entrado, eu acho que hoje eu não tava aqui, não tinha casa, não tinha terra, não tinha nada. Lá onde eu morava eu trabalhava de ameira e meu marido era po... era muito pobre também. Então, não tinha meios de... de tê uma quantidade enorme de terra assim. Isso.
G	Tá eu... mais eu bem rapidinho então. Então eu... o Movimento Sem Terra pra mim, o MST é isso aí. É tudo, porque eu comecei o Movimento Sem Terra eu... foi, no ano oitenta e cinco. Que a gente já começô no trabalho de base, né?! E já foi direto acampá. Só que daí, depois, ah... foi o tempo da fazen... da ocupação da fazenda. A gente ficô dois ano trabalhando no acampamento. Tipo, a gente saí de lá pra formá o sindicato combativo e entramo na política, né?! E depois aí, acho que dois... oitenta e cinco... oitenta e nove nós ingressemos de novo acampá, mais nos... todos acampamentos que teve até então, de oitenta e cinco à oitenta e nove, meu marido ele era... ele ajudava na... ajuntamento de gente... como é que se diz... no trabalho de base.
Sujeito	Pergunta 8: Qual o teu talento?
B	Odeio crochê, odeio tricô. Não, tem uma uma coisa que eu gosto de fazê, assim. É na função de trabalha com fruta desidratada. Eu goste de fazê, de trabalha com a semente. Eu acho que é um dos talentos que eu tenho e... Não, o curso foi na prática mesmo. Porque nós já trabalhava lá em Piratini, junto com o pai, com a mãe. Lá era com pêssego, né?! Agora eu, especificamente, é o tomate, né?! Tomate seco.

C	Mas eu tenho... Acho que o meu talento é fazê bem feito o que eu faço. Seja o que for sabe. Pode ser um... Quero fazê bem feito. Seja o que for. Fazê bolo fazê..., adoro fazê bolo.
D	É, sempre fui dona e casa, assim, né?! Eu não pinto, não bordo, não faço crochê, não gosto dessas coisa.
E	Meu talento? Bah... eu também tô em aprendizagem ainda. Tô tentando descobrí. To descobrindo, mas acho que é plantá também, né?! Dedicá... é isso aí também. Como eu vô dizê, fugiu as palavra. Não tem talento assim.
F	Meu talento é trabalha na terra e o que vem da terra e é isso, não tem... não tem muito o que...
G	Meu talento é trabalhá bem, tanto a terra quanto o que vem da terra. É meu talento, né?! Trabalha a terra, plantá, colhê. Acho que é porque eu nasci assim, né?! Nasci na agricultura e... e acho que vô continua até o fim. E... e eu tenho... tudo que eu boto a mão, eu gosto de fazê e faço e dá certo. Acho que meu talento é sê agricultora.
Sujeito	Pergunta 9: O que é preciso para colocar o teu talento a serviço do grupo?
B	Em função, na questão das frutas... desidratação, uma das coisas que pra mim faz falta, hoje é a questão de uma estufa de secagem. Porque é muito caseiro assim. Questão de, também, embalagens e um rótulo bonitinho ali, pra...
C	O que me falta é isso. Pra mim desenvolve minha arte. De verdade, assim, não é, o quê que falta? Tudo que a gente faz, a gente faz em casa. Não é... da melhor maneira que a gente pode, mas... É. De repente eu ainda falta me especializa um pouco mais, na questão tanto da alimentação como dos bolo. Sei lá um curso, uma coisa nesse sentido. Que, se fosse fazendo em casa, tu vai fazendo do jeito que tu pode, né?! Talvez um pouco nesse sentido, assim. Eu to sempre buscando, quando tem uma oportunidade que eu posso aproveitá, eu faço e vô. Mas não é fácil. Geralmente esses curso são tudo pago e tem mais a despesa de transporte e coisa.
E	Acho que só vontade mesmo. Coragem também, né?!
F	É metê a mão na massa. Então, é a gente tem um planejamento. Que nem diz a (...). Ã, tu tá com aquele planejamento pronto mas daqui um pouco dá um furo lá do outro lado e tu não consegue a... colocá aquilo ali em prática. Toda hora nós se falamo por causa da estufa e não consigo abri um buraco pra nós fincá o pau. Então é... é aquilo de coragem e metê a mão na massa. Não tem muito o que esperá, né?!
G	Eu... eu... como eu já disse, eu tenho um sonho grande de... sempre, acho que quem me acompanhô até agora trabalhando no grupo, todos, até a (...) acho que sabe do meu... do meu desejo que eu tenho de... de te um canteiro de mudas, né?! Mas eu, o que eu acho que eu tenho que fazê é botá a mão na massa, né?! Com a minhas companheira ai do grupo, nós botá a mão na massa e começá a botá em prática esse talento que tenho. Eu acho que eu... que eu vô... eu sei que eu vô me dá bem. Não... não vô dizê assim, financeiramente. Não vô me dá bem no meu... no meu ego, assim. Pro meu bem estar, né?! É botá a mão na massa e fazê a coisa acontecê, né?! Depende de mim também. Eu acho que a minha contribuição... tenho coragem pra assumi que eu também... eu sei que eu fraquejo, né?! Como sempre, mas eu... não vai dependê só de mim, não. Eu preciso de ajuda das minhas companheira e da onde eu tô me agarrando. Porque ã... a gente trabalha aqui, assim, pra sobrevivê... sobrevivência, né?! Isso tu depende de te um pouco de investimento. Então, tu bota a mão na massa e tem a coragem de fazê... É dinheiro pra começá, sabe? E talvez... a gente não sabe, ás vez não assume o erro da gente, talvez seja um pouco de coragem, né?! O medo que eu tenho de começá, talvez não dá certo, né?! Eu sei que vai dá certo de plantá, vai nascê e vai se criá. Isso eu tenho certeza. Eu não sei porque que ainda não... mas eu tenho... eu tenho muita vontade de colo... de botá em prática, né?! O que eu tenho que fazê é criá coragem e me partí, partí pra luta, né?! Que eu já tenho viu, já tenho... isso eu sempre faço. Como eu disse eu tenho mudas prontas... eu... eu plantei... muita árvore grandona aqui é muda que eu faço, assim. Mas a... além... além dos outros, né?! Que a gente tem vontade de fazê todas as coisas... mesmo do queijo a gente gosta de fazê. Isso eu faço todo ano, né?! Mas é botá em prática.

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE C – Listagem de respostas obtidas a partir da análise de conteúdo das histórias de vida

Infância						
Sujeito	Fatos	Locais	Sujeitos	Objetos		
A	infância foi complicada	Cruz Alta, zona urbana	pai e mãe			
	separação		pai e mãe			
	troca de emprego	sair da escola particular	pai			
	gostar das férias	casa da tia	tia			
	dormir no sofá	casa	pai	sofá e pano		
	costurar		mãe	agulhas e retalhos		
B	receber mimos		pai			
	jogar bola, pescar, caçar passarinho de estilingue		primos	bola e estilingue		
	morou em diversas cidades	acampamento em Cruz Alta, Palmeira das Missões, Cruz Alta, Bagé e Piratini	família			
C	o pai era gerente, morou em várias cidades	Uruguaiana, Porto Alegre, São Borja, Taqui, Uruguaiana e São Borja	pai			
	presença da avó		avó			
	fantasia de Natal		tia	fantasia de Papai Noel		
	brincadeiras		crianças	boneca e casinha		
D	trabalhar na roça e fazer o serviço de casa	Rodeio Bonito, zona rural				
	sonhava ter uma boneca			boneca		
	fingia que as botas do pai eram uma boneca		pai	botas		
	ganhou a boneca no Natal		madrinha	boneca		

	aos 10 anos foi trabalhar em casa de família		pai muito rígido			
	subia em árvores e jogava frutas		crianças	árvores e frutas		
	maltratava os animais			cachorros e gatos		
E	jogava vôlei, futebol e taco	Águas Claras, em sítio				
	dormir com a avó		avó			
			avó	lâmpião e fogão a lenha		
				televisão e boneca		
	comia melancia e cana		avô			
F	carpia e tirava leite	Roque Gonzales, zona rural				
	era mimada por ser filha adotiva		família			
	ganhou um esmalte na páscoa		mãe	esmalte		
	ganhou presente da mãe no Natal		mãe	presente		
G	teve vontade de estudar	Seberi, zona rural				
	a mãe ensinou uma canção	escola	mãe	escola e música		
	plantava árvores frutíferas e derrubou para plantar soja		pai	árvores frutíferas		
Adolescência						
Sujeito	Fatos	Locais	Sujeitos	Objetos		
A	crise conjugal dos pais		pai e mãe			
	o sonho era ter um cyber-café	cafeteria				
C	o nascimento do filho e hospitalização da mãe	hospital e casa	filho e mãe			
	dançar	baile em Cruz Alta	tio mais novo			

	diziam para fazer curso técnico		pai e mãe			
	sonho em ser enfermeira					
H	divórcio dos pais		pais			
	ida para o acampamento	acampamento	mãe			
	afastamento dos irmãos		irmãos			
	ir no bar com a família	bar	pais e irmãos	karaoke		
Adulta						
Sujeito	Fatos	Locais	Sujeitos	Objetos	Participação e Interação	Condições e limitações
B	gosta de cozinhar e brincar com a filha		filha		é variável; não gosta de cozinhar em grupo	
					o MST é renascimento	
C	gosta de cozinhar e fazer bolo			bolo	tanto faz trabalhar sozinha ou em grupo	
					o movimento significa oportunidade pessoal, crescimento familiar, coletivo, oportunidade	
D	levantar cedo com o filho e ir tratar os bichos		filho		sozinha e em grupo; em grupo é mais divertido	
					sempre gostou de participar do movimento	
E	dedicar à casa	casa				
	quer aprender a plantar			frutas e hortaliças		
					gosta de trabalhar em grupo	
					MST significa bastante; a ligação se dá pelo marido	

F	ordenhar a vaca e fazer o queijo	casa	aprendeu com a mãe, fez o curso e o filho deu mais dicas	leite e queijo		
	gosta de plantar mudas de hortaliças	horta		mudas de hortaliças e enxada		
					trabalho no grupo de mulheres	
					o MST é tudo; iniciou através da comunidade de base	
G	gosta de trabalhar com agricultura, com queijo	casa	aprendeu com a mãe e depois fez curso	produção de leite e queijo		
	gosta de produzir mudas de árvores	terra		semente e árvore		falta iniciativa, condições financeiras e local para comercializar
					trabalhar com o grupo; trabalhava em mutirão	
					o MST é tudo; começou através do trabalho de base	
Talento						
Sujeito	Fatos	Locais	Sujeitos	Objetos	Participação e Interação	Condições e limitações
B	não gosta de crochê nem de tricô; gosta de trabalhar com fruta desidratada e sementes	Piratini	aprendeu com os pais	tomate seco; estufa de secagem		é preciso de estufa de secagem; embalagem e rótulo
C	fazer bem feito			bolo		Especialização
	gosta de trabalhar com a verdura depois de crescida					
D	não sabe					
	gosta de trabalhar com verduras			verdura		
	gosta de criar animais					

E	está descobrindo o próprio talento					é necessário vontade para colocar em prática
F	trabalhar a terra e o que vem da terra					meter a mão na massa e coragem
G	ser mãe e facilidade em gostar das pessoas					
	trabalhar a terra e o que vem da terra					colocar a mão na massa; investimento financeiro e coragem
	ser agricultora					

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE D – Listagem de respostas obtidas a partir do questionário

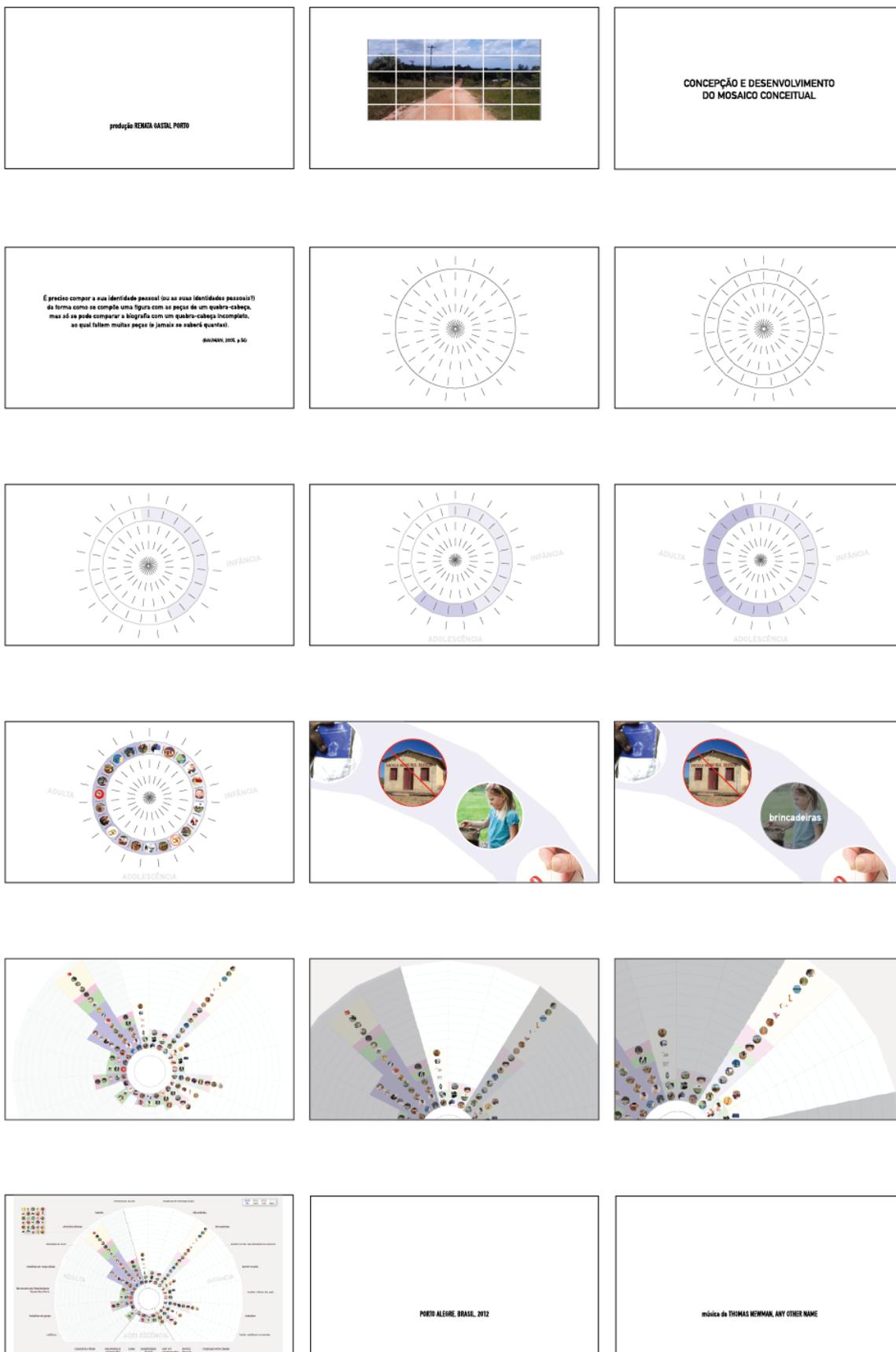
Sujeito	Local de nascimento	Zona	Corede	Mesoregião
F	Roque Gonzales	rural	Missões	Noroeste rio-grandense
G	Seberi	rural	Médio Alto Uruguai	Noroeste rio-grandense
B	Braga	rural	Celeiro	Noroeste rio-grandense
C	Uruguaiana	urbana	Fronteira Oeste	Sudoeste rio-grandense
D	Rodeio Bonito	rural	Médio Alto Uruguai	Noroeste rio-grandense
I	Frederico Westphalen	rural	Médio Alto Uruguai	Noroeste rio-grandense
J	Taipão Fundo	rural	Missões	Noroeste rio-grandense
Sujeito	Data de nascimento	Idade	Estado civil	Religião
F	04/12/54	58 anos	Casada	Católica
G	12/07/58	54 anos	Casada	Católica
B	24/07/60	52 anos	Casada	Católica
C	24/01/64	48 anos	Casada	Católica
D	08/11/68	44 anos	Casada	Evangélica
I	14/05/72	40 anos	Divorciada	Católica
J	18/09/79	33 anos	Casada	Católica
Sujeito	Profissão	Profissão/mãe	Profissão/pai	Escolaridade
F	Agricultora	Agricultora	Agricultor	1° grau
G	Agricultora	Agricultora	Agricultor	5° série/1° grau
B	Agricultora	Agricultora	Agricultor	2° grau
C	Agricultora	Do lar	Comerciante	técnico em contábil
D	Do lar	Agricultora	Agricultor	3° série/1° grau
I	Agricultora	Agricultora	Agricultor	5° série/1° grau
J	Agricultora	Agricultora	Agricultor	6° série/1° grau
Sujeito	N° de pessoas moram na residência	Quem mora na residência	N° de filhos	Setor de moradia
F	2	marido	2	A
G	4	marido e filhos	5	A
B	3	marido e filhos	1	C
C	9	marido, filhos, mãe e sobrinhos	mais de 5	C
D	5	marido, filhos e mãe	3	A
I	2	marido	3	A
J	2	marido	1	A
Sujeito	Vizinhas	Preferência por trabalhar	Com o quê gostaria de trabalhar	Principal atividade explorada no lote
F	(resposta ocultada)	no próprio lote, dentro do assentamento	mudas de hortaliças	frutas mudas e leite
G	(resposta ocultada)		mudas de verdura, frutas e árvores	pomar, galinha poedeira e horta
B	(resposta ocultada)		frutas e horta	frutas
C	(resposta ocultada)		pão e geléias	pomar, horta, panificio e animais
D	(resposta ocultada)		vaca de leite e horta	frutas e horta
I	(resposta ocultada)		na roça	horta e plantação
J	(resposta ocultada)		na padaria	arroz e frutas

Sujeito	Atividades pelo qual é responsável	Quem auxilia e em qual atividade	Produtos comercializados no lote	Área de comercialização
F	mudas, hortaliças e leite	marido auxilia nas frutas	leite	local
G	todas	todos os familiares, marido e filhos	ovos	local
B	horta, fruta e bichos	marido, com animais e frutas	frutas, porca e hortaliças	local
C	adubação, limpeza, fabricação do pão e organização da padaria	filhos, cunhado e marido	animais, frutas, ovos, pães e doces	local
D	galinha, casa e alimentação	marido	árvores e saladas	local
I	horta, arrumar a casa, criar vaca, porco e galinha	ninguém	queijo, leite, ovos, galinha e frutas	local
J	(não respondeu)	ninguém	arroz	regional
Sujeito	Quem são os compradores	Dificuldades para produzir no lote	Atividades de maior desempenho	Atividades de lazer
F	vizinhos e pessoas conhecidas	infraestrutura	queijo; mudas; hortaliças	tomar chimarrão
G	vizinhos, vários	irrigação; adubos; infraestrutura	trabalhar na agricultura; cozinhar; fazer queijo	pescar; tomar chimarrão; ir à igreja
B	vizinhos	infraestrutura; adubação; irrigação; mão-de-obra	horta; frutas	pescar; jogar bola
C	vizinhos; amigos; conhecidos	recursos financeiros; fabricação	produzir pão; geléia; doces; queijo	internet
D	vizinhos	investimento	plantação	gosta de ficar em casa brincando com o filho
I	particular	terra fraca; fechar cerca	criação; cuidar de casa	assistir televisão
J	(não respondeu)	recursos e infraestrutura	"tudo pouco"	visitar amigas; fazer crochê
Sujeito	Costuma sair do assentamento	Onde	Atividades externas ao assentamento	Itens que possui em casa
F	sim	(não respondeu)	visitar parentes; passear; fazer compras	1 televisão; 1 rádio; 2 celulares
G	sim	igreja; visitar parentes	visitar parentes; fazer compras; trabalhar	1 televisão; 2 celulares
B	sim	vários lugares	visitar parentes; passear; trabalhar	1 televisão; 1 rádio; 3 celulares; internet; 1 computador; jornal "Sem Terra"
C	sim	visitar as escolas; reuniões do partido	visitar parentes; passear; trabalhar; reuniões	1 televisão; 10 rádios; 4 celulares; internet; 1 computador; 2 notebook;
D	não	(não respondeu)	fazer compras	1 televisão; 1 rádio; 3 celulares
I	sim	casa dos filhos em Estância Velha; casa da mãe em Porto Alegre	visitar parentes	1 televisão; 1 rádio; 1 celular

J	sim	visitar parentes	ir ao médico	1 televisão; 1 rádio; 2 celulares
Sujeito	Membro de grupo	Função/cargo	Função/cargo dentro do assentamento	
F	Grupo de Mulheres	coordenador	coordenação do assentamento	
G	Grupo de Mulheres; Cooperativa; Comunidade	sócia e participante	moradora e participante	
B	Cooperlivre	presidente	Direção estadual	
C	Afise; Cooperlivre; Ação Coletiva Mulheres da Terra	Vice-presidente; Coordenadora do Grupo Comercialização	Coordenadora geral	
D	Grupo de Mulheres	companheiras	assentada	
I	Grupo de Mulheres	participante	não possui	
J	Coperav	era coordenadora na padaria	dona de casa	

Fonte: Elaborado pela autora

APÊNDICE E – Storyboard do vídeo



Fonte: Elaborado pela autora

ANEXO A – Projeto de pesquisa Design e Mulheres da Terra: território, produção, identidade e Sustentabilidade

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE ARQUITETURA E ESCOLA DE ENGENHARIA**

**Design e Mulheres da Terra: território,
produção, identidade e sustentabilidade**

Edital MCT/CNPq/SPM-PR/MDA Nº 020/2010

Categoria 2: Projetos com valor máximo de R\$ 25.000,00

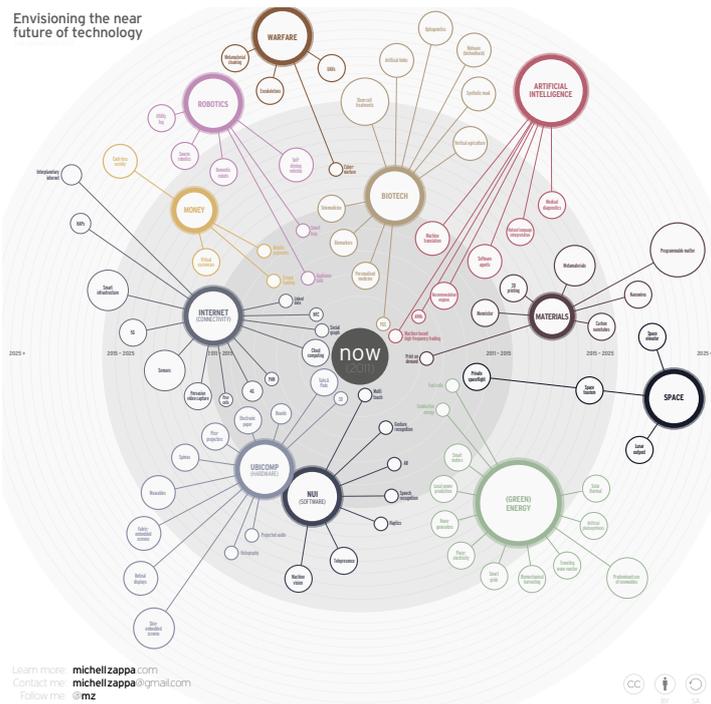
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

SELEÇÃO PÚBLICA DE PROJETOS DE PESQUISA CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E INOVAÇÃO

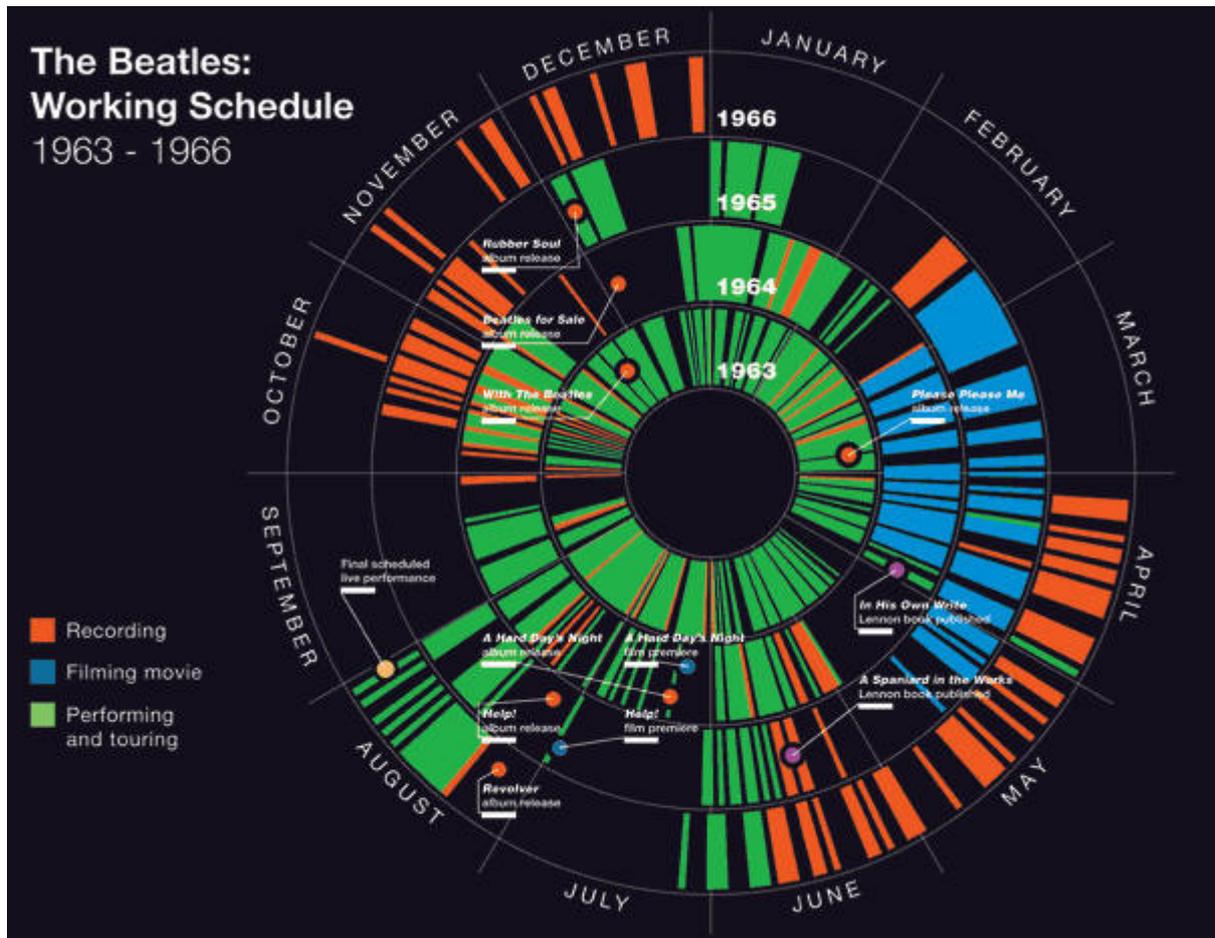
Coordenador

Prof. Dr. Júlio Carlos de Souza van der Linden

ANEXO B – Exemplos de infográficos



Fonte: Zappa, 2011



Fonte: Deal

VIDEO GAME timeline

In the world of video games, continue to evolve, we take a look back at popular consoles and video games that helped make Nintendo, Sony, and Microsoft the giants they are today.

1st Generation

- 1972** The world's first home video game console, the Magnavox Odyssey, sold 100,000 units in 60 weeks.
- 1974** One of the first home video games, Intellivision, is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1974** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1976** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1977** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

2nd Generation

- 1977** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1978** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1980** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1981** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1982** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

3rd Generation

- 1982** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1983** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1984** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1985** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1986** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

4th Generation

- 1987** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1988** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1989** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1990** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1991** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

5th Generation

- 1992** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1993** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1994** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1995** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1996** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

6th Generation

- 1997** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1998** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 1999** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 2000** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 2001** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

7th Generation

- 2002** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 2003** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 2004** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 2005** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.
- 2006** Atari's Pong is released. It is the first arcade game to use ROM.

Fonte: Online Database Education

TIMELINE OF GRAPHIC DESIGN HISTORY

1917 JAMES MONTGOMERY FLAHERTY DESIGNED THE FIRST "WANT YOU FOR THE U.S. ARMY" POSTER. POSTER DESIGN BECAME A PROFESSION IN AMERICA. POSTER DESIGNER ALFRED LEETE.

1919 BAKARIS, SEORANG SENIWARA KEMAH, DIBUKUKAN, AKHIRNYA MENYERIKAN KERANKA KERJA SENIWARA MODERN.

1932 STANLEY MORISON MENGAWAS DESAIN FONT TIMES NEW ROMAN, OTAKUTASARI OLEH TIMES OF LONDON.

1940 PERTAMA ISI MAJALAH "CURRENT EVENTS TEST".

1950 POP ART MERUPAKAN GERAKAN SENI YANG MUNCUL PADA PERTENGAHAN TAHUN 1950 AN DI INGGRIS DAN PADA AKHIR 1950 AN DI AMERIKA SERIKAT ADALAH SEORANG SENIWARA YANG MUNCUL PADA PERTENGAHAN TAHUN 1950 AN DI INGGRIS DAN PADA AKHIR 1950 AN DI AMERIKA SERIKAT.

1961 PSYCHEDELIC: BAHASA VISUAL KAMU HIPPIE / FLOWER GENERATION PADA ERA PROTES PERANG VIETNAM TAHUN 1960, MULAI MENYADAKAN PRINSIP DESAIN MODERN KEBERSIHAN, LEGIBILITY DAN CLARITY.

1967 DIMULAINYA ERA DIGITAL. ART, APPLI DAN KOMPUTER. PERTAMA MENCETAK, YANG MENAMPILKAN GRAFIS BITMAP. PADA TAHUN YANG SAMA, PERUSAHAAN MANHATTAN NEW YORK DESAIN MENYERIKAN LOGO MTV DENGAN DESAIN PSYCHEDELIC. PADA SAAT ITU PILA PHOTOGRAPHY PERTAMA DIGITAL, DAN TIM BERNERS LEE MENYERIKAN WORLD WIDE WEB. BERSAMA DENGAN HTML DAN KONSEP ALAMAT SITUS WEB.

1980 ERA GLOBALISASI: MENYERIKAN BERBAGAI NEGARA MENAMPILKAN DESAIN GRAFIS BERSI LOKAL, SEKALIGUS GLOBAL / INTERNASIONAL (ACROSS CULTURAL).

1990 BERNERS LEE DAN TIM BERNERS LEE MENYERIKAN WORLD WIDE WEB. BERSAMA DENGAN HTML DAN KONSEP ALAMAT SITUS WEB.

Fonte: Timeline of Graphic Design History